

Elsa Sofia Gomes Miranda

# Estratégias de complementação de verbos que selecionam complemento oblíquo nas interlínguas de aprendentes timorenses de PLS: usos das preposições argumentais

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, orientada pela Professora Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# Estratégias de complementação de verbos que selecionam complemento oblíquo nas interlínguas de aprendentes timorenses de PLS: usos das preposições argumentais

## Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>Estratégias de complementação de verbos que selecionam complemento oblíquo nas interlínguas de aprendentes timorenses de PLS: usos das preposições argumentais</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Elsa Sofia Gomes Miranda</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins</b>
<b>Constituição do júri</b>	<b>Doutora Maria Isabel Pires Pereira Doutora Ana Paula Loureiro Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda</b>
<b>Área científica</b>	<b>Línguas e Literaturas Estrangeiras</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Linguística Aplicada</b>
<b>Data</b>	<b>12 de janeiro de 2016</b>
<b>Classificação</b>	<b>17 valores</b>



# Índice

Índice de gráficos .....	III
Índice de tabelas.....	IV
Resumo .....	VI
Abstract.....	VII
Agradecimentos.....	VIII
1. Introdução	
1.1. Objetivos do estudo e justificação.....	1
1.2. Situação atual do português em Timor-Leste.....	3
1.3. Percorso da investigação.....	5
2. Enquadramento teórico-descritivo	
2.1. Predicador, argumento e estrutura argumental.....	7
2.2. Verbos que selecionam complementos oblíquos.....	11
2.3. Complemento vs. adjunto/modificador.....	16
2.4. Preposições introdutoras de complementos oblíquos .....	20
2.5. Desvios no uso de preposições argumentais no PE e em variedades de PL2.....	26
3. Metodologia	
3.1. Introdução.....	32
3.2. Caracterização dos informantes/aprendentes.....	33
3.3. Recolha e tratamento dos dados.....	40
3.3.1. Procedimentos de recolha dos dados.....	44
3.3.2. Procedimentos de tratamento dos dados.....	47
4. Resultados e discussão.....	50
4.1. Resultados globais.....	51
4.2. Análise dos desvios.....	55

4.2.1. Desvios no uso da preposição <i>a</i> .....	55
4.2.2. Desvios no uso da preposição <i>com</i> .....	63
4.2.3. Desvios no uso da preposição <i>de</i> .....	66
4.2.4. Desvios no uso da preposição <i>em</i> .....	74
4.2.5. Desvios no uso da preposição <i>para</i> .....	75
4.2.6. Desvios no uso da preposição <i>por</i> .....	79
4.3. Síntese relativa aos usos de preposições argumentais .....	81
5. Observações finais .....	83
Bibliografia.....	90
<b>Anexos:</b>	
Anexo I: Inquérito sociolinguístico.....	97
Anexo II: Exercício de produção de texto a partir de estímulo fornecido pela docente (resumo do filme <i>Assalto ao Santa Maria</i> ).....	100
Anexo III: Exercício de produção de texto a partir de estímulo fornecido pela docente (Retorno ao Ramelau).....	102
Anexo IV: Exercícios de eliciação, com preposições em alternativa (1).....	103
Anexo V: Exercícios de eliciação, com preposições em alternativa (2).....	104
Anexo VI: Exercício de produção de texto a partir de estímulo fornecido pela docente ( <i>AP-CPLP</i> ).....	105
Anexo VII: Exercício de produção de texto a partir de estímulo fornecido pela docente. ( <i>Rotina diária</i> ).....	107
Anexo VIII: Exercício de produção de frases livres, a partir de lista de verbos fornecida pela docente.....	112

## Índice de gráficos

### Capítulo 3

Gráfico n.º 3.1: Distribuição dos informantes pelos grupos etários.....	35
Gráfico n.º 3.2: Naturalidade dos informantes (valores percentuais).....	36
Gráfico n.º 3.3: Línguas maternas dos informantes (valores percentuais).....	36
Gráfico n.º 3.4: Outras línguas faladas pelos informantes, além da LM (valores percentuais).....	37
Gráfico n.º 3.5: Habilitações literárias dos informantes (valores percentuais).....	38
Gráfico n.º 3.6: Línguas de escolarização dos informantes.....	39
Gráfico n.º 3.7: Informantes que viveram/não viveram fora de Timor-Leste (valores percentuais).....	40

### Capítulo 4

Gráfico n.º 4.1: Volume geral de ocorrências: usos convergentes/divergentes (valores percentuais) .....	51
Gráfico n.º 4.2: Usos convergentes/usos divergentes de preposições argumentais em cada nível de ensino-aprendizagem.....	52
Gráfico n.º 4.3: Percentagem de usos convergentes/divergentes por nível de ensino-aprendizagem.....	53
Gráfico n.º 4.4: Resultados relativos a <i>chegar (a)</i> .....	56
Gráfico n.º 4.5: Resultados relativos a <i>ir (a)</i> .....	58
Gráfico n.º 4.6: Resultados relativos a <i>vir (a)</i> .....	60
Gráfico n.º 4.7: Resultados relativos a <i>assistir (a)</i> .....	62

Gráfico n.º 4.8: Resultados relativos a <i>concordar (com)</i> .....	64
Gráfico n.º 4.9: Resultados relativos a <i>gostar (de)</i> .....	67
Gráfico n.º 4.10: Resultados relativos a <i>esquecer (-se) (de)</i> .....	69
Gráfico n.º 4.11: Resultados relativos a <i>lembrar (-se) (de)</i> .....	71
Gráfico n.º 4.12: Resultados relativos a <i>precisar (de)</i> .....	72
Gráfico n.º 4.13: Resultados relativos a <i>sair (de)</i> .....	73
Gráfico n.º 4.14: Resultados relativos a <i>ir (para)</i> .....	76
Gráfico n.º 4.15: Resultados relativos a <i>vir (para)</i> .....	77
Gráfico n.º 4.16: Resultados relativos a <i>voltar (para)</i> .....	78
Gráfico n.º 4.17: Resultados relativos a <i>apaixonar (-se) (por)</i> .....	80

## Capítulo 5

Gráfico n.º 5.1: Percentagem de usos divergentes de cada preposição sobre o total de ocorrências desviantes.....	85
Gráfico n.º 5.2: Percentagem de usos divergentes de cada preposição.....	86
Gráfico n.º 5.3: Preposição mais recorrentemente omissa (valores percentuais).....	87
Gráfico n.º 5.4: Preposição mais recorrentemente substituída (valores percentuais).....	87
Gráfico n.º 5.5: Preposições mais usadas em desvios por substituição (valores percentuais).....	88

## Índice de tabelas

Tabela n.º 1: Distribuição do sexo dos informantes pelos níveis de ensino.....	34
--	----

Tabela n.º 2: Distribuição dos grupos etários pelos níveis de ensino.....	35
Tabela n.º 3: Distribuição das habilitações literárias pelos dois níveis de ensino.....	38
Tabela n.º 4: Lista de verbos usados nos vários exercícios do protocolo.....	41
Tabela n.º 5: Verbos usados nos exercícios que integraram o protocolo para recolha de dados e respetiva classificação de acordo com a sua estrutura argumental.....	43
Tabela n.º 9: Ocorrências convergentes e ocorrências divergentes registadas em cada preposição/tipo de exercício.....	54
Tabela n.º 10: Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes pelo nível de ensino-aprendizagem: preposição <i>a</i> .....	55
Tabela n.º 11: Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes pelo nível de ensino-aprendizagem: preposição <i>com</i> .....	64
Tabela n.º 12: Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes pelo nível de ensino-aprendizagem: preposição <i>de</i> .....	66
Tabela n.º 13: Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes pelo nível de ensino-aprendizagem: preposição <i>em</i> .....	74
Tabela n.º 14: Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes pelo nível de ensino-aprendizagem: preposição <i>para</i> .....	75
Tabela n.º 15: Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes pelo nível de ensino-aprendizagem: preposição <i>por</i> .....	79
Tabela n.º 16: Quadro-síntese de desvios no uso de preposição/predicador verbal.....	81

## **Resumo:**

A presente dissertação tem como principal objetivo identificar as estratégias de complementação de verbos de 2 (ou 3) lugares que selecionam complemento oblíquo nas interlínguas de aprendentes timorenses de Português Língua Segunda (PLS), nomeadamente no que diz respeito aos usos de preposições argumentais.

Pretende-se contribuir para o conhecimento de um aspeto sintático-semântico da variedade do português em formação em Timor-Leste, através da descrição de usos convergentes e divergentes relativamente à norma do Português Europeu, que tomamos como referência, comparando os resultados obtidos com os já apurados em outras variedades não nativas de PLS e no PLE.

Para a descrição das estratégias de complementação de verbos no PE, recorreremos aos trabalhos de Raposo *et alii* (2013), Mateus *et alii* (2003), Cunha e Cintra (1997) e Peres e Mória (1995). Procedeu-se, em seguida, à análise pormenorizada dos dados empíricos do *corpus* que constituímos no desempenho das funções de Leitora de Português no Parlamento Nacional de Timor-Leste, junto de aprendentes de nível A1+ e A2+.

A maior percentagem de usos divergentes verificou-se nos exercícios de aprendentes de nível A1+, apesar de ser bastante significativa a percentagem de usos convergentes em relação ao PE. No grupo de nível A2+, ainda que a tendência seja para que os desvios por omissão desapareçam, mantêm-se os desvios por substituição de preposição.

Relativamente aos resultados obtidos, registaram-se apenas desvios por omissão e substituição da preposição argumental e foi possível concluir que: i) as preposições menos robustas semanticamente tendem a ser omissas nas produções dos aprendentes timorenses de PLS; ii) com os verbos de movimento, nomeadamente *chegar*, *voltar* e *vir*, estes aprendentes selecionam preferencialmente a preposição *em* para introduzir os respetivos argumentos com função de oblíquo; iii) a preposição *para* parece ser a preferida destes aprendentes para introduzir argumentos oblíquos de natureza oracional não finita.

**Palavras-chave:** Português Língua Segunda (PLS); preposição; estrutura argumental, complemento oblíquo.



## Abstract

This dissertation aims to identify the complementation strategies of verbs that select oblique objects in the interlanguages of Timorese learners of Portuguese as a Second Language (PSL), namely in what concerns argument prepositions.

We aim to contribute to the description of one of the syntactic and semantic features of the variety of Portuguese that is currently developing in East Timor, through the description of uses that are both convergent and divergent with European standard Portuguese, and furthermore comparing the results to those presented in the literature regarding other non native varieties of Portuguese and learners of Portuguese as a Foreign Language (PFL).

Our presentation of the complementation patterns of these types of verbs in European Portuguese, is based on the descriptions provided by Raposo *et alii* (2013), Mateus *et alii* (2003), Cunha and Cintra (1997) and Peres and Mória (1995). This presentation is followed by a thorough analysis of the *corpus* of empirical data collected during our rotation as a Lecturer of Portuguese in the National Parliament of East Timor to level A1+ and A2+ students (staff of the Parliament).

The larger percentage of divergent uses occurred in the exercises of A1+ students, in spite of the fact that they also selected convergent uses to a high degree. In the A2+ group, and even if the deviant omission of prepositions seems to be disappearing, the substitution misuses subsist.

According to the results, only misuses by omission and substitution of argument prepositions occurred, and it was possible to conclude that: i) semantically less robust prepositions tend to be omitted in the Timorese PSL learner's productions; ii) with movement verbs, namely *chegar* ('arrive'), *voltar* ('return'), *vir* ('come'), these learners often select the preposition *em* to introduce their oblique objects.; iii) the preposition *para* seems to be preferred for introducing non finite phrasal oblique objects.

**Keywords:** Portuguese Second language (PLS); preposition; argument structure; oblique object

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à Professora Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins por ter aceitado orientar o trabalho que agora surge. Agradeço a disponibilidade, o profissionalismo e o pragmatismo com que sempre me orientou e, acima de tudo, a capacidade que sempre teve de me tranquilizar.

Aos meus pais, irmã e avó que sempre estiveram comigo, mesmo nos momentos em que eu não estive com eles.

Aos meus amigos do coração, aos que estão cá e aos que estão por esse mundo fora, pela presença constante.

Aos meus colegas da Divisão de Redação e Apoio Audiovisual da Assembleia da República, em especial à Isabel Campos, pelo incentivo.

E, finalmente, à minha querida amiga Isabel Falé, pela leitura do texto e pelas sugestões que me deu.

## 1. Introdução

### 1.1 Objetivos do estudo e justificação

A presente dissertação tem como objetivo geral apresentar os resultados de uma investigação sobre os comportamentos de aprendentes timorenses de Português Língua Segunda (PLS<sup>1</sup>), com quem trabalhamos de 2010 a 2014, no desempenho das funções de Leitora de Português no Parlamento Nacional de Timor-Leste<sup>2</sup>, no que diz respeito às estratégias de complementação de verbos com um mínimo de 2 lugares e com esquema relacional que inclui um complemento oblíquo (Obl).

Trata-se de um estudo que pretende contribuir para o conhecimento de um aspeto sintático-semântico do português em uso em Timor-Leste, onde a língua portuguesa tem estatuto de língua oficial, mas é Língua Não Materna (LNM) da esmagadora maioria da população. Tendo este estudo surgido neste contexto particular em que o português é LNM, seria interessante verificar de que forma as Línguas Maternas (LM) dos aprendentes interferem no processo de aquisição da Língua Alvo (LA). Contudo, a complexa realidade linguística timorense não nos permite, por não termos conhecimentos suficientes sobre todas as LM, tecer considerações desse tipo. Ainda assim, sempre que nos parecer oportuno, e se houver dados que nos permitam comprovar a nossa posição, apresentaremos algumas referências ao tétum que podem ajudar a perceber as ocorrências não convergentes com a norma europeia do português (PE).

Tomando como referência a norma europeia do português, é nosso objetivo identificar as ocorrências desviantes, mas também as ocorrências convergentes registadas no uso de cada

---

<sup>1</sup> Leiria (2004:1), recuperando as definições de Stern (1983:16), afirma que a língua segunda (LS) corresponde à que é usada e aprendida em países em que a mesma tem o estatuto de língua oficial e em que, por isso, é indispensável para a vida política e económica do país. É a, ou uma das, língua(s) da escola, mas pode ser aprendida sem recurso à escola, uma vez que o contexto social disponibiliza bastante *input*. Por seu lado, a língua estrangeira (LE) é a língua que se usa e aprende em espaços em que não tem qualquer estatuto sociopolítico. Estas definições têm vindo a ser repensadas, nomeadamente tendo em conta o nível de proficiência dos falantes e os objetivos de aprendizagem. O contraste entre ambas as definições e a realidade timorense levantam inúmeras questões relativas ao estatuto do português como se verá mais adiante.

<sup>2</sup> Desde a independência de Timor-Leste, 2002, o Parlamento Nacional tem disponibilizado aos seus funcionários e deputados cursos de Língua Portuguesa. Numa primeira fase, esses cursos eram ministrados por leitores que se encontravam a lecionar na Universidade Nacional de Timor-Leste, passando, posteriormente, no âmbito de um protocolo tripartido entre o Parlamento Nacional, a Assembleia da República e o Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, a haver um leitorado específico naquele órgão de soberania.

preposição argumental de cada predicador verbal em frases ativas, tanto na forma afirmativa, como negativa, registado no nosso estudo empírico. Em concreto, pretendemos, no final deste trabalho, obter resposta para as seguintes questões:

1. Quais as preposições que sofrem mais/menos desvios?
2. Que tipos de desvios (omissão, substituição ou adição) atingem preferencialmente cada preposição?
3. Será que o perfil sintático-semântico das preposições, bem como o do predicador que as seleciona podem justificar os desvios encontrados?
4. Que semelhanças/diferenças existem entre as interlínguas (IL)<sup>3</sup> dos aprendentes timorenses de PLS e as variedades não nativas do português (VNN)<sup>4</sup>, por um lado, e as interlínguas dos aprendentes de PLE, por outro?

Para se perceber um pouco melhor a realidade do português em Timor-Leste, em seguida levaremos a cabo uma reflexão sobre a sua situação atual.

---

<sup>3</sup> Gonçalves (2011: 21) apresenta o conceito de interlíngua nos seguintes termos: «segundo Gargallo (2004b: 391 e 393), a IL é o sistema linguístico característico do falante não nativo de uma Língua Segunda (L2) ou de uma Língua Estrangeira (LE) numa determinada etapa do processo de aprendizagem, o qual se constrói de forma processual e criativa, apresentando elementos da Língua Materna (L1), da LA e elementos exclusivamente idiossincrásicos». Trata-se de um sistema linguístico intermédio, entre a Língua Materna (LM) e a LA; o aprendente cria um sistema próprio em que se podem ir fossilizando/estabilizando algumas características que não são da LA, mas que podem, a seu tempo, fazer parte de uma variedade linguística (não nativa) em construção. Cf., igualmente, a nota seguinte.

<sup>4</sup> As variedades não nativas (VNN) surgem em espaços que foram, em certo momento, colonizados e que, depois da independência, se foram construindo e mantendo. Foram olhadas durante muito tempo como subprodutos das línguas coloniais, como línguas «imperfeitas» geradas pelas populações colonizadas. Gonçalves (2010: 14) refere que «a discriminação negativa das VNN decorreu, de uma maneira geral, da dinâmica político-social do período histórico em que estas se formaram, estando igualmente relacionada com limites que a própria teoria linguística ainda apresentava até meados do século XX.» Efetivamente, a «adopção de novos instrumentos conceptuais no estudo das VNN de línguas coloniais tornou possível analisá-las de forma mais rigorosa e objectiva, pondo assim fim a um longo período de discriminação negativa» (Gonçalves, 2010: 21). No caso das VNN do português, atualmente, os estudos tentam mostrar que têm características próprias, distintas do PE, encontrando-se, cada uma delas, em estádios de consolidação histórica diferentes. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Gonçalves (1989,1990, 2010) relativamente ao português de Moçambique (PM), de Cabral (2005), em relação ao português de Angola (PA), de R. Gonçalves (2010), sobre o português de S. Tomé (PST).

## 1.2. Situação atual do português em Timor-Leste

Em Timor-Leste, a língua portuguesa é uma das línguas oficiais, a par do tétum, desde maio de 2002<sup>5</sup>. Sendo sobejamente conhecida a história deste jovem país<sup>6</sup> e do papel da língua portuguesa na construção da identidade timorense, é importante olhar para aquela latitude agora para, em jeito de balanço e com os dados possíveis, fazer, em linhas gerais, o retrato do falante timorense de português.

Apesar do estatuto de língua oficial, sendo este estatuto que permite, à partida, classificar o português como Língua Segunda (LS), o português em Timor-Leste continua a ser falado por uma percentagem muito baixa da população. Em 2005, os dados oficiais apontavam para que os falantes desta língua fossem apenas 5% da população (Albuquerque, 2011:48). Hoje em dia, apesar de claramente ter havido um aumento do número de falantes, a verdade é que ainda não se ouve falar português nas ruas.

Se atentarmos na definição de LS apresentada por Leiria (2004:1), i.e., a língua usada e aprendida em países em que a mesma tem o estatuto de língua oficial sendo, por isso, indispensável para a vida política e económica do país, percebemos que o caso do português em Timor-Leste tem necessariamente de ser alvo de uma maior reflexão. Efetivamente, o português é uma das línguas oficiais do país e é, de alguma forma, indispensável para a vida política e económica do país. Todavia, os falantes não têm acesso a *input* em quantidade e/ou com a qualidade que torne possível aprender a língua portuguesa fora do contexto formal de ensino, simplesmente porque, fora de um conjunto limitado de contextos formais, ela é usada de forma muito residual.

Na verdade, o português continua a ser usado, na prática, apenas nos contextos formais em que se verifica a presença de estrangeiros, nomeadamente de países lusófonos. No dia-a-dia, os timorenses continuam a recorrer ao tétum e a outras línguas nacionais<sup>7</sup> para comunicar. Não são ainda muito visíveis os reflexos do ensino do português nas escolas

---

<sup>5</sup> As línguas oficiais, a par das línguas de trabalho de Timor-Leste, estão definidas no artigo 13.<sup>a</sup> da Constituição da República Democrática de Timor-Leste.

<sup>6</sup> Albuquerque (2011) faz referência à história de Timor-Leste, salientando os momentos mais significativos da presença portuguesa e indonésia no que à questão das línguas diz respeito. Destaca-se o pouco investimento na divulgação e consolidação da língua portuguesa, por oposição à implantação forçada do bahasa-indonésio. Vejam-se também Busquetes (2007), Batoréo-Casadinho (2009), Batoréo (2009).

<sup>7</sup> O mapa linguístico timorense revela a enorme diversidade linguística que existe naquele país. Geoffrey Hull (2004: 2) refere a existência de 16 línguas nacionais vivas, faladas, portanto, pela população timorense.

timorenses<sup>8</sup>, provavelmente porque o próprio domínio linguístico dos professores ainda não é o desejável<sup>9</sup>.

Como se percebe, o acesso à língua portuguesa é ainda hoje bastante limitado, apesar de a comunidade falante de língua portuguesa ter um tamanho considerável<sup>10</sup>. A comunicação social não tem sido usada como veículo para divulgação da língua, não havendo programas de televisão ou de rádio em português, salvo raras exceções; os livros continuam a ser poucos e muito caros, daí que só uma pequena parcela da população (de Díli, sobretudo) possa ter acesso a eles e também não há em circulação jornais ou revistas escritas em português.

Perante este quadro, quem aprende português em Timor-Leste tem necessariamente de enfrentar um conjunto de dificuldades de ordem prática, que se juntam a outras de ordem social<sup>11</sup>, e que, em conjunto, contribuem para que a língua portuguesa ainda não seja sentida como língua timorense, mas apenas como língua do outro.

Mas quem é que, então, comunica em português em Timor-Leste?

São ainda os mais idosos, que estudaram durante o período de colonização portuguesa, que mais facilmente usam a língua portuguesa. Os jovens adultos, que começaram a aprender essa língua após o fim da ocupação indonésia, normalmente no seu local de trabalho ou recorrendo a cursos intensivos dados por professores portugueses, usam-na apenas quando é estritamente necessário, ou seja, em situações formais, e de forma insegura, recorrendo normalmente a estruturas linguísticas bastante simples. As crianças e jovens timorenses, que

---

<sup>8</sup> Funciona em Díli uma Escola Portuguesa (Ruy Cinati), onde todos os professores são portugueses e onde o curriculum é português. Para poder frequentar esta escola, a criança/o jovem timorense tem de saber comunicar em português, sendo condição preferencial que os pais também falem a língua. Recentemente, começaram a funcionar escolas de referência em vários distritos, sendo que os professores portugueses têm um papel fundamental na formação/acompanhamento dos professores timorenses. Nas escolas públicas timorenses, salvo raras exceções, o português, ainda que faça parte do *curriculum*, tende a não ser muito utilizado para além do contexto das aulas de Língua Portuguesa, propriamente ditas.

<sup>9</sup> É comum o professor timorense usar a língua tétum e o bahasa-indonésio dentro da sala de aula, uma vez que tem consciência de que o seu nível de português está ainda muito aquém do que seria aceitável para desempenhar as suas funções com segurança. Nas universidades timorenses, é o tétum e o bahasa-indonésio que mais se ouvem, exceção feita à licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL), em que o português é, além de objeto de estudo, veículo de ensino.

<sup>10</sup> O número de portugueses, brasileiros e caboverdianos a viver em Timor-Leste tem vindo a aumentar desde 2002. Inicialmente esta comunidade era composta no essencial por professores e juristas que tinham como principal missão a introdução/consolidação da língua portuguesa em Timor-Leste, bem como a construção dos instrumentos jurídicos de um novo Estado de direito democrático. Atualmente, estas comunidades incluem cada vez mais empresários e técnicos de outras áreas que, em resultado da crise económica mundial, encontraram naquele país do sudeste asiático um espaço para investir e para trabalhar.

<sup>11</sup> Além das dificuldades resultantes da falta de uma política de língua eficiente, os aprendentes timorenses deparam-se com uma série de preconceitos em relação a esta língua que os impedem de a usar de forma mais descontraída. Em primeiro lugar, ainda é comum associar-se o timorense que fala português a uma imagem de arrogância ou de soberania relativamente ao timorense que não sabe comunicar em português. Depois, ainda é vulgar o escárnio e o riso de falantes mais proficientes tendo por alvo os que «não falam bem» português, o que, só por si, já causa desconforto e faz aumentar a insegurança linguística. Além disso, a língua portuguesa é considerada uma língua difícil, pressuposto que condiciona, à partida, a forma como se olha para o processo de aprendizagem.

hoje frequentam os vários níveis de ensino, deparam-se com esta realidade bastante complexa que não lhes permite desenvolver de forma segura e sólida o seu conhecimento da língua<sup>12</sup>. Contudo, apesar disso, paulatinamente, a língua vai fazendo parte da realidade de Díli, pelo menos, sendo possível começar a perceber algumas características morfofonológicas e sintáticas que identificam esta variedade não nativa (VNN) emergente do português.

A descrição das interlínguas dos aprendentes timorenses de português terá, pois, um papel determinante para se proceder à identificação das características da VNN em formação em Timor-Leste. Será prematuro, face às circunstâncias descritas, falar-se em Português de Timor-Leste, mas as descrições parciais que têm sido feitas<sup>13</sup> apontam precisamente para o surgimento de uma nova variedade, com características próprias. A presente investigação contribui, pois, para a sua descrição, centrando-se na avaliação das estratégias de complementação de predicadores verbais que selecionam argumentos internos oblíquos, e, mais especificamente, no tratamento dado às preposições argumentais.

### **1.3. Percurso da investigação**

O presente estudo tem por base o tratamento dos dados recolhidos no âmbito das aulas ministradas a funcionários parlamentares, em turmas de nível A1+ e A2+, no Parlamento Nacional de Timor-Leste, tendo-se constituído uma amostra de 26 aprendentes, atendendo à regularidade da sua presença nas sessões letivas e da entrega das respostas aos 3 tipos de exercícios pedidos e que integram o protocolo que descreveremos detalhadamente no capítulo 3.

Descrever-se-ão os usos convergentes com a norma europeia do português e os desvios registados, designadamente os desvios por omissão da preposição e por substituição da preposição argumental por uma outra. Com vista à classificação das ocorrências desviantes, usaremos a tipologia de usos desviantes proposta por Peres e Mória (1995).

---

<sup>12</sup> É importante salientar, novamente, o papel da Escola Portuguesa Ruy Cinati, em Díli, das escolas de referência e da UNTL. Não podemos deixar de referir, também, a importância cada vez maior das bolsas de estudo que os estudantes universitários vão recebendo que os levam para vários países lusófonos, contribuindo para uma melhoria na *performance* linguística dos beneficiários. As várias instituições timorenses, como é o caso do Parlamento Nacional onde trabalhei como professora de Português durante 4 anos, têm estabelecido vários programas de cooperação que se destinam simultaneamente à melhoria da qualidade dos quadros timorenses no que toca ao desempenho das suas funções e ao seu conhecimento da língua portuguesa.

<sup>13</sup> Veja-se Albuquerque (2011), Batoréo-Casadinho (2009); Batoréo (2009, 2010), Busquetes (2007) e Carvalho (2003).

No que diz respeito à complementação verbal do tipo que nos ocupa no presente estudo, apresentar-se-ão, sempre que possível, dados comparativos das VNN do português e do PLE, sem esquecer os usos variáveis registados nas próprias produções de falantes nativos do PE (Peres e Mória, 1995). Considere-se, por exemplo, que, no PST (R. Gonçalves 2010:117), no PA (Cabral, 2005: 137) e no PM (Gonçalves, 1989, 1990, 2010) os verbos de movimento, sobretudo, o verbo *chegar*, mas também *ir*, *vir* e *voltar*, ainda que de forma mais tímida, parecem seleccionar a preposição *em*, contrariamente ao que acontece no PE, em que a preposição argumental é *a*, ou ainda que a preposição *de*, quando marcador de caso oblíquo, de verbos como *gostar* ou *precisar*, parece estar a desaparecer não só nas diferentes VNN já referidas, mas também em PE, quando introduz um constituinte oracional finito ou não finito<sup>14</sup>.

Dito isto, pretende-se verificar de que forma os aprendentes timorenses de português usam as várias preposições, de acordo com o respetivo perfil sintático-semântico<sup>15</sup> e com o predicador verbal que as selecciona, assim como identificar padrões preferenciais de seleção das preposições.

O presente estudo começa pela apresentação, no capítulo 2, de um enquadramento teórico-descritivo, no qual são delimitados conceitos como predicador, argumento e estrutura argumental (2.1), procedendo-se, desde logo, à classificação dos verbos que, no nosso *corpus*, seleccionam complemento oblíquo preposicionado (2.2). Far-se-á, em seguida, a distinção entre complemento e adjunto/modificador (2.3) e traçaremos o perfil sintático-semântico de cada uma das preposições, cujos usos pretendemos descrever (2.4). Terminaremos este capítulo com a referência a desvios registados no uso de preposições argumentais por aprendentes de PLE, nas VNN em formação nos contextos em que o português assume o estatuto de LS e no próprio PE (2.5).

No capítulo seguinte (3), serão apresentadas as metodologias usadas para o desenvolvimento do estudo empírico. Será feita, em primeiro lugar, e logo após a introdução ao capítulo (3.1.), a caracterização dos informantes/aprendentes (3.2), com base nos

---

<sup>14</sup> Peres e Mória (1995: 113, 114) referem-se a uma tendência para a simplificação desta estrutura, que aproxima o português de línguas como o inglês ou o francês, onde o uso de preposições para introduzir complementos oracionais finitos, mas também não finitos, nomeadamente com o verbo *gostar*, é nulo ou muito restrito.

<sup>15</sup> Leiria (2006:308) refere que quanto mais robustas semanticamente são as preposições menos propícias a desvios ficarão. Pelo contrário, quando a preposição é menos forte semanticamente, i.e., quando funciona como marcador de caso e quando não é possível determinar claramente o seu significado, então o número de ocorrências desviantes (sobretudo por omissão da preposição) tende a aumentar.



resultados de um inquérito de natureza sociolinguística. Em seguida, descrevem-se todos os procedimentos relativos à recolha dos dados (3.3.1) e ao respetivo tratamento (3.3.2).

Segue-se a apresentação e discussão dos resultados obtidos (capítulo 4), tendo em conta as preposições argumentais e os vários verbos que as selecionam, bem como os níveis de aprendizagem dos sujeitos e o tipo de exercício em que se registaram as ocorrências relevantes, quer divergentes da norma do PE, quer convergentes com essa norma.

O estudo termina com um breve capítulo de observações finais (5), no qual se pretende evidenciar as regularidades existentes nos usos desviantes das preposições argumentais, de forma a contribuir para o conhecimento dos padrões preferenciais nas interlínguas dos aprendentes timorenses de PLS.

## **2. Enquadramento teórico-descritivo**

A abordagem das estratégias de complementação de verbos que selecionam complementos oblíquos preposicionados implica ter presentes alguns conceitos essenciais, como predicador, argumento e estrutura argumental, por um lado, e complemento por oposição a adjunto/modificador, por outro. Além destes, mas com eles relacionados, não podemos deixar de colocar no centro do nosso estudo o verbo, enquanto núcleo do sintagma verbal e predicador por excelência, bem como a preposição e o sintagma preposicional.

Definidos estes conceitos nucleares, concluir-se-á o presente capítulo de enquadramento com uma referência aos estudos nos quais têm sido abordados desvios no uso de preposições argumentais, ou não, em diferentes variedades do português, nomeadamente em variedades de PL2 (quer como LS, quer como LE), mas também no próprio PE.

### **2.1. Predicador, argumento e estrutura argumental**

Recorremos, para a presente descrição, a duas fontes principais: a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus *et al.*(2003), e a *Gramática do Português*, de Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et al.*(2013).

Com base nestes textos, começamos por definir predicador, ou palavra predicativa, como sendo todo e qualquer item lexical com valor descritivo e que serve de núcleo a uma frase.

O predicador por excelência é o verbo, sendo este tipo de predicador o que nos interessa para a presente dissertação, mas a palavra predicativa de uma frase não tem necessariamente que ser de natureza verbal<sup>16</sup>. Outros itens lexicais como os nomes, os adjetivos, algumas preposições<sup>17</sup> e alguns advérbios<sup>18</sup> também podem ter essa função nuclear.

Os predicadores são, pois, os constituintes centrais da frase e selecionam, normalmente, argumentos para que o seu sentido se complete e a frase seja coerente. Daqui se depreende que o argumento é todo o constituinte selecionado obrigatoriamente pelo predicador de forma a completar-lhe o sentido<sup>19</sup>.

A estrutura argumental de um predicador verbal, também designado verbo pleno ou principal<sup>20</sup>, define-se como o número e o tipo de argumentos que esse predicador exige para que a frase em que surge seja uma frase completa e gramatical. Duarte e Brito (2003: 183) sublinham que «uma vez que a noção de “argumento de” exprime a relação que estabelecem entidades denotadas por expressões linguísticas com palavras predicativas, a estrutura argumental de uma palavra predicativa, i.e., a indicação do número e da natureza dos seus argumentos, constitui a especificação lexical mínima dessa palavra». Assim, é necessário ter presente que cada verbo pleno/principal terá a sua própria estrutura argumental, regendo, por conseguinte, um dado número de argumentos, que, por sua vez, podem ser expressões de natureza nominal, por vezes introduzidos por uma preposição, ou constituintes de natureza oracional.

---

<sup>16</sup> Não nos debruçaremos sobre outros tipos de predicadores que não sejam verbos plenos/principais, mas para uma visão completa dos demais tipos de predicador, veja-se, por exemplo, Raposo, 2013: vol. II, cap. 30.1).

<sup>17</sup> É o caso de *contra*, *sem* ou *sobre*. É importante sublinhar que só são predicadores quando associadas a verbos copulativos. Veja-se Raposo, 2013: 358-359.

<sup>18</sup> Como *ontem* e *aqui*, quando usados com verbos copulativos (Raposo, 2013: 359).

<sup>19</sup> Veja-se Duarte e Brito, 2003:184 e Raposo, 2013: 361.

<sup>20</sup> Cunha e Cintra (1997: 385) definem o verbo principal como «o verbo de significação plena, nuclear de uma oração». No entanto, nem sempre os verbos se podem considerar verbos plenos, nomeadamente porque os há, como os verbos copulativos ou os auxiliares, que não são o núcleo das frases em que ocorrem e que, por isso, não são responsáveis pela seleção de argumentos. Alguns verbos plenos têm, ainda, estruturas argumentais alternativas como se verá quando apresentarmos as tipologias de verbos.

Apesar do caráter obrigatório da sua seleção, o número de argumentos selecionados pelo predicador (ou a «enaridade do predicador<sup>21</sup>») não é fixo, dependendo das suas propriedades semânticas e do tipo de situação comunicativa. Os predicadores, designadamente os predicadores verbais, podem selecionar um argumento (sendo designados de predicadores unários ou de um lugar), dois argumentos (binários ou de dois lugares) ou três argumentos (ternários ou de três lugares). Em português, os predicadores que selecionam mais do que três argumentos e os que não selecionam qualquer argumento são mais raros<sup>22</sup>.

Preenchidos embora por constituintes sintáticos de caráter obrigatório e estando a gramaticalidade da frase dependente da sua ocorrência, há circunstâncias em que, ainda assim, os argumentos são omissos e em que a frase não revela qualquer tipo de agramaticalidade. Na verdade, sabemos que nas situações comunicativas quotidianas se verifica frequentemente a omissão de argumentos, sem que a mensagem seja incompreensível na medida em que o contexto situacional permite efetivamente a recuperação da informação que torna a comunicação possível. Um exemplo relevante é constituído pelos verbos de uso absoluto, que são verbos transitivos que admitem, contudo, a omissão do argumento com a função de complemento direto. São normalmente verbos que denotam atividades biológicas ou culturais para os seres humanos e a omissão do complemento direto «não significa que desapareça completamente do ponto de vista interpretativo» (Gonçalves e Raposo, 2013: 1207). Quando se verifica a omissão do complemento direto em enunciados com este tipo de verbos, fala-se no uso intransitivo de verbos transitivos ou em uso absoluto. Verbos como *ler*, *escrever*, *ouvir*, *comer*, *beber*, etc., podem ser considerados verbos de uso absoluto<sup>23</sup>.

Tratando-se, como se percebe, de uma noção semântico-lexical, é importante reter que a estrutura argumental de uma palavra predicativa terá sempre consequências ao nível da estrutura e organização sintática das frases, na medida em que a gramaticalidade destas depende diretamente do respeito pelo esquema argumental do predicador verbal e porque esse

---

<sup>21</sup> Peres e Mória (1995:50) apresentam a definição de «enaridade do predicado», chamando a atenção para o facto de que o número e o tipo de argumentos que um predicador seleciona estarão sempre marcados na sua estrutura argumental, «independentemente de os mesmos ocorrerem realizados ou vazios».

<sup>22</sup> Predicadores verbais que não selecionam qualquer argumento são, por exemplo, os verbos relacionados com fenómenos meteorológicos como *chover*, *nevar* (Duarte e Brito, 2003: 185, nota 9; Raposo, 2013: 363 e Duarte, 2003: 363). No caso dos predicadores verbais de mais de três lugares, destacam-se verbos que denotam movimento, como *atirar*, *levar*, *passar*, *transferir*, *trazer*, ou transações, como *comprar*, *pagar*, *trocar*, *vender*. (Raposo, 2013: 363). Em relação a este tipo de predicadores, Duarte e Brito (2003: 185, nota 13) consideram-nos de três lugares e não de quatro, «uma vez que um dos argumentos tem o seu estatuto por defeito», sendo muito rara a sua realização.

<sup>23</sup> Duarte (2003: 301, nota 31) e Gonçalves e Raposo (2013: 1207).

predicador determina igualmente a categoria dos constituintes sintáticos que podem preencher cada posição argumental, bem como a função sintática por eles exercida na frase<sup>24</sup>.

Assim, a seleção de argumentos por parte de predicadores implica, ao mesmo tempo, uma seleção semântica, uma seleção estrutural ou subcategorização, bem como uma seleção funcional. Note-se que a gramaticalidade dos enunciados em que cada um dos verbos plenos ocorre pressupõe, desde logo, a necessidade de respeitar, em simultâneo, as propriedades semânticas, as propriedades estruturais e as propriedades funcionais do predicador verbal.

No que às propriedades semânticas diz respeito, importa ter presente que o argumento selecionado pelo predicador assume um papel temático, ou semântico, determinado, nomeadamente de agente, paciente, tema, experienciador, estímulo, beneficiário, entre outros<sup>25</sup>.

Além destas, as propriedades estruturais ou de subcategorização dizem respeito à categoria gramatical do núcleo do constituinte selecionado, podendo tratar-se de um Sintagma Nominal (SN), de um Sintagma Preposicional (SP), de um Sintagma Adverbial (SAdv), ou mesmo de uma expressão oracional.

Já as propriedades funcionais do argumento dizem respeito à função sintática específica que o argumento vai desempenhar na frase concreta em que ocorre, com determinado predicador verbal. Referimo-nos, neste caso, às funções sintáticas de sujeito, de complemento direto, de complemento indireto ou de complemento oblíquo. Desempenhará a função de sujeito o constituinte que concordar em número e pessoa com o predicador verbal, ocorrendo tipicamente fora do Grupo Verbal (GV)<sup>26</sup>. Raposo (2013: 366) clarifica, aliás, que os complementos se identificam como sendo «os argumentos que não concordam em pessoa e número com o verbo e que ocorrem canonicamente dentro do sintagma verbal», sendo que,

---

<sup>24</sup> Os textos que aqui usamos como referência, reconhecendo a importância do conhecimento explícito da estrutura argumental dos itens lexicais, referem-se à necessidade de a estrutura argumental estar identificada nas entradas dos dicionários, de modo a esclarecer eventuais dúvidas e particularidades de uso e, também, para facilitar o ensino-aprendizagem do português em contextos em que não é língua materna.

<sup>25</sup> Em relação ao inventário de papéis temáticos, é importante esclarecer que se apresenta aqui uma listagem meramente indicativa que não pretende esgotar as relações semânticas possíveis entre um predicador verbal e seus argumentos. Duarte e Brito (2003:187) afirmam que «a lista mínima de papéis temáticos relevantes para a descrição da estrutura argumental dos verbos de língua portuguesa inclui os papéis de Agente, Fonte, Experienciador, Locativo e Tema». As Autoras, na nota 17 da mesma página, acrescentam que a «lista de papéis temáticos varia em extensão de autor para autor (comparem-se, por exemplo, Gruber, 1976, Fillmore, 1968, 1971, Jackendoff, 1972b, Dik, 1978, Helbig, 1982, e Grimshaw, 1990). Os nomes atribuídos a cada papel temático também variam».

<sup>26</sup> Na nota seguinte referimos em que circunstâncias o sujeito não é argumento externo ao GV.

numa frase, há apenas um sujeito, mas pode haver vários complementos, com estruturas e propriedades distintas entre si.

Para além das respetivas propriedades semânticas, categoriais e funcionais, a classificação dos argumentos pode ser feita de acordo com a sua posição face ao predicador verbal que os rege, sendo possível, à luz deste critério, identificar argumentos externos e argumentos internos.

Os argumentos externos são aqueles que, na frase, se encontram fora do sintagma verbal e que, normalmente, são Sintagmas Nominais ou expressões oracionais<sup>27</sup> que desempenham a função sintática de sujeito<sup>28</sup>. Importa referir também que o sujeito assume tipicamente o papel temático de agente, origem/fonte, paciente (afetado), experienciador, possuidor e causa.

Os argumentos são internos quando a sua seleção pelo predicador verbal os coloca dentro do predicado (i.e., dentro do Sintagma Verbal [SV]). Os argumentos internos desempenham, normalmente, a função sintática de complemento, seja complemento direto, indireto ou oblíquo. No entanto, há que sublinhar que os verbos de tipo inacusativo selecionam argumentos internos com a função sintática de sujeito e que, normalmente, assumem o papel temático de paciente.<sup>29</sup>

## **2.2. Verbos que selecionam complementos oblíquos**

Tendo o presente estudo o objetivo de descrever as estratégias de complementação de verbos que selecionam complementos oblíquos preposicionados, adotadas por aprendentes de PLS no contexto timorense, centrar-nos-emos, na presente secção, na identificação das estruturas argumentais e dos esquemas relacionais dos verbos que selecionam um complemento oblíquo, a fim de focar, em seguida, os casos em que essa função sintática é

---

<sup>27</sup> Para se identificar o constituinte que exerce a função de sujeito pode recorrer-se aos testes formais apresentados em Duarte (2003: 283,284).

<sup>28</sup> Tal classificação não se aplica aos sujeitos de construções passivas, na medida em que, nessas, o sujeito é um argumento interno do verbo. Note-se que na construção ativa esse constituinte correspondente desempenha a função de Objeto Direto (OD). Veja-se Gonçalves e Raposo (2013: 1201). Também o sujeito de verbos inacusativos não é um argumento externo, na medida em que este tipo de verbo se caracteriza pela seleção de um sujeito que é argumento interno.

<sup>29</sup> É o caso de verbos como *nascer, desmaiar, cair, etc.* (Gonçalves e Raposo, 2013: 1205; Duarte, 2003: 300).

exercida por um constituinte preposicionado e, mais especificamente, nas preposições que o podem reger.

Antes de descrevermos especificamente as estruturas argumentais dos verbos que selecionam complemento oblíquo, começaremos por referir que esses verbos são, em primeiro lugar, verbos plenos, ou principais, que funcionam, portanto, como predicadores. Esta chamada de atenção deve-se ao facto de haver verbos que, pela sua natureza, ou pelo contexto em que ocorrem, não ocupam essa posição nuclear. É o caso dos verbos copulativos<sup>30</sup> e dos verbos auxiliares<sup>31</sup> e semiauxiliares<sup>32</sup>.

Os verbos que selecionam complementos oblíquos, além de serem verbos plenos, podem ser também classificados como verbos pessoais ou impessoais. Os verbos pessoais são os que selecionam um argumento com a função de sujeito, que concorda em pessoa e número com o verbo,<sup>33</sup> e que podem seleccionar outros tipos de argumentos. Por seu lado, os verbos

---

<sup>30</sup>Os verbos copulativos, segundo o *Dicionário Terminológico para consulta em linha*, são os que surgem em frases que têm um sujeito e um nome predicativo do sujeito. A este grupo pertencem verbos como *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, tornar-se* ou *revelar-se*, sendo a sua função a de estabelecer ligação entre o sujeito e o predicativo do sujeito. Neste caso, o predicador não é o verbo, que funciona apenas como um elemento de ligação, mas sim um constituinte de natureza nominal, adjetival ou oracional. Raposo (2013: 359) sublinha que estes verbos não têm conteúdo descritivo, apesar de assumirem valores semânticos importantes nas frases. A definição de verbo copulativo apresentada por Cunha e Cintra (1997: 134-136) acrescenta que este tipo de verbo não traz nenhuma ideia nova ao sujeito, mas os autores chamam a atenção para o facto de haver verbos copulativos que podem ser também verbos significativos, nomeadamente os verbos *estar, andar, ficar e continuar*. Quando são usados como verbos significativos podem seleccionar um complemento oblíquo preposicionado, como é o caso dos exemplos *Estavas em casa.* e *Fiquei no meu posto*, apresentados autores na página 135.

<sup>31</sup>Os verbos auxiliares são verbos que surgem combinados com formas nominais de um verbo principal ou copulativo, assumindo significados diferentes do seu original e que constituem com essas formas nominais uma locução. São verbos usados na formação de tempos compostos, em frases passivas e em estruturas perifrásticas várias, podendo ocorrer mais do que um verbo auxiliar numa frase (*Dicionário Terminológico para consulta em linha*). Cunha e Cintra (1997: 385) sublinham que o verbo auxiliar «é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com eles locuções que apresentam matizes significativos especiais (...). Os AUXILIARES mais comuns são *ter, haver, ser e estar*». Veja-se também Raposo (2013:359) que refere que os verbos auxiliares acrescentam informação no domínio do tempo e do aspeto à frase em que ocorrem, sendo que o papel nuclear de definição de situação, propriedade ou relação estará a cabo da forma nominal do verbo principal.

<sup>32</sup> Verbos semiauxiliares são os verbos «esvaziados de significado lexical, sem grelha argumental, que respondem afirmativamente a alguns, mas não a todos os critérios de auxiliaridade (os quais, recorde-se, são: impossibilidade de completiva finita, um só advérbio de tempo de cada tipo, uma só negação frásica (precedendo o auxiliar), atracção obrigatória do clítico pelo verbo auxiliar» (Duarte, 2003: 315). São verbos aspetuais como «*estar, chegar, começar, acabar, continuar*; os auxiliares temporais *ir + V inf, haver de+ V inf.*» (Brito, 2003:408). Já Gonçalves e Raposo (2013: 1255) definem os verbos semiauxiliares como os que carregam valores aspetuais (que regem a preposição *a*) ou modais (*dever, haver (de), poder, ter (de/que)*).

<sup>33</sup>Aos verbos pessoais opõem-se, como vimos em cima, os verbos impessoais que são os que não selecionam um argumento com função sintática de sujeito, mas que podem ou não seleccionar complementos. Deste grupo fazem parte verbos que se referem à meteorologia (*chover, choviscar, nevar, relampejar, trovejar, ventar*) e à mudança de uma parte do dia para outra (*alvorecer, amanhecer, entardecer, anoitecer*). Também neste grupo está o verbo *haver*, com sentido existencial, assim como *haver, fazer*, quando denotam duração, e *bastar, chegar, doer e tratar-se* quando regem a preposição *de*. (Gonçalves e Raposo, 2013: 1193).

impessoais não selecionam um argumento com função de sujeito, mas podem selecionar complementos (Gonçalves e Raposo, 2013: 1193).

Os verbos que nos ocupam pertencem também ao grupo de verbos transitivos, na medida em que são verbos que necessitam de argumentos que lhes completem o seu significado<sup>34</sup>. Nesta aceção<sup>35</sup>, os verbos transitivos são os verbos plenos que podem selecionar, além do sujeito, pelo menos um complemento, seja ele de que natureza for<sup>36</sup>. Quando, além do sujeito, selecionam um complemento direto, são classificados como transitivos diretos<sup>37</sup>; quando selecionam um complemento direto e um complemento indireto ou oblíquo denominam-se transitivos diretos e indiretos<sup>38</sup> e, quando selecionam um complemento indireto ou um complemento oblíquo são chamados verbos transitivos indiretos<sup>39</sup>.

Todas as especificidades inerentes à seleção de argumentos por um predicador verbal permitem elaborar tipologias, de forma a classificar os verbos de acordo com vários critérios, i.e.,

- i) o número de argumentos que selecionam;
- ii) o tipo de constituintes que podem preencher cada posição argumental selecionada;
- iii) a função sintática exercida por cada um desses constituintes;
- iv) o respetivo papel temático.

---

<sup>34</sup> Usamos no presente trabalho o conceito de transitividade apresentado por Cunha e Cintra (1997: 513). Estes autores definem verbos transitivos como sendo verbos que «exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJECTO DIRECTO ou OBJECTO INDIRECTO) para integrar-lhes o sentido», por oposição aos verbos intransitivos que dispensam a seleção de qualquer complemento por transmitirem, por si, uma ideia completa. Note-se, no entanto, que verbo transitivo também tem sido apresentado como o verbo que seleciona complemento direto, por oposição ao verbo intransitivo que não seleciona um complemento desse tipo. Gonçalves e Raposo (2013: 1195), nesta linha, definem verbos transitivos como os que «selecionam um argumento com a função de complemento direto; podem ou não selecionar outros complementos (*desejar, fechar, guardar, nomear, oferecer, persuadir, proibir, propor, surpreender*)». Já Duarte (2003: 298) define verbos transitivos (transitivos diretos em Cunha e Cintra (1984)) como os que «selecionam um argumento externo e um argumento interno com a relação gramatical de objeto directo». Na mesma página, na nota 13, Duarte apresenta uma lista destes verbos retirados do *Português Fundamental* (<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/84-spoken-corpus-qportugues-fundamental-pfq-r>).

<sup>35</sup> De Cunha e Cintra (1997: 513).

<sup>36</sup> Cunha e Cintra (1997: 513) apresentam *comprar, carecer e dar* como exemplos deste tipo de verbos. *Comprar* seleciona normalmente um complemento direto (mas também pode selecionar um complemento indireto), *carecer* seleciona um complemento oblíquo e *dar* seleciona um complemento direto e um complemento indireto.

<sup>37</sup> É o caso dos verbos *abrir, acordar, fechar*.

<sup>38</sup> Nos exemplos apresentados na nota 22, é o caso do verbo *dar*. Em Duarte (2003: 296) e Gonçalves e Raposo (2013: 1196) são definidos como ditransitivos.

<sup>39</sup> É o caso de *carecer*, mas também de *assistir* ou *perdoar*. Veja-se Cunha e Cintra (1997: 137 e 513) e o Dicionário Terminológico para consulta em linha.

Feita esta referência à classificação dos verbos que selecionam complemento oblíquo, centraremos agora a nossa atenção na enaridade destes verbos, ou seja, no número de argumentos selecionados por estes e nas características sintático-semânticas desses argumentos.

Assim, os verbos que selecionam complementos oblíquos podem ter uma estrutura argumental de 2, 3 ou 4 lugares.

Relativamente aos verbos de 2 lugares<sup>40</sup>, estamos perante verbos que selecionam um argumento externo com a função de sujeito e um argumento interno que é um complemento oblíquo, que pode ser preposicionado ou não preposicionado. Neste grupo de verbos, que apresentam o esquema relacional S-V-Obl, encontramos verbos como *assistir*, *discordar*, *entrar*, *morar* (cujo complemento oblíquo é preposicionado), *custar*, *durar*, *medir* (que selecionam complemento oblíquo não preposicionado)<sup>41</sup>.

Os verbos de 3 lugares que selecionam complemento oblíquo podem apresentar o esquema relacional S-V-OD-Obl<sup>42</sup>, ou seja, podem selecionar um argumento externo com a função de sujeito e dois argumentos internos, um com a função de complemento direto e outro com a função de complemento oblíquo, sendo este normalmente preposicionado. Neste grupo de verbos encontramos, por exemplo, *colocar*, *pôr*, *partilhar*, *depositar*, *retirar* ou *trazer*<sup>43</sup>.

Por último, encontramos verbos cuja estrutura argumental é de 4 lugares<sup>44</sup>, sendo que estes apresentam dois tipos de esquema relacional diferentes. Relativamente aos verbos com esta estrutura argumental, é possível identificar verbos que selecionam um argumento externo, com a função de sujeito, e três argumentos internos, com as funções de complemento direto, complemento indireto e complemento oblíquo, com o esquema relacional, S-V-OD-OI-Obl. Neste caso, encontramos verbos como *trazer* ou *levar* ( $x$  [Sj]... $y$ [OD]... $a$ ...[OD]... $de$ ...[Obl.]),

---

<sup>40</sup> Na terminologia adotada por Gonçalves e Raposo (2013:1197), estes verbos são apresentados como verbos intransitivos com complemento oblíquo.

<sup>41</sup> Gonçalves e Raposo (2013: 1197).

<sup>42</sup> Na tipologia apresentada por Gonçalves e Raposo (2013: 1197), estes são verbos transitivos com complemento oblíquo.

<sup>43</sup> Duarte (2003: 297).

<sup>44</sup> Veja-se Gonçalves e Raposo (2013: 1189, 1190).



em frases como: *A Ana traz o casaco da loja à irmã* ou *O cão levou o osso da cozinha para o quintal*<sup>45</sup>.

Convém, no entanto, referir que estes verbos poderão selecionar um segundo complemento oblíquo, S-V-OD-OI-Obl-Obl, apresentando a seguinte estrutura ( $x_{[S]}\dots y_{[OD]}\dots a\dots_{[OI]}\textit{de}\dots_{[Obl]}\dots\textit{para}\dots_{[Obl]}$ ): *Os meninos levam os brinquedos aos colegas de casa para a escola*<sup>46</sup>.

Pertencendo também a este grupo de verbos temos verbos que selecionam, além do sujeito (argumento externo), um complemento direto e dois complementos oblíquos, obedecendo, então, ao esquema S-V-OD-Obl-Obl., como exemplo é o caso de *traduzir* ( $x_{[S]}\dots y_{[OD]}\dots\textit{de}\dots_{[Obl]}\dots\textit{para}\dots_{[Obl]}$ ).

Feita a apresentação da estrutura argumental dos verbos que selecionam complemento oblíquo, importa agora dirigir a nossa atenção para o constituinte que pode desempenhar essa função. Efetivamente, o complemento oblíquo é um argumento interno selecionado pelo predicador verbal que pode ser introduzido por uma preposição, chamando-se, então, complemento oblíquo preposicionado (aquele que nos ocupa no presente trabalho), mas pode também ser preenchido por um SN ou SAdv. Os complementos oblíquos nominais não preposicionados, com valor quantificacional, só são selecionados por verbos como *custar* (*Este livro custou 20 euros.*), *durar* (*O concerto durou horas!*) e *pesar* (*Essa cadeira pesa muito.*) (Gonçalves e Raposo, 2013: 1181). Já quando o verbo seleciona um complemento oblíquo com papel temático locativo, é possível que esse lugar seja preenchido por um SAdv. de lugar, nomeadamente, *cá, lá, aí, aqui, ali* (Gonçalves e Raposo, 2013: 1182).

Uma vez que outros constituintes frásicos podem ter a estrutura SP (i.e., P+SN), convém refletirmos sobre o estatuto do complemento em geral e do complemento preposicionado em particular, por oposição a adjunto/modificador, de forma a procedermos à sua distinção.

---

<sup>45</sup> Gonçalves e Raposo (2013: 1157). Em relação a verbos com esta estrutura argumental, Duarte e Brito referem que «é controverso se verbos como *arrastar, levar, transferir* ou *trazer* devem ser considerados verbos de três ou quatro lugares [...], uma vez que um dos seus argumentos tem o estatuto de argumento por defeito.» (Duarte e Brito, 2003: 185)

<sup>46</sup> Apesar de ser uma estrutura argumental possível para verbos como os que apresentámos no exemplo, devemos notar que raramente todos os argumentos são selecionados, omitindo-se quase sempre um deles.

### 2.3. Complemento vs. adjunto/modificador

Quando Duarte e Brito (2003:183) definem estrutura argumental, chamam de imediato a atenção para a necessidade de distinguir complemento (oblíquo) e adjunto/modificador, na medida em que ambos podem apresentar a mesma estrutura.

Tanto o complemento oblíquo, como o adjunto/modificador integram o GV, no entanto, o complemento é um argumento interno do predicador verbal, fazendo, por conseguinte, parte da sua estrutura argumental, sendo, deste modo, obrigatório. Dito isto, será antes de mais necessário distinguir o complemento oblíquo (Obl) dos demais complementos que podem integrar o GV, i.e., o complemento direto (OD) e o complemento indireto (OI).

O complemento direto será o que é selecionado por um verbo de tipo transitivo e que não é, normalmente, preposicionado<sup>47</sup>. Ocorre canonicamente a seguir ao verbo e pode assumir vários papéis temáticos, nomeadamente, o de tema, paciente ou experienciador (Gonçalves e Raposo, 2013: 1169-1170).

A identificação do complemento direto pode fazer-se através de testes formais, concretamente através da pronominalização, ou seja, substituindo o SN ou o constituinte oracional com função de complemento direto pelo pronome pessoal acusativo com essa mesma função. Veja-se o exemplo em que o complemento direto surge em itálico:

- i) O menino comeu *o bolo*<sub>[OD]</sub>.
- ii) O menino comeu-*o*<sub>[OD]</sub>.

Poder-se-á usar, também o teste da passivização que consiste em transformar a frase ativa em frase passiva, sendo que o complemento direto da frase ativa assumirá a função de sujeito na frase passiva.

- i) O menino comeu *o bolo*<sub>[OD]</sub>.
- ii) *O bolo*<sub>[Suj]</sub> foi comido pelo menino.

---

<sup>47</sup> Há complementos diretos que são introduzidos pela preposição *a*, nomeadamente com pronome pessoal oblíquo tónico (*mim, ti, si*), em contextos particulares de uso de determinados verbos que exprimem sentimentos (*amar a Deus, louvar a Deus*), em estruturas topicalizadas ou para evitar ambiguidades. Veja-se Cunha e Cintra, 1997: 143.

Por sua vez, o complemento indireto é um complemento selecionado por um verbo transitivo indireto, na aceção de Cunha e Cintra (1997: 137<sup>48</sup>) (ditransitivo (Gonçalves e Raposo, 2013: 1196; Duarte, 2003:296) ou intransitivo com argumento interno indireto<sup>49</sup> (Gonçalves e Raposo, 2013: 1197)) e é normalmente introduzido pela preposição *a*<sup>50</sup>, desempenhando normalmente o papel temático de destinatário / beneficiário (com verbos como *dar, dizer, escrever, oferecer, trazer*, entre outros) ou origem (com verbos como *comprar, roubar* ou *tirar*). O Complemento Indireto (OI) é normalmente selecionado por verbos de transferência<sup>51</sup> ou verbos diretivos<sup>52</sup> de 2 ou 3 lugares.

Quando aplicado o teste da pronominalização, o complemento indireto é substituído pelo pronome clítico dativo que desempenha a mesma função:

- i) A menina dá o livro *ao irmão*<sub>[OI]</sub>.
- ii) A menina dá-*lhe*<sub>[OI]</sub>o livro.

O complemento indireto, sendo um argumento introduzido por uma preposição, não é tratado da mesma forma que os restantes complementos preposicionados, sobretudo porque a preposição que o introduz, *a*<sup>53</sup>, é considerada como marcador de caso dativo, daí que seja possível substituí-la pelo pronome clítico dativo, o mesmo não acontecendo com os complementos oblíquos.

---

<sup>48</sup> Para Cunha e Cintra (1997: 144), o objeto indireto será todo o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição, cabendo nesta definição também os complementos oblíquos preposicionados.

<sup>49</sup> Veja-se o que dissemos na secção 2.2. quando nos referimos à estrutura argumental dos verbos que selecionam complemento oblíquo preposicionado.

<sup>50</sup> Gonçalves e Raposo (2013: 1175, 1780) levam a cabo uma reflexão sobre casos em que a preposição *para* introduz um complemento com papel temático de beneficiário e que, frequentemente, é considerado complemento indireto. Ainda que possa haver casos em que esse complemento (indireto?) possa ser substituído pelo pronome pessoal com a função de dativo, os autores acabam por concluir que «os sintagmas com *a* e *para* exibem um comportamento sintático distinto (...). Estes contrastes sugerem que a identificação das propriedades formais das expressões deve ter em conta fundamentalmente o seu comportamento sintático, não devendo centrar-se exclusivamente em critérios de natureza semântica.» Assim, a preposição *a* introduz complemento indireto com papel temático de destinatário e/ou origem, podendo ser substituída pelo pronome clítico dativo, enquanto a preposição *para* introduz um complemento com papel temático de beneficiário, não sendo possível proceder à sua substituição pelo pronome pessoal dativo. Já na aceção de Cunha e Cintra (1997: 144), ambas as preposições, *a* e *para*, introduzem complemento indireto, na medida em que, para estes autores é o elemento preposicional que assim determina a designação de complemento indireto.

<sup>51</sup> Os verbos de transferência são definidos como os verbos que «descrevem situações que envolvem a transferência de uma entidade *x* a partir de uma entidade *y* concebida como a origem ou a fonte da transferência, para uma entidade *z* concebida como o destinatário da transferência: *comprar, confiar, dar, devolver, entregar* [...]» Gonçalves e Raposo (2013: 1173).

<sup>52</sup> Verbos que denotam ordens, pedidos ou sugestões feitos por um indivíduo ou grupo de indivíduos (sujeito) a outro indivíduo ou grupo, nomeadamente *ordenar, pedir, propor, sugerir, suplicar*. Gonçalves e Raposo (2013: 1174).

<sup>53</sup> Como veremos, a mesma preposição pode introduzir complemento oblíquo, quando selecionada por verbos de movimento, como *ir, vir, voltar, chegar*, etc., sendo que aí o papel temático assumido é o de meta ou alvo.

O complemento oblíquo, como vimos na secção anterior, pode ser selecionado por verbos de 2, 3 ou 4 lugares, e é normalmente preposicionado. Na opinião de Raposo (2013: 368), «os complementos oblíquos definem-se pela negativa, como sendo aqueles que nem são diretos nem indiretos». São normalmente sintagmas preposicionais e podem denotar localizações espaciais e temporais, tanto numa perspectiva estática como dinâmica. Se tentarmos aplicar a este tipo de complemento preposicionado os testes da pronominalização e/ou da passivização verificamos que o resultado é agramatical.

- i) Ele chega *a casa* <sub>[Obl.]</sub> tarde.
- ii) \*Ele chega-atarde.
- iii) \**A casa* é chegada por ele tarde.
- iv) \*Ele chega-*lhe* tarde.

Contudo, quando o complemento oblíquo é locativo, é possível substituí-lo por um advérbio de lugar, como *lá, ali, cá, aqui, aí*.

- i) A Maria chega *à estação* <sub>[Obl.]</sub> às 10h.
- ii) A Maria chega *lá* <sub>[Obl.]</sub> às 10h.

Quando o complemento oblíquo não é preposicionado, distingue-se do complemento direto pela aplicação dos testes da pronominalização e/ou da passivização que originam enunciados agramaticais.

- i) O vestido custa *5 euros* <sub>[Obl.]</sub>.
- ii) \*O vestido custa-*os*.
- iii) \**5 euros* são custados pelo vestido.

Os complementos oblíquos preposicionados pertencem, portanto, à estrutura argumental de um determinado tipo de predicador verbal, como vimos na secção anterior, e são introduzidos por uma preposição (P) que, por sua vez, rege um SN, constituindo, juntos, um sintagma preposicional (SP).

Os complementos oblíquos preposicionados e os adjuntos/modificadores partilham a mesma estrutura e, muitas vezes, apresentam papéis temáticos idênticos, especificamente os de locativo, meta, alvo, fonte e alvo, sendo, por isso, necessário sublinhar que, enquanto o complemento oblíquo preposicionado é selecionado pelo predicador e surge, portanto, na

frase porque é obrigatório, o adjunto/modificador é um constituinte acessório e a sua não utilização não resulta em construções agramaticais<sup>54</sup>.

Veja-se a diferença entre as duas frases que se seguem:

a) Eu moro *em Lisboa* desde setembro.

b) Eu corro *em Lisboa* todos os dias.

No caso da frase a), o predicador verbal *morar* seleciona obrigatoriamente um argumento com a função de complemento oblíquo, introduzido pela preposição *em* seguida de um SN. Se omitirmos o SP assim constituído, a frase resultante será agramatical, como se pode verificar a seguir:

a') \*Eu moro desde setembro.

Por seu lado, no caso da frase b), o predicador verbal *correr* pode não selecionar qualquer argumento interno<sup>55</sup>. O SP *em Lisboa*, neste caso, não é um complemento, mas um adjunto preposicionado, sendo que a sua omissão não provoca qualquer tipo de desvio:

b') Eu corro todos os dias.

É, então, a obrigatoriedade ou o carácter acessório do SP que define se o constituinte composto por P+SN é um complemento oblíquo preposicionado ou um adjunto/modificador, já que, efetivamente, tendo a mesma estrutura, o adjunto/modificador pode ser retirado da frase, sem que a gramaticalidade seja posta em causa e o sentido do predicador afetado.

Raposo (2013: 364) sublinha que, do ponto de vista semântico, «os adjuntos adverbiais [ <sup>56</sup> ] são constituintes que enquadram as situações descritas em dimensões circunstanciais de natureza variada, nomeadamente espacial, temporal, relativa ao modo como

---

<sup>54</sup>O *Dicionário Terminológico para consulta em linha* (dt.dge.mec.pt) define modificador como sendo a «função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma frase. Os modificadores podem relacionar-se com frases ou orações, constituintes verbais ou nominais. Os modificadores podem ter diferentes formas e diferentes valores semânticos.»

<sup>55</sup> Pode, no entanto, surgir em construções como *Correr uma corrida*, ou *Correr uma maratona*. Gonçalves e Raposo (2013: 1213) referem-se ao uso de argumentos cognatos, no caso de verbos intransitivos que, «em condições estilisticamente marcadas», acrescentam um SN.

<sup>56</sup> É esta a designação dada pelo autor ao que designamos de adjunto/modificador, na medida em que, em seu entender, a sua função se assemelha à dos advérbios, que se colocam junto dos verbos e que representam circunstâncias várias. Ainda assim, admite que esses adjuntos adverbiais possam ser realizados por um SP.

a ação é praticada, à sua finalidade e ao instrumento usado, entre outras possibilidades, (...) e não são essenciais para completar o sentido do predicador e, logo, para obter uma proposição (completa)».

A dificuldade de análise destes dois constituintes pode surgir na medida em que, como vimos, ambos os constituintes são semântica e estruturalmente semelhantes, pelo que a identificação da estrutura argumental do predicador é essencial para avaliar a respetiva função sintática. O complemento oblíquo é selecionado pelo predicador verbal, relacionando-se diretamente com o verbo, tendo a sua presença, por isso, um carácter obrigatório, enquanto o adjunto/modificador introduz informações circunstanciais, não obrigatórias, relacionando-se com o conjunto composto pelo verbo e seus complementos. Uma vez que as informações acrescentadas pelo adjunto/modificador não são essenciais, a sua omissão não prejudica a frase em termos de gramaticalidade (Veja-se Gonçalves e Raposo, 2013: 1161).

#### **2.4. Preposições introdutoras de complementos oblíquos**

Na secção anterior, fizemos referência à estrutura P+SN que constitui um sintagma preposicional e que pode assumir nas frases o lugar de argumento interno ou de adjunto modificador. Esses sintagmas preposicionais são sempre introduzidos por uma preposição (P) que pode ser regida, ou não, pelo predicador (verbal ou nominal) e regendo, ela própria, um SN, sem o qual não poderá existir, sob pena de pôr em risco a gramaticalidade do enunciado.

As preposições constituem uma classe fechada de palavras, cujas principais características são a invariabilidade, na medida em que não flexionam em género ou em número, e o seu pendor relacional, uma vez que não podem surgir em frases sem que estejam entre dois constituintes de natureza verbal ou nominal. Registam uma elevada frequência de uso, sendo a preposição *de* uma das palavras mais usadas em Português (Raposo e Xavier, 2013: 2503).

Não cabe neste trabalho fazer uma descrição exaustiva dos traços semânticos de cada preposição, mas é importante sublinhar, pelo menos, os das preposições selecionadas pelos predicadores verbais que ocorrem nos dados empíricos recolhidos no âmbito da presente investigação. Neste sentido, e a título de enquadramento, apresentar-se-ão algumas reflexões prévias relativamente à semântica das preposições.

Cunha e Cintra (1997: 552, 553) afirmam que o significado das preposições está normalmente relacionado com movimento ou com uma situação resultante desse movimento, sendo possível para cada preposição identificar referências ao espaço, ao tempo e à noção<sup>57</sup>. Contudo, só o contexto concreto em que surge uma preposição é que permite especificar o seu significado<sup>58</sup>, estando este dependente do predicador que a seleciona e do complemento que ela própria rege<sup>59</sup>. Assim, podemos dizer que cada preposição carrega um determinado conjunto de traços semânticos que se concretizam e especificam em enunciados concretos. Como esse uso pode ditar significados diferentes para a mesma preposição, fala-se em plasticidade semântica.

É preciso esclarecer, no entanto, que nem todas as preposições apresentam um valor semântico claramente identificável (ou robusto) em todos os contextos em que podem ocorrer, sendo que, em alguns, podem assumir uma função mais claramente gramatical<sup>60</sup>.

Com os trabalhos realizados sobre esta categoria gramatical, enquanto participante na estrutura argumental de predicadores verbais, nomeadamente por Cabral (2005), que estudou os complementos verbais preposicionados no português em Angola, ou R. Gonçalves (2010), que descreveu as propriedades de subcategorização dos verbos no português de São Tomé, tem vindo a ser possível perceber que, quanto mais robustas são semanticamente as preposições<sup>61</sup>, ou seja, quanto mais claro for o seu valor semântico, menor é a probabilidade de ocorrerem desvios na sua utilização. Pelo contrário, quando a preposição é semanticamente menos robusta, ou seja, quando o seu valor semântico não é tão facilmente identificável, aumenta significativamente a probabilidade de a mesma surgir em ocorrências desviantes

---

<sup>57</sup> Os autores consideram que esta classificação permite descrever semanticamente a categoria preposição sem ter de «levar em conta os variados matizes significativos que podem decorrer do contexto em que vêm inseridas.» (Cunha, 2005: 554).

<sup>58</sup> A mesma preposição pode assumir significados diferentes quando selecionada por predicadores diferentes. Veja-se, a título ilustrativo, a preposição *de*, que pode introduzir um complemento oblíquo com sentido de origem, de causa ou de posse.

<sup>59</sup> Há predicadores verbais que selecionam apenas uma preposição, sendo ela considerada uma preposição fixa, mas outros admitem na sua estrutura argumental a seleção de argumentos introduzidos por várias preposições. A propósito do significado das preposições de regência fixa, por oposição às de regência múltipla, veja-se Raposo e Xavier (2013: 1522 e segs).

<sup>60</sup> É este o caso, por exemplo, de *a*, que tanto pode coocorrer com verbos de movimento (*ir, vir, trazer*, por exemplo), carregando, nestas circunstâncias, um valor semântico locativo, como pode introduzir o constituinte que exerce a função de complemento indireto, exercendo, neste contexto, um valor estritamente gramatical.

<sup>61</sup> Uma preposição semanticamente robusta é, por exemplo, *em*, cujo traço espaço-temporal é facilmente identificável, conforme os predicadores que a regem.

(Leiria, 2006: 288). Também é importante notar que quanto mais usada é a preposição, mais exposta fica a desvios<sup>62</sup>.

Cunha e Cintra (1997:556), reconhecendo a dificuldade, muitas vezes, em se identificar claramente o valor semântico de preposições, esclarecem que «a maior ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintáctica por ela estabelecida (...), que pode ser fixa, necessária ou livre.» Neste sentido, quando a relação estabelecida entre a preposição e os constituintes com que se relaciona é fixa, teremos constituintes em que o sentido relacional básico e o valor semântico da preposição se esvaziaram, funcionando o conjunto como um todo. Tal é o caso de verbos como *dar com*, *acabar de*, ou de expressões como *de longe em longe*, etc. Quando, por outro lado, a relação estabelecida é uma relação necessária, na medida em que o valor do elemento preposicional se concretiza conforme o predicador que a seleciona, temos os casos que nos interessam neste estudo, i.e., os complementos oblíquos preposicionados. Por fim, podem estabelecer-se relações sintáticas livres, situações em que, como se percebe, o elemento preposicional pode nem sequer ser usado, sem que a gramaticalidade do enunciado seja posta em causa<sup>63</sup>.

As preposições contempladas no presente estudo empírico são *a*, *com*, *de*, *em*, *para* e *por*. São todas regidas por predicadores verbais de 2 (ou 3) lugares e introduzem complemento oblíquo.

A preposição *a* é uma das preposições mais problemáticas da língua portuguesa. É uma das mais utilizadas e cobre um vasto leque de valores semânticos. Além de, como vimos, introduzir o complemento indireto de um tipo particular de verbos transitivos (*dar*, *entregar*, *passar*, *vender*, etc.), ocorrendo num constituinte sintático com papel temático de destinatário/beneficiário ou de origem, esta preposição pode introduzir um complemento oblíquo com sentido locativo, com papel temático de meta, regido por verbos de movimento como *chegar*, *ir*, *vir*.

---

<sup>62</sup> Leiria (2006:291) afirma que são os verbos mais frequentes os que mais contribuem para os desvios nos usos de preposições. Cabral (2005) acrescenta que, quanto maior for a plasticidade semântica das preposições, maior será a sua esfera de ação, aumentando, desde logo, o seu uso e, conseqüentemente, a probabilidade de ocorrências desviantes.

<sup>63</sup> Cunha e Cintra (1997: 557, 558) apresentam como exemplos as seguintes frases: *Encontrar com um amigo./Encontrar um amigo.*; *Procurar por alguém./Procurar alguém*. Concluem que «o emprego de preposições em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintáctica a plenitude do seu conteúdo significativo».



Além deste significado, *a* introduz ainda complementos oblíquos com valor de tempo, com verbos como *começar, acabar, chegar*. A preposição pode assumir ainda um valor espacial, mas já sem o caráter dinâmico imposto pelos verbos de movimento, nomeadamente com verbos como *assistir*. É possível, por fim, encontrar sintagmas preposicionais em que esta preposição tem sentido de meio, instrumento, modo ou fim<sup>64</sup>.

A preposição *com* apresenta como valor geral o de ‘co-presença’ (de duas entidades (Raposo e Xavier, 2013: 1557)). Assim sendo, introduz normalmente um constituinte com sentido de companhia ou comitativo<sup>65</sup>, nomeadamente em estruturas do tipo:

a) *Ele vai ao cinema com a namorada.*

b) *Ela gosta de pão com manteiga.*

c) *O Pedro casou-se com a Maria.*

Pode introduzir constituintes com valor de modo, quando indicam a forma como a ação é realizada (*com alegria, com dificuldade*, por exemplo), de causa, em expressões que representam forças que têm uma atividade causal, não volitiva e não consciente (*com a força do rio, com o vento*), ou instrumental, quando representam o instrumento com o qual uma ação é realizada (*com uma chave, com um martelo*, etc.)<sup>66</sup>. Esta preposição pode também ter um valor de oposição, nomeadamente com o verbo *jogar*, aproximando-se do sentido da preposição *contra*. Também pode funcionar como marcador de caso oblíquo, nomeadamente com verbos como *concordar*.

O caso da preposição *de* é, juntamente com o da preposição *a*, um dos que se reveste de maior complexidade. Trata-se de uma preposição com uma enorme plasticidade semântica, daí que seja a mais frequentemente usada e, por conseguinte, uma das que mais vezes ocorre

---

<sup>64</sup> Para uma visão dos valores semânticos da preposição *a*, veja-se Cunha e Cintra (1997: 558, 559) e Raposo e Xavier (2013: 1550-1553).

<sup>65</sup> Trata-se de um dos valores inerentes à preposição *com*, por oposição ao valor instrumental (O Pedro abriu a porta *com a chave*), de modo (O polícia agrediu o preso *com violência*.) ou causal (*Com o calor intenso*, derreteu o gelo.) Raposo e Xavier (2013: 1516). Bechara (1999) defende que esta preposição implica o valor de *co-presença*, sendo que estes valores emergem unicamente nos contextos em que a preposição é usada. Raposo e Xavier (2013: 1518, nota 26) referem ainda que o «valor comitativo de *com* implica geralmente que o predicador tem a propriedade lógica de simetria.» Brito (2003: 397) sublinha que este valor de *com* «afecta a interpretação do predicado verbal, uma vez que as frases podem ser parafraseadas por coordenação e por construções que exprimem reciprocidade».

<sup>66</sup> Vejam-se os exemplos apresentados por Raposo e Xavier (2013: 1558). Estes autores referem-se ainda ao papel temático de tema que pode representar um constituinte introduzido pela preposição *com*, nomeadamente com verbos cujo complemento direto assume o papel de locativo.

em situações desviantes<sup>67</sup>. A preposição *de* pode introduzir um complemento oblíquo com sentido locativo, com papel temático de origem ou fonte, com verbos como *sair*, *ser* ou *receber*. Também pode assumir um valor temporal, com verbos como *chegar* ou *ser*, ou de assunto/matéria, quando selecionada por verbos como *falar*, podendo, para além do mais, ser marcador de caso, ou seja, o reflexo do antigo caso latino genitivo ou oblíquo<sup>68</sup>.

Mais raramente pode introduzir o agente da passiva, nomeadamente com verbos como *odiar*<sup>69</sup>, *saber* ou *cercar ou rodear*, bem como constituintes com valor causal ou integrar perífrases verbais com valor modal<sup>70</sup>.

*Em* é uma preposição essencialmente espacial (estática), quando usada com verbos como *estar*, *ficar* ou *morar*, mas também poderá assumir um valor temporal, com verbos como *acontecer*, ou de assunto/matéria, quando regida por verbos como *pensar* ou *falar*, neste caso aproximando-se do significado de *sobre*. Pode igualmente introduzir orações subordinadas gerundivas, com um sentido próximo de ‘depois de’, e ser usada para indicar o estado físico ou mental em que se encontra o sujeito, com verbos copulativos (*ficar em desespero*, *estar em pânico*)(Raposo e Xavier, 2013: 1548).

Em relação à preposição *para*, começamos por salientar o seu valor espacial direcional<sup>71</sup>, além de aspetual e durativo<sup>72</sup>, quando selecionada por verbos de movimento como *ir*, *vir* ou *voltar*.

Além desse valor, pode introduzir um complemento com sentido temporal, localizando uma situação num futuro, nomeadamente com expressões como *para o ano*, *para a semana* ou *de um momento para o outro*.

---

<sup>67</sup> Como já atrás se referiu, Leiria (2006: 318) salienta que os verbos mais usados são os que mais contribuem para o aumento do número de desvios em preposições, sendo que no estudo que levou a cabo os verbos *gostar* e *precisar* se assumiram como os mais recorrentemente utilizados, o que já parece fazer aumentar a probabilidade de a preposição surgir em usos desviantes.

<sup>68</sup> Cf. Raposo e Xavier (2013: 1548 e segs.) A preposição *de* encontra-se gramaticalizada em alguns dos seus usos mais frequentes, não tendo, por isso, qualquer significado específico. É o que acontece quando se usa com os verbos *gostar de*, *precisar de* e *necessitar de*. Cf. também Brito (2003: 402).

<sup>69</sup> Raposo e Xavier (2013: 1550) apresentam como exemplo a frase *Este tirano é odiado de todos*.

<sup>70</sup> *Amanhã tenho de terminar este assunto (115 c); Tu hás de ver aquela peça /115 d*. Cf. Raposo e Xavier (2013: 1550).

<sup>71</sup> Cunha e Cintra (1997: 567) distinguem-na de *a* «por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento». Efetivamente, ambas as preposições carream em si o valor de direção, tendência para um limite, sendo que o uso de uma ou de outra depende do caráter mais ou menos duradouro da ação. *Ir a casa* implica uma menor permanência no lugar que constitui a meta do que na estrutura. Por conseguinte, quando usamos *Ir para casa* está implícita a ideia de permanecer durante mais tempo nesse lugar (meta).

<sup>72</sup> Por oposição à preposição *a* que também pode ser selecionada pelos mesmos verbos.

A preposição *para* também pode introduzir constituintes com um valor de finalidade, sendo que neste caso regem elementos de natureza oracional (*Fiz isto para que encontres a solução; Fizemos isto para celebrar o aniversário, etc.*). Vimos ainda, e anteriormente, que *para* pode introduzir complementos com papel temático de beneficiário, com verbos como *comprar* ou *fazer*<sup>73</sup>.

Finalmente, do grupo de preposições que constituem o centro da presente dissertação, falta tecer algumas considerações relativamente a *por*. Em primeiro lugar, esta é a que introduz o agente da passiva, que pode ter papel temático de agente (entidade com vontade própria que inicia uma ação voluntariamente<sup>74</sup>), de causa (força não animada com propriedades causais<sup>75</sup>) ou de experienciador psicológico<sup>76</sup>.

Em frases ativas pode introduzir complementos com sentido de causa (*por esse motivo, por causa de*) ou meio/instrumento (*por barco, por correio*), mas também locativo/direcional, próximo de através de, com verbos como *passar, passear, caminhar*. Também pode assumir um valor temporal (quando localiza situações de forma aproximada: *pelas 17h, por volta das 21h*).

Pode ainda ser marcador de caso oblíquo (Brito, 2003: 402), quando selecionada por verbos como *apaixonar(-se)*. Poder-se-ia associar a este SP o papel temático de estímulo, comum a outros verbos de atitude afetiva, como *adorar, amar, detestar, gostar (de)*(Raposo, 2013: 378), ou de beneficiário, na medida em que representa uma entidade que tem a ganhar ou a perder com a situação descrita na frase (Raposo, 2013: 380). No entanto, consideramos que, tal como com o verbo *gostar (de)*, este é um caso em que a preposição tem valor sintático, o que justifica a dificuldade em classificar o seu papel temático.

---

<sup>73</sup> Raposo e Xavier (2013: 1554) especificam que quando *para* introduz constituintes com papel temático de beneficiário, estes «representam indivíduos ou grupos que têm algo a ganhar ou a perder com o evento representado na frase. a. Comprei este carro *para o João*. b. Ele fez um bolo *para a Maria*.»

<sup>74</sup> Vejam-se os exemplos apresentados em Raposo e Xavier (2013: 1554), como, por exemplo, (127) a. Este poema foi escrito *pelo meu sobrinho*.

<sup>75</sup> *Idem, Ibidem*, (128)a. Aquela casa foi destruída *por um incêndio*.

<sup>76</sup> *Idem, Ibidem*, (129)a. O leão é temido *por muitos animais*.

Esclareça-se, por fim, que todas as preposições cujos valores semânticos descrevemos fazem parte de várias expressões idiomáticas, assumindo, nesses casos, valores particulares que não são os que aqui apresentámos<sup>77</sup>.

Para terminar esta secção, salientamos ainda que, no estudo empírico que realizámos, apenas alguns dos valores semânticos destas preposições introdutoras de complemento oblíquo serão convocados.

Relativamente à preposição *a*, centrar-nos-emos no seu valor locativo (dinâmico ou não), com papel temático de meta, quando seleccionada pelos verbos plenos *ir*, *vir*, *voltar*, *chegar* e *assistir*.

No que à preposição *com* diz respeito, no presente trabalho só analisaremos o seu comportamento quando seleccionada pelo verbo *concordar*, com o qual partilha afinidades semânticas relativas à co-presença e que é marcador de caso oblíquo.

Com a preposição *de*, teremos em consideração o seu uso com os verbos *gostar*, *precisar*, *lembrar(-se)* e *esquecer(-se)*, em que a preposição é marcador de caso oblíquo, nem sempre com um valor semântico claro, tendo, contudo, sempre traços que a aproximam do papel temático de fonte/origem, que é o que encontramos também com o verbo *sair* (de movimento) usado pelos nossos informantes.

No que à preposição *em* diz respeito, será considerado apenas o valor espacial com o verbo *morar*.

Em relação à preposição *para*, teremos em consideração o seu valor direcional, com os verbos de movimento *ir*, *vir* e *voltar* e, finalmente, com a preposição *por*, veremos o seu uso com o verbo *apaixonar-se*, sendo que aqui funciona como marcador de caso oblíquo.

## **2.5. Desvios no uso de preposições argumentais no PE e em variedades de PL2**

O uso de preposições argumentais tem sido considerado uma área crítica da língua portuguesa. A atestar essa dificuldade, Telmo Mória e João Andrade Peres (1995)

---

<sup>77</sup> Raposo e Xavier (2013: 1447-1566) apresentam para cada preposição descrita algumas expressões idiomáticas em que cada uma delas surge, explicitando os significados assumidos em cada caso particular.

identificaram os desvios mais comuns registados no Português Europeu (PE), olhando para o que acontece ao nível dos complementos oblíquos preposicionados num *corpus* de produções escritas. Para levar a cabo esse trabalho, analisaram textos publicados na imprensa jornalística entre 1986 e 1994.

Com base nesse trabalho surgiu a tipologia de desvios que tomámos como referência na presente investigação. Assim, quando a preposição argumental não é usada, os autores referem-se a uma supressão indevida da preposição. Por seu turno, quando a estrutura argumental em causa não exige o uso de preposição e, mesmo assim, ela surge, os autores classificam a ocorrência como adição/inserção indevida de preposição<sup>78</sup>. Já os casos em que se observa o uso de uma preposição distinta daquela que a estrutura argumental do predicador exige são classificados como casos de substituição.

Estes três tipos de desvio são muito comuns no PE e para os justificar os autores sugerem um efeito de contaminação por analogia<sup>79</sup>, pela proximidade semântica entre predicadores verbais, e de simplificação, sendo que as estruturas mais complexas, em que o complemento oblíquo é composto por preposição e elemento oracional, parecem ser as mais permeáveis ao desvio.

É possível concluir, então, que, no PE, a preposição *de* é a mais frequentemente suprimida, quando introduz complementos oracionais finitos<sup>80</sup>, ou com os verbos *gostar*, *precisar*, *necessitar*, *duvidar*, os mais recorrentemente usados nos exemplos desviantes apurados, introduzindo complementos oracionais não finitos (Peres e Mória, 1995: 110-125).

Já o dissemos na secção anterior quando nos referimos ao significado das preposições, mas é efetivamente essencial reter que as preposições menos robustas semanticamente são muito mais propensas a usos desviantes. Aliada a esta característica das preposições está a frequência de uso dos predicadores verbais, uma vez que parecem ser os verbos mais recorrentes aqueles que mais facilmente ocorrem em situações agramaticais<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> Este desvio não foi considerado no presente trabalho, uma vez que, e como veremos, os dados recolhidos não revelaram quaisquer casos de inserção de preposição não pertencente à estrutura argumental do predicador.

<sup>79</sup> Veja-se Peres e Mória (1995: 108).

<sup>80</sup> Peres e Mória (1995-114) afirmam que esta tendência de omitir a preposição nestes contextos particulares aproxima o português de línguas em que o uso da preposição nessa função é aparentemente nulo, como é o caso do inglês ou do francês.

<sup>81</sup> No caso específico dos aprendentes de PLE, Leiria (2006:286) afirma que «são os verbos mais frequentes que mais contribuem para os desvios em preposições», dando os exemplos dos verbos de movimento *ir*, *chegar*,

Não tão frequente, a adição indevida de preposições como *em*, *com* e *de* também apresenta um considerável número de ocorrências no estudo realizado por Peres e Mória (1995: 127-143).

A substituição ou uso de preposição indevida abrange um grande número de predicadores verbais no PE e justifica-se por razões como a proximidade semântica de outros predicadores e, conseqüentemente, pelo desconhecimento da estrutura argumental do predicador verbal em causa. Peres e Mória referem-se, por exemplo, ao uso da preposição *a* em vez de *com* com os verbos *combinar* e *conjuguar*, por influência de verbos de sentido próximo como *associar*, *juntar* ou *unir* que regem *a*<sup>82</sup>, ou ao uso de *para* em vez de *a* com o verbo *parecer*, em construções enfáticas em que se duplica o complemento indireto<sup>83</sup>.

Se assim é no PE, os objetivos do presente estudo determinam que se apresente o que acontece em variedades de PL2 sobre as quais existem dados relativos ao uso de preposições argumentais em complementos oblíquos.

Dando início a esta revisão bibliográfica pelos estudos que se têm debruçado sobre aprendentes de PLE, fazemos referência a Isabel Leiria (2006) que, na sua tese de doutoramento, *Léxico, Aquisição e Ensino*, descreve a forma como o léxico, no seu sentido mais lato, é adquirido/usado por aprendentes de português língua estrangeira (PLE). Nesse estudo, compara o que acontece nas produções escritas de aprendentes de PLE com várias línguas maternas, nomeadamente espanhol, francês, alemão, sueco e chinês, concluindo, em primeiro lugar, que, em relação aos desvios registados no uso de preposições (argumentais ou não argumentais), quanto mais estas LM se afastam da língua alvo de aprendizagem mais frequentes são os desvios<sup>84</sup>. Segundo a autora (2006:279) as preposições *a*, *por* e *para* são as que mais vezes surgem em situação desviante, independentemente do tipo de desvio registado. Em relação à preposição *de*, o número de desvios é menor, sendo, no entanto, uma das que regista maior frequência de uso<sup>85</sup>.

---

*voltar*, no que diz respeito aos desvios ocorridos com a preposição *a*, bem como dos verbos *gostar*, *precisar* relativamente aos desvios ocorridos com a preposição *de*.

<sup>82</sup> Peres e Mória (1995: 144).

<sup>83</sup> Peres e Mória (1995: 146).

<sup>84</sup> Leiria (2006: 281) diz que «também neste caso a distância linguística se faz sentir, à medida que ela vai aumentando maior número de diferentes preposições vai sendo afetado por desvios (...)».

<sup>85</sup> Leiria (2006: 279). O mesmo acontece com a preposição *em* que regista uma altíssima frequência de uso e muito poucos desvios.

Muito recentemente, Liang Wanlan (2015), ao analisar as estratégias de complementação verbal nas interlínguas de aprendentes chineses de PLE, concluiu que o uso de preposições argumentais é também, nesse contexto, uma área crítica. A omissão da preposição argumental é o desvio mais recorrente no *corpus* estudado, seguido da substituição, sendo as preposições *a*, *de*, e *para* as mais frequentemente usadas em estruturas desviantes.

Já antes, Linjun Wu (2014) havia estudado os mecanismos usados na aquisição das preposições (*a*, *para*, *de* e *em*) em português por aprendentes chineses, referindo, com base no estudo realizado, que as preposições mais problemáticas para estes aprendentes foram *a* e *para*, sendo que *de* e *em* colocam menos problemas. Linjun Wu usa a proposta de Corder (1981) para distinguir os erros de transferência, os erros relacionados com a língua-alvo e os erros induzidos, apresentando sugestões com vista à melhoria da situação atual do ensino das preposições em português a alunos chineses.

Ainda com o foco na categoria preposição, Matias (2014), docente na escola internacional do Algarve, estudou os usos espaciais das construções com as preposições *a*, *para*, *de*, *em* e *por*, por alunos de Português Língua Não Materna (PLNM). Com este estudo, a autora concluiu que os alunos de PLNM demonstraram mais dificuldades (i) no Ponto de Chegada ou Direção (no uso das preposições *a* e *para*, especialmente na oposição do traço semântico [-permanência] e [+permanência]); (ii) no Modo como é efetuada a deslocação (uso das preposições *de* e *em* com meios de transporte genéricos e mais específicos, e com a preposição *a*, quando o meio de transporte é não contentor); (iii) na marcação do Percurso da deslocação (uso da preposição *por*)<sup>86</sup>.

Miletic (2008) investigou o processo de transferência na aquisição das preposições *a*, *de*, *em* e *para*, por aprendentes sérvios, em contextos de aquisição de língua segunda e aprendizagem de língua estrangeira. Concentrou-se essencialmente nas relações espaciais, temporais e nocionais estabelecidas pelas preposições, concluindo que as dificuldades sentidas pelos informantes se devem às diferenças e semelhanças dos sistemas preposicionais

---

<sup>86</sup> Não sendo este o foco do presente estudo, referiremos, no entanto, que, ao longo dos quatro anos em que trabalhamos no Parlamento Nacional de Timor-Leste, pudemos observar (e atestar no *corpus* recolhido) o mesmo tipo de problemas relativos ao uso das preposições, tanto quando indicam o ponto de chegada ou a direção (*Vou na minha gabinete* [BG, A1+], como quando se referem ao modo como a deslocação é feita (*Nós ir com carro do pai de Agostinha* [C, A1+]).

e casuais nas duas línguas, que potenciam a transferência negativa e positiva da informação lexical básica das preposições da L1 para L2.

Freitas (2013), no âmbito do estágio pedagógico, desenvolveu um estudo sobre o ensino das preposições a estudantes de PLE, refletindo sobre o modo como a gramática foi sendo concebida relativamente à categoria gramatical Preposição. O grande objetivo deste estudo foi contribuir com esta reflexão para melhorar as estratégias de ensino seguidas, bem como os materiais didáticos utilizados.

Por fim, referimos o trabalho de Komkova (2014), que propõe uma descrição linguística da localização temporal adjunta não oracional introduzida por conectores de tipo preposicional, tendo em vista o ensino-aprendizagem de PLE.

Todos os trabalhos citados colocam a preposição (seja ela argumental ou não argumental) no centro das preocupações dos docentes de PLE e PLS, o que vem corroborar a assunção de que esta é uma das áreas críticas do seu ensino-aprendizagem.

Tendo em conta o objetivo fundamental do presente trabalho, ou seja, a descrição das estratégias de complementação de verbos que selecionam complemento oblíquo preposicionado por aprendentes timorenses de PLS, é igualmente importante fazer referência a trabalhos com dados sobre o uso de preposições em contextos de formação de Variedades Não Nativas (VNN)<sup>87</sup>. Far-se-á também alusão a usos registados no Português do Brasil (PB) que não são convergentes com os do PE, numa tentativa de ilustrar a forte variabilidade que afeta esta área da gramática do português.

Efetivamente, um dos traços que mais distingue o PE das VNN e também do PB encontra-se ao nível do uso de preposições argumentais.

Em relação ao português de Moçambique, Perpétua Gonçalves (1989, 1990, 1996, 2010) refere-se a três características essenciais no que diz respeito ao uso de preposições. Em primeiro lugar, sublinha a supressão de preposição (*a* ou *de*) quando é marcador de caso e introduz OI ou Obl (*abusar alguém*). Pelo contrário, quando o OD tem o traço [+HUM], o falante moçambicano insere, normalmente, a preposição *a*, quando, no PE, o OD com estas

---

<sup>87</sup> Em primeiro lugar, e porque as VNN do português estão ainda em construção, sendo caracterizadas por graus variáveis de instabilidade estrutural, falaremos de **desvios** em relação à norma europeia. Do mesmo modo ao longo da presente dissertação abordaremos estes casos como **ocorrências não convergentes com a norma do PE**, numa perspetiva puramente descritiva e não avaliativa.



características não é preposicionado. P. Gonçalves (2010:100) apresenta os seguintes exemplos:

a) PM: *Eles elogiaram a uma pessoa./Elogiaram a ela./Elogiaram-lhe.*

b) PE: *Eles elogiaram uma pessoa. Elogiaram-na.*

Verifica-se ainda, e a título ilustrativo, a opção por uma preposição diferente da usada no PE para introduzir complementos selecionados por verbos locativos<sup>88</sup> ou direcionais<sup>89</sup> (*chegar em, voltar em*<sup>90</sup>).

Relativamente ao português de Angola (PA), Cabral (2005:172) concluiu, no seu trabalho sobre complementos preposicionados, que a substituição da preposição argumental é o desvio mais frequente, sendo que a estrutura frásica se mantém idêntica à estrutura do PE. No caso da substituição da preposição, destaca-se, no PA, o uso de *em* em vez da preposição *a* com verbos de movimento no PE (*chegar em, voltar em*<sup>91</sup>), e de *para* em vez de *a* (*voltar para, ir para*). Diferentemente do que acontece no PM, verifica-se a substituição da preposição *a* pela preposição *em*<sup>92</sup>, quando o argumento apresenta o traço [+HUM] com verbos ditransitivos e com verbos de 2 lugares com argumento interno OI. Quando o argumento é [-HUM], o apagamento da preposição é mais frequente.<sup>93</sup>

O apagamento da preposição no PA revela, no entender de Cabral (2005:173), uma reformulação das propriedades de seleção comum a várias línguas. É o caso da omissão da preposição *a*, introdutora de OI no PE, e da preposição *de*, quando marcador de caso e introdutora de complementos oracionais.

No que diz respeito ao português em São Tomé e Príncipe, Rita Gonçalves (2010) verificou que também é frequente a omissão da preposição quando os argumentos se realizam

---

<sup>88</sup> Verbos locativos são os verbos que selecionam argumentos com papel temático locativo e que situam a ação no espaço.

<sup>89</sup> São verbos dinâmicos que selecionam argumentos com papel temático de origem, de meta ou alvo.

<sup>90</sup> Gonçalves (1996: 20, 21; 2010: 129-132).

<sup>91</sup> Efetivamente, com esse tipo de verbos, no PE, usa-se a preposição *a*, com papel temático de meta, sendo que a opção pela preposição *em* se pode dever a uma reinterpretação do valor das preposições pelos falantes não nativos (ideia avançada por P. Gonçalves, citada por Leiria (2006:283)).

<sup>92</sup> *Os políticos nunca dão no povo o que prometem na época da campanha (...)* (Cabral, 2005: 122).

<sup>93</sup> *Não respondi o questionário (...)* Cabral (2005: 122). O autor sublinha que «a hipótese de que as preposições mais afectadas pelos desvios de substituição, de apagamento e de inserção são aquelas que podem assumir mais valores semânticos parece confirmar-se, já que *a*, *de*, e *em* são as preposições mais sujeitas à polissemia e as mais afectadas nos desvios (...). Quanto às preposições *para*, *com* e *por*, por terem os seus usos de algum modo mais definidos são menos propensas aos desvios.» (Cabral, 2005: 174).

lexicalmente à direita do verbo (transitivização direta), bem como a inserção de preposição quando o OD é [+HUM]. Relativamente ao uso da preposição *em* com o verbo *chegar*, a autora (2010: 117) refere que é comum esta opção, o mesmo não acontecendo com outros verbos de movimento, como *ir*, que parecem conservar a preposição *a*, que é usada no PE<sup>94</sup>.

No caso do português de São Tomé e Príncipe, a inserção de preposições não exigidas pelo predicador verbal em PE é menos frequente e, muitas vezes, acontece em variação com a omissão, o que parece denunciar que as preposições mais comuns neste tipo de ocorrências, *a* e *de*, «podem (estar a) ser realizadas como complementadores, à semelhança de outras línguas românicas que conservam esta propriedade» (Gonçalves, 2010: 117). Parece haver uma tendência para a omissão da preposição *a* com verbos ditransitivos quando o argumento OI é [+HUM], à semelhança do PM e contrariamente ao PA.

Em síntese, podemos dizer que, nas variedades do português já analisadas, as preposições mais problemáticas são *a* e *de*, sendo a sua omissão, substituição e adição (sobretudo, como vimos com a inserção de *a* em OD, sempre que o SN é [+HUM]) muito recorrentes, revelando claramente padrões de seleção diferentes dos que existem na norma europeia do português.

Para o português em uso em Timor-Leste, ainda não há descrições sistemáticas sobre o uso de preposições, ainda que, de uma forma muito breve, haja investigações que fazem referência a uma tendência para a omissão de preposições e de conjunções, registando-se uma opção preferencial pela parataxe (Albuquerque, 2011: 13, 2011<sup>a</sup>: 141).

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Introdução**

Neste capítulo serão abordadas as metodologias que orientaram o estudo empírico empreendido na presente dissertação e o tratamento dos dados recolhidos.

Num primeiro momento será feita a descrição e caracterização da amostra de informantes com base nas respostas obtidas num inquérito de natureza sociolinguística,

---

<sup>94</sup> A propósito da opção pela preposição *em* com o verbo *chegar*, a autora (2010:117) defende que «as diferenças de seleção são de cariz semântico, uma vez que não só a preposição *em* comporta na sua entrada lexical o papel temático de locativo, como também o verbo *chegar*, sendo tético, motiva a seleção de uma preposição com um traço de maior estaticidade do que aquele que *a* contém».

seguindo-se a descrição dos procedimentos levados a cabo na recolha dos dados que constituem a base empírica do nosso estudo. Nessa descrição explicar-se-á detalhadamente que tipo de exercícios foram pedidos aos informantes e quais os objetivos que se pretendiam alcançar com cada um deles. Far-se-á, em seguida, a apresentação dos procedimentos adotados no tratamento dos dados.

### **3.2. Caracterização dos informantes/aprendentes**

Como já fizemos referência na introdução do presente trabalho, a dissertação que agora surge nasceu num contexto muito particular de ensino-aprendizagem.

Apesar de no âmbito da atividade profissional termos trabalhado com 122 funcionários do Parlamento Nacional e de termos recolhido exercícios de 68 dos formandos que assistiam às aulas de Língua Portuguesa, não foi possível reunir, dos 68 formandos, os 3 tipos de exercícios que integraram o protocolo que descreveremos na secção seguinte, daí que tenhamos constituído uma amostra de estudo de 26 informantes, sendo que usaremos a informação obtida junto dos demais sujeitos, se tal se revelar oportuno.

Passemos então à caracterização da amostra de sujeitos com base nas respostas dadas ao inquérito de natureza sociolinguística<sup>95</sup>.

A amostra é, assim, constituída por 26 formandos do curso livre de Língua Portuguesa (níveis A1+ e A2+<sup>96</sup>) que decorre no Parlamento Nacional de Timor-Leste, sendo que, nesta amostra, 43% são homens e 57% são mulheres.

Não tendo sido intencional esta diferença entre homens e mulheres na constituição da amostra, a mesma reflete a realidade que tivemos em sala de aula, na medida em que, efetivamente, tivemos sempre mais formandos do sexo feminino do que do sexo masculino, em praticamente todas as turmas. Do total de informantes, 35% pertencem à turma de nível A2+ e 65% pertencem às turmas de nível A1+.

Por se tratar de uma informação relevante, no quadro que se segue é possível verificar como se distribuem os informantes, de acordo com o seu sexo, pelos dois níveis de ensino.

---

<sup>95</sup> Ver Anexo I.

<sup>96</sup> Optámos por colocar junto do nível o sinal (+), uma vez que os formandos com quem trabalhámos revelam um domínio das estruturas linguísticas do nível propriamente dito, de acordo com a classificação feita no *Quadro Europeu de Referência para as Línguas*, mas também do nível imediatamente seguinte, não sendo, contudo, suficiente para que o trabalho desenvolvido parta desse e não do primeiro. Embora também tivéssemos turmas de nível A1, decidimos não usar os dados recolhidos junto desses formandos (essencialmente exercícios de elicitación com preposições regidas por verbos de movimento e pequenos textos), na medida em que a assiduidade dos mesmos não permitiu desenvolver um trabalho sólido que pudesse servir os objetivos do nosso trabalho.

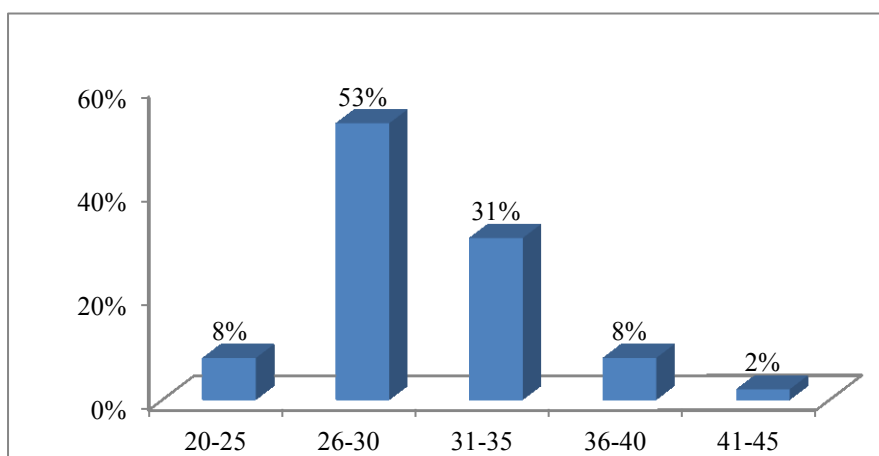
Sexo do informante	Nível A1+	Nível A2+
Masculino	33% (7)	80% (4)
Feminino	67%(14)	20% (1)
Total	100% (21)	100% (5)

**Tabela 1:** Distribuição do sexo dos informantes pelos níveis de ensino.

No nível A1+, a percentagem de mulheres (67%) é bastante superior à dos homens (33%), verificando-se o contrário no nível A2+, em que o sexo feminino apresenta uma percentagem muito inferior.

É interessante refletir um pouco sobre a questão da frequência do ensino em função do género do/da estudante. Parece-nos que a frequência dos vários graus de ensino por parte de alunos do sexo masculino, em Timor-Leste, é muito mais regular. As meninas/jovens, por sua vez, como acontece em muitos países em vias de desenvolvimento, têm de lidar com todo um conjunto de circunstâncias socioculturais<sup>97</sup> que, frequentemente, as afastam do banco da escola. Chegadas ao mercado de trabalho, no entanto, são elas as que mais se dedicam à formação, daí que estejam em maior número nas aulas de Língua Portuguesa, como em todas as outras ações de formação, ministradas no Parlamento Nacional<sup>98</sup>.

Em relação aos estratos etários em que se divide a amostra, começámos por estabelecer, depois de recolhidos os inquéritos, 5 grupos, com intervalos de 5 anos, conforme a idade mínima (20 anos) e a idade máxima (42 anos) registadas.



<sup>97</sup> Note-se que as famílias timorenses são muito numerosas e que as irmãs mais velhas têm de ajudar nas tarefas de casa e na educação dos irmãos. Além disso, o casamento e a maternidade verificam-se em idades bastante jovens o que, por si, já significa um abandono permanente ou, pelo menos, temporário da escola.

<sup>98</sup> Referimo-nos à realidade do Parlamento Nacional de Timor-Leste que é a que melhor conhecemos relativamente à questão da formação em serviço, no entanto, em todas as instituições timorenses há sempre ações de formação a decorrer, sejam elas no âmbito da formação em Língua Portuguesa, sejam em áreas específicas relacionadas com as áreas de intervenção de cada instituição em particular.

**Gráfico 3.1:** Distribuição dos informantes pelos grupos etários.

Como se pode ver no gráfico 3.1, a maioria dos informantes (53%) tem entre 26 e 30 anos, sendo que 31% se encontram no grupo com idades entre os 31 e os 35. Entre 20 e 25 anos temos 8% dos informantes e entre 36 e 40 anos temos outros 8%. Finalmente, no intervalo entre 41 e 45 anos estão apenas 2% dos informantes.

Vejamos agora como se distribuem os informantes pelos dois níveis de ensino, tendo em conta as suas idades.

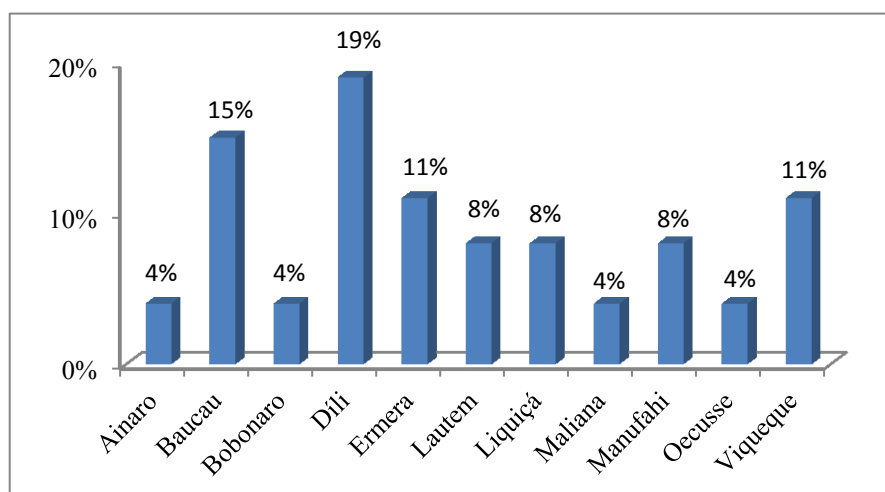
Idades dos informantes \ Nível de ensino	Idades dos informantes				
	20-25	26-30	31-35	36-40	41-45
A1+	4%	37%	29%	9%	0%
A2+	4%	9%	4%	0%	4%

**Tabela 2:** Distribuição dos grupos etários dos sujeitos da amostra pelos níveis de ensino

Note-se que da nossa amostra não consta nenhum formando que tenha mais do que 45 anos, o que significa, neste contexto particular de Timor-Leste, que nenhum dos nossos informantes frequentou o ensino primário durante o período de colonização portuguesa. Tal informação é muito significativa, na medida em que nos leva a concluir que o primeiro contacto formal com a Língua Portuguesa se deu numa fase mais tardia das suas vidas, muito provavelmente durante o período de frequência do ensino secundário ou superior, ou já mesmo na fase adulta, no local de trabalho.

Se analisarmos os dados constantes da tabela 2, em relação ao nível A1+, os informantes não ultrapassam os 40 anos de idade, tendo a maioria entre 26 e 35. Em relação ao nível A2+, destaca-se o informante mais velho e um informante bastante jovem, o que poderá representar um sinal relativamente à forma como o português está a crescer neste país.

Em relação à naturalidade dos informantes, regista-se uma grande diversidade de locais indicados, como se pode imediatamente observar pelo gráfico 3.2.

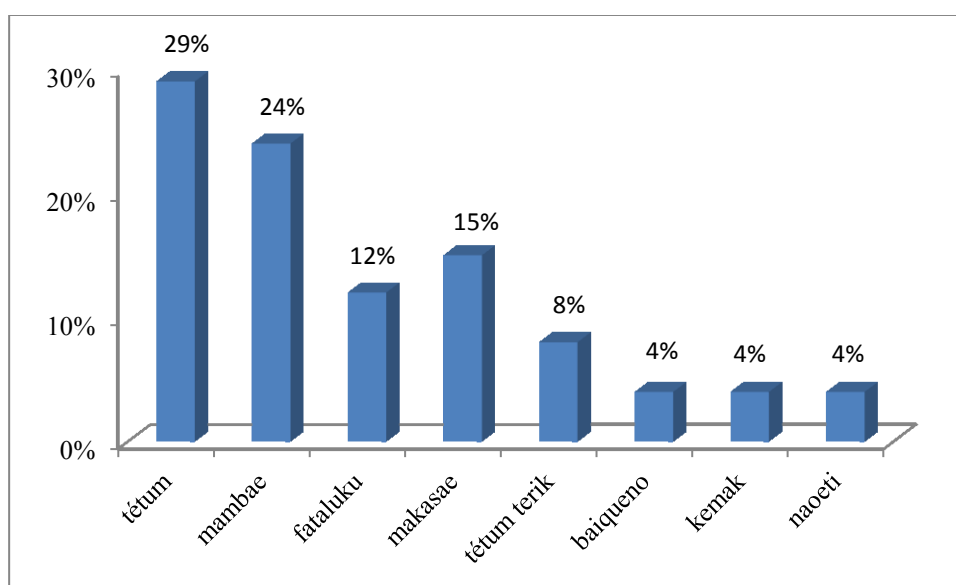


**Gráfico 3.2:** Naturalidade dos informantes (valores percentuais).

Neste campo do inquérito sociolinguístico, optámos por pedir que os informantes fizessem referência ao distrito ou subdistrito de origem para ser mais fácil, para nós, a identificação dos locais. 19% dos informantes são naturais de Díli, 15% são de Baucau, 11% são de Viqueque, 8% são de Liquiçá, repetindo-se a percentagem de informantes de Manufahi e de Lautem. 4% são os informantes de Ainaro, bem como os de Bobonaro, de Maliana e de Oe-Cusse.

A naturalidade dos informantes está intimamente relacionada com a questão das suas línguas maternas, que veremos em seguida, e que poderiam ser tidas em conta na discussão dos dados, se dispuséssemos de um conhecimento aturado sobre cada uma delas.

No que às línguas maternas dos informantes diz respeito, a nossa amostra reflete, como seria de esperar, a complexidade do mapa linguístico de Timor-Leste<sup>99</sup>. Veja-se o gráfico seguinte:



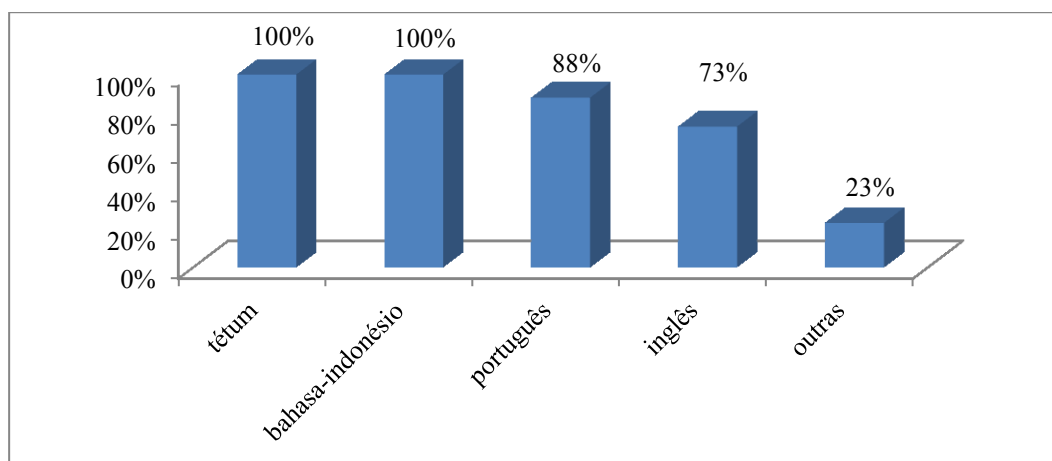
**Gráfico 3.3:** Línguas maternas dos informantes (valores percentuais).

Como se pode verificar no gráfico 3.3, 29% dos informantes apontam como língua materna o tétum, sendo esses maioritariamente naturais de Díli, mas também de Ermera. 24% indicam que a sua língua materna é o mambae, e estes são, nomeadamente, aprendentes de Ainaro, Liquiçá e Same; 15% dos informantes apontam o makasae como língua materna, sendo que pertencem aos distritos de Baucau e Viqueque e 12% o fataluku, uma das línguas do distrito de Lautem. Há ainda 8% de informantes que identificam como língua materna o

<sup>99</sup> Para uma visão aturada da complexidade do mapa linguístico timorense, vejam-se os trabalhos de Albuquerque (2011) e Batoréo (2009).

tétum-terik e que são de Viqueque e Díli e 4% que apontam o baiqueno, de Oe-cusse, tendo igual percentagem o kemak e o naoeti, de Bobonaro e de Viqueque respetivamente.

A questão que se seguia no inquérito pedia aos informantes para indicarem que outras línguas falam/usam, além da língua materna que identificaram antes.



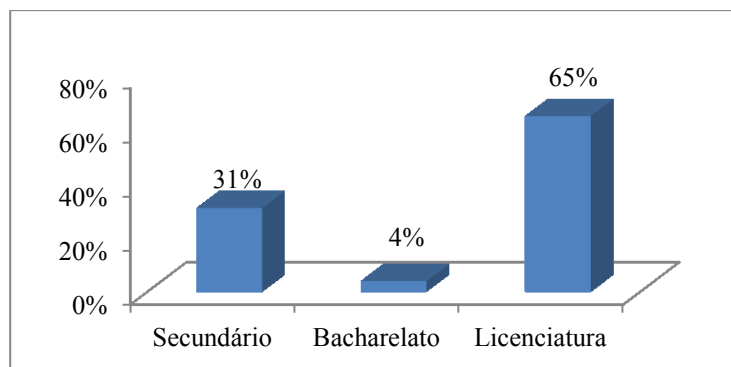
**Gráfico 3.4:** Outras línguas faladas pelos informantes, além da LM (valores percentuais).

Como se poder ver no gráfico 3.4, todos os informantes (100%) selecionaram o tétum e o bahasa-indonésio. Esta escolha foi feita sem reservas no momento da realização do inquérito. 88% dos informantes selecionaram o português, mas registaram como resposta um +/- em vez de usarem apenas um sinal de cruz. Desta forma, parece-nos que os informantes deixaram claro um registo da sua insegurança e/ou da sua dificuldade relativamente ao domínio da língua portuguesa.

Além das línguas anteriormente referidas, 73% dos informantes afirmam que falam inglês (com a mesma ressalva que colocaram para o português) e 23% indicaram outras línguas nacionais de Timor-Leste. Dentro deste grupo também houve um informante<sup>100</sup> que indicou o japonês.

Relativamente à escolaridade, como se pode perceber no gráfico 3.5, a totalidade dos informantes concluiu o ensino secundário, sendo muito significativo o número de detentores de grau universitário.

<sup>100</sup> Trata-se de um informante que beneficiou de uma bolsa de estudo no Japão.



**Gráfico 3.5:** Habilitações literárias dos informantes (valores percentuais)

Como se depreende da análise do gráfico 3.5, 65% dos informantes têm uma licenciatura, 31% concluíram apenas o ensino secundário e 4% têm um bacharelato. É importante salientar que do total dos informantes, 3 concluíram a licenciatura em Língua Portuguesa na Universidade Nacional de Timor-Leste, sendo os restantes licenciados tanto por universidades timorenses, como indonésias, em diversas áreas do conhecimento.

Na tabela 3 mostramos como se distribuem as habilitações literárias pelos dois níveis de ensino.

Hab. Literárias Nível de ensino	Secundário	Bacharelato	Licenciatura
A1+	38%	5%	57%
A2+	0%	0%	100%

**Tabela 3:** Distribuição das habilitações literárias pelos dois níveis de ensino.

A primeira observação a fazer prende-se com o facto de os aprendentes que frequentam o nível A2+ terem todos uma licenciatura, sendo que três deles, como adiantámos antes, são licenciados em Língua Portuguesa pela Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL)<sup>101</sup>.

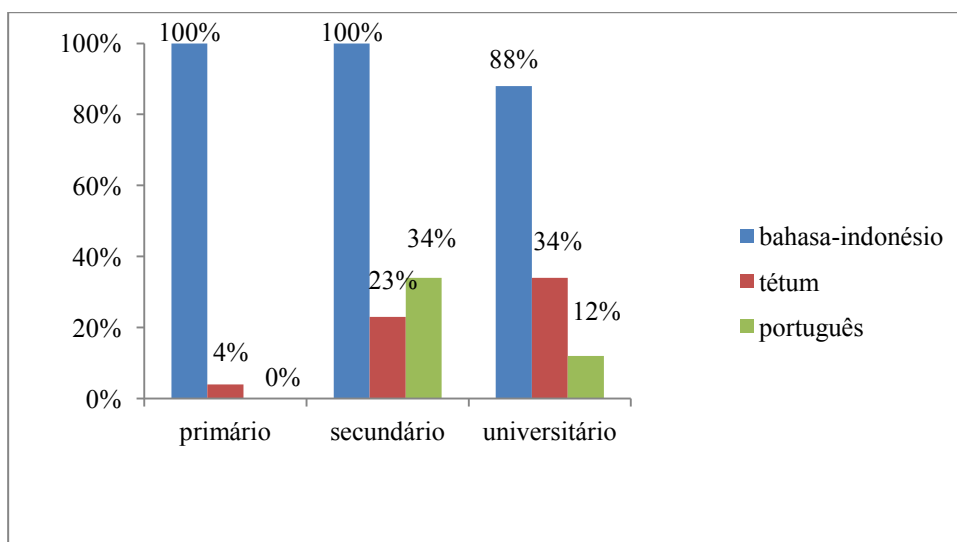
Em relação ao nível A1+, a percentagem de informantes detentores de licenciatura é maior do que as percentagens relativas ao ensino secundário ou ao bacharelato. É bastante significativa a percentagem dos informantes que têm apenas o ensino secundário concluído,

<sup>101</sup> Apesar de licenciados em Língua Portuguesa, e ainda que o seu conhecimento linguístico esteja efetivamente numa fase mais avançada, registam-se ainda limitações ao nível da comunicação oral e escrita que não nos permitiram colocá-los no nível B1.



mas importa referir que uma parte destes aprendentes se encontra a frequentar o ensino superior, não tendo, até à data da recolha dos dados, concluído a sua formação.

O gráfico 3.6 mostra com que línguas os informantes contactaram formalmente nos diversos níveis de ensino.



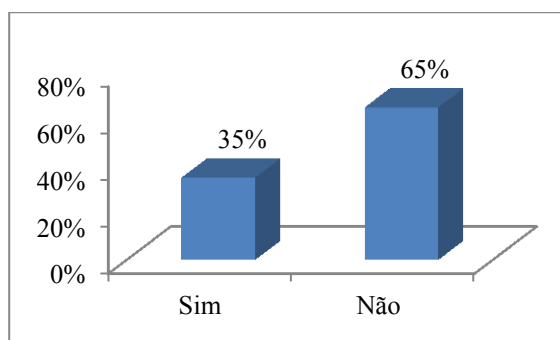
**Gráfico 3.6:** Línguas de escolarização dos informantes (valores percentuais)

Com base nestes dados, infere-se que o grupo de informantes que serve de amostra para o nosso trabalho frequentou o ensino primário e secundário ministrado em bahasa-indonésio, tendo sido registadas algumas referências ao tétum por parte de 4% dos informantes no ensino primário e por parte de 34% dos informantes no ensino secundário. 23% dos informantes referem-se ao uso do português, mas apenas a partir do ensino secundário. Em relação ao ensino universitário, 88% dos informantes fizeram a sua licenciatura ministrada em bahasa-indonésio e apenas 12% referem o uso do português neste âmbito.

Convém salientar que a referência à língua portuguesa pelos formandos, no ensino secundário sobretudo, pode não significar que essa língua fosse usada regularmente pelos docentes em contexto de ensino-aprendizagem. A questão do uso do português nas escolas e universidades timorenses é ainda hoje muito problemática, sendo conhecida a dificuldade existente nos docentes timorenses em usar essa língua nas suas aulas.

Através de diálogos estabelecidos com os formandos, percebemos que a maioria teve o seu primeiro contacto com o ensino formal do português, logo após a independência, em cursos intensivos dados por padres ou por professores portugueses do projeto de inserção do português, tendo continuado a sua formação nessa língua, até hoje, no seu local de trabalho.

Considerámos importante perceber também, além da identificação das línguas maternas e das línguas de escolarização, se os informantes viveram fora do país e por quanto tempo, uma vez que o contacto com línguas estrangeiras também pode interferir na *performance* linguística e justificar desvios registados.



**Gráfico 3.7:** Informantes que viveram/não viveram fora de Timor-Leste (valores percentuais).

Das respostas obtidas, verificámos que 65% dos informantes nunca viveram fora de Timor-Leste, ainda que alguns tenham feito referência a deslocações ao estrangeiro por questões de serviço. Os restantes 35% afirmaram já ter vivido fora do país, por períodos e motivos diferentes. Dos informantes que declararam ter vivido no estrangeiro, 23% indicaram a Indonésia, por períodos que vão dos 6 meses até aos 6 anos, 4% o Japão, durante 4 anos, e 4% a Inglaterra, por 2 anos, como países de acolhimento.

Feita a descrição da amostra selecionada dos informantes/aprendentes, na secção seguinte explicaremos a metodologia adotada na recolha dos dados que servem de base empírica ao presente estudo.

### **3.3. Recolha e tratamento dos dados**

No processo de recolha dos materiais que servem de base a este trabalho deparámo-nos com algumas dificuldades, decorrentes do contexto particular em que nos encontrávamos a trabalhar. A primeira prendeu-se com o facto de nem sempre estarem na aula os mesmos formandos, daí que tenha sido extremamente complexo conseguir recolher de todos os formandos o conjunto dos exercícios propostos e que descreveremos a seguir.

Para a obtenção dos dados com que nos encontramos a trabalhar e após termos decidido qual a área a que nos queríamos dedicar, recolhemos junto dos informantes de ambos os níveis os seguintes exercícios<sup>102</sup>:

- a) Três exercícios de escrita a partir de estímulo dado em aula pela docente;
- b) Dois exercícios de elicitación, com preposições em alternativa;
- c) Um exercício de produção de frases a partir de lista de verbos (sem presença das preposições argumentais).

Os dados recolhidos através dos exercícios de escrita, a partir de estímulo dado pela docente, inspiraram a conceção dos restantes exercícios, na medida em que foi deles que retirámos a maioria dos predicadores verbais e respetivas preposições argumentais, atendendo à sua frequência de ocorrência. Nesta primeira fase, registámos apenas os usos desviantes verificados ao nível da escolha da preposição argumental, de acordo com a norma europeia do português que usamos como referência. Mais tarde, voltámos a analisar os textos produzidos de forma a registar também os usos convergentes com a norma de referência, de modo a ter uma visão mais precisa do conhecimento da língua alvo de aprendizagem por parte dos informantes.

Na tabela 4, na primeira coluna, identificamos os verbos que seleccionámos nos primeiros exercícios de escrita e que serviram de ponto de partida para a produção dos restantes exercícios. Na coluna seguinte, colocámos os verbos que adicionámos posteriormente.

<b>Verbos seleccionados nos primeiros exercícios de escrita (e preposição argumental)</b>	<b>Verbos acrescentados nos exercícios de elicitación (e preposição argumental)</b>
<i>Gostar (de)</i>	<i>Esquecer(-se) (de)</i>
<i>Apaixonar(-se) (por)</i>	<i>Lembrar(-se) (de)</i>
<i>Sair (de)</i>	
<i>Chegar (a)</i>	
<i>Assistir (a)</i>	
<i>Morar (em)</i>	
<i>Ir (a)</i>	
<i>Ir (para)</i>	
<i>Voltar (para)</i>	

<sup>102</sup> Os enunciados de todos os exercícios constantes do protocolo encontram-se em anexo ao presente trabalho. Cf. Anexos II a VIII

<i>Precisar (de)</i>	
<i>Vir (a)</i>	
<i>Vir (para)</i>	
<i>Concordar (com)</i>	

**Tabela 4:** Lista de verbos usados nos vários exercícios do protocolo.

Antes de avançarmos, gostaríamos de referir que esta lista de verbos e das preposições argumentais permite descrever fenómenos com especial interesse. Em primeiro lugar, torna-se possível comparar os resultados dos verbos *morar (em)* e *chegar (a)*, cuja relevância reside no facto de, neste último caso, se registar um grande número de desvios decorrentes da substituição de *a* por *em*. Pretendemos, portanto, verificar como é que se comportam os aprendentes quando o verbo rege a preposição *em*, com sentido locativo.

Em segundo lugar, considere-se o facto de *assistir (a)* e *concordar (com)* serem dois verbos muito usados no âmbito da atividade parlamentar. No primeiro caso, queríamos perceber como é que os informantes usam a preposição *a*, que não introduz um complemento oblíquo com papel temático de meta ou fim, como acontece com verbos de movimento. Sublinhe-se que a preposição *a*, a par da preposição *de*, é, como se viu no capítulo anterior, uma das que mais problemas levanta na aprendizagem de PLE e PLS. No caso de *concordar*, além de ser um verbo muito usado no âmbito da atividade parlamentar, interessou-nos verificar de que forma os aprendentes usam a preposição argumental *com*, já que se trata de uma preposição que surge, neste contexto particular de ensino-aprendizagem, com alguma regularidade em vez de outras preposições argumentais, como veremos quando apresentarmos os resultados desta investigação.

Grande parte dos verbos que nos encontramos a estudar surgiu, como se vê, logo nas primeiras produções escritas dos informantes. Incluímos ainda, nos exercícios de elicitación, os verbos *esquecer(-se) (de)* e *lembrar(-se) (de)*, porque regem a preposição *de*, que é uma das que mais desvios sofre, tanto ao nível do português europeu como das variedades de PL2<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Efetivamente, a preposição *de* é uma das mais problemáticas da língua portuguesa, tanto no português europeu, nomeadamente quando introduz complementos de natureza oracional com “que”, como nas VNN do português e no PLE. Vejam-se os trabalhos de Peres e Mória (1995), Leiria (2006), Cabral (2005), Gonçalves P. (1989, 1990), Gonçalves R. (2010a, 2010 b) e Wanlan (2015).

Verbo	Preposição	Classificação do verbo de acordo com estrutura argumental
<i>Gostar</i>	<i>De</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Precisar</i>	<i>De</i>	Verbo de 2/3 <sup>104</sup> lugares com argumento interno oblíquo
<i>Esquecer(-se)</i>	<i>De</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Lembrar(-se)</i>	<i>De</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Sair</i>	<i>De</i>	Verbo de 2/3 <sup>105</sup> lugares com argumento interno oblíquo
<i>Ir</i>	<i>a / para</i>	Verbo de 2/3 <sup>106</sup> lugares com argumento interno oblíquo
<i>Vir</i>	<i>a/para...</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Voltar</i>	<i>a/para</i>	Verbo de 2/3 <sup>107</sup> lugares com argumento interno oblíquo
<i>Chegar</i>	<i>A</i>	Verbo de 2/3 <sup>108</sup> lugares com argumento interno oblíquo
<i>Assistir</i>	<i>A</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Morar</i>	<i>Em</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Apaixonar(-se)</i>	<i>Por</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo
<i>Concordar</i>	<i>com</i>	Verbo de 2 lugares com argumento interno oblíquo

**Tabela 5:** Verbos usados nos exercícios que integraram o protocolo para coleta de dados e respetiva estrutura argumental.

A tabela 5 contém, então, todos os verbos considerados no nosso estudo, com as preposições por eles regidas. Na última coluna, classificam-se esses verbos de acordo com a sua estrutura argumental.

Todos estes verbos foram usados pela maioria dos informantes nos vários exercícios, embora seja importante esclarecer que verbos como *gostar*, *ir*, *vir*, *chegar*, *sair* e *morar* são muito mais recorrentes do que outros (como *apaixonar(-se)*), como veremos no capítulo da discussão dos resultados.

Importa agora descrever a forma como os dados foram sendo recolhidos junto dos informantes.

<sup>104</sup>*Precisar de...para...*

<sup>105</sup>*Sair de... para...*

<sup>106</sup>*Ir de... a/para...*

<sup>107</sup>*Voltar a/para... de...*

<sup>108</sup>*Chegar a... de...*

### 3.3.1. Procedimentos de recolha dos dados

Considerámos que, para se conseguir ter uma noção mais clara do domínio das estruturas em estudo, seria importante variar o tipo de texto/exercício a solicitar aos formandos, na medida em que essa diversidade permitiria recolher informações sobre as mesmas estruturas em diferentes circunstâncias de uso da língua.

Se, por um lado, os textos escritos orientados a partir de um estímulo proposto pela docente nos dariam uma visão sobre o uso mais “espontâneo” das preposições argumentais visadas, por outro, os exercícios direcionados baseados na escolha de preposições em alternativa para preenchimento de espaços vazios ofereceriam outro tipo de informação, designadamente sobre os padrões preferenciais de escolha perante as preposições *a, com, de, em, para e por*.

Todos os exercícios foram realizados/recolhidos em sala de aula, no seguimento do trabalho com materiais propostos pela docente, e após todo o trabalho de exploração dos mesmos, para evitar o uso de materiais de apoio ou o recurso à ajuda de outros colegas, já que era essencial que os trabalhos fossem individuais para refletir efetivamente o nível de conhecimento das estruturas em estudo de cada um dos informantes.

O primeiro texto escrito recolhido foi um resumo do filme “Assalto ao Santa Maria”, realizado por Francisco Manso, em 2010, protagonizado por Leonor Seixas, Alfonso Agra e João Costa, entre outros. O filme foi projetado numa aula a duas turmas de nível A1+ e à turma de nível A2+. Na aula seguinte à exibição da película, foi pedido a cada turma que elaborasse um pequeno texto a resumir a história do filme. Fizemos anteceder o exercício de produção escrita por um outro de natureza oral com o objetivo de auxiliar os formandos a recuperar os factos mais importantes do filme e assim facilitar a produção do texto<sup>109</sup>.

É importante referir, desde já, que, neste contexto concreto de ensino-aprendizagem de PLS, a atividade de escrita é sempre evitada pelos formandos, na medida em que, tendo consciência das suas dificuldades, têm vergonha de não fazer “bem”. As atividades de escrita causam sempre um grande nervosismo e a primeira reação dos formandos a exercícios desta natureza é sempre de rejeição, sendo que essa relutância à escrita implica que as produções deste tipo não sejam muito extensas e as estruturas usadas sejam as que mais frequentemente se ouvem e repetem, tanto em sala de aula, como nas situações em que o português é usado na instituição.

---

<sup>109</sup> Ver o anexo II.

Conscientes desse bloqueio, para a produção do segundo exercício de escrita, foi elaborado um texto<sup>110</sup>, em que se retratava o regresso a Timor-Leste de uma estudante timorense que esteve a estudar Medicina em Cuba. Nesse texto descreviam-se os sentimentos da estudante e da família no momento do reencontro e expressava-se, no final, o seu desejo de visitar os lugares mais bonitos de Timor-Leste, a começar pelo Monte Ramelau, lugar emblemático para o povo timorense.

Assim, depois de trabalhado o texto e resolvidos todos os exercícios associados, foi pedido aos formandos que escrevessem um texto em que imaginassem a viagem ao Monte Ramelau, a partir de Díli. Oralmente, foi-lhes explicado que deveriam referir os meios de transporte utilizados, o tempo gasto na viagem e outras questões que considerassem pertinentes, como o alojamento, a alimentação, etc.

O facto de se tratar de uma viagem conhecida e feita pela maioria da população timorense contribuiu para que os textos produzidos pelos formandos fossem um pouco mais extensos e que contivessem algumas das estruturas que pretendíamos averiguar, nomeadamente com verbos de movimento e de expressão afetiva.

O terceiro exercício de escrita foi pedido apenas às turmas de nível A1+ e foi motivado por um texto<sup>111</sup> produzido pela docente em que se retratava a rotina diária de dois funcionários parlamentares. O facto de haver uma identificação entre a temática do texto trabalhado em aula e a realidade dos formandos serviu novamente de desbloqueio para a atividade de escrita. Não foi permitida aos formandos, durante a realização deste exercício, a consulta do texto fornecido pela docente, para evitar possíveis cópias, na medida em que se pretendia que cada um escrevesse um texto apresentando a sua própria rotina diária.

Paralelamente, e uma vez que o terceiro exercício de escrita foi pedido apenas ao grupo de formandos de nível A1+, solicitámos também um terceiro exercício ao grupo de nível A2+, para possuímos o mesmo número de textos produzidos para os dois grupos.

Assim sendo, e aproveitando a realização da V Assembleia Parlamentar da CPLP no Parlamento Nacional de Timor-Leste, de 9 a 11 de abril de 2014, que implicou um grande envolvimento da parte dos funcionários da instituição, foi pedido em aula, a partir de uma notícia publicada na imprensa sobre o evento<sup>112</sup>, um comentário sobre o encontro. Nesse comentário, os formandos deveriam referir-se a questões de organização (principais dificuldades sentidas pelo Parlamento Nacional, aspetos positivos e negativos) e à sua própria

---

<sup>110</sup> Ver o anexo III.

<sup>111</sup> Ver o anexo VII.

<sup>112</sup> Ver o anexo VI.

experiência. Neste exercício, alguns formandos limitaram-se a reproduzir a agenda do encontro, sem obedecerem às orientações dadas pela docente.

À medida que fomos recolhendo os exercícios de escrita a partir de estímulos propostos pela docente, e na sequência do trabalho feito nas aulas que se seguiram, decidimos apresentar às várias turmas dois exercícios baseados na escolha de preposições em alternativa para preenchimento de espaços vazios, nomeadamente com as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *para* e *por*<sup>113</sup>.

Antes da realização destes exercícios pelos formandos, e porque já anteriormente tínhamos introduzido o estudo da categoria gramatical *preposição*, recuperámos o que já tinha sido apresentado sobre essa categoria, designadamente sobre o seu papel de ligação e exemplificou-se com várias preposições que vinham surgindo em aula. Para facilitar a compreensão dos formandos, recorreu-se a alguns exemplos do tétum, nomeadamente com a preposição *em* (*iha*), *para* (*ba*), *de* (*husi*) e *com* (*ho*).

Relativamente a estes exercícios de eliciação, é necessário explicar que, quando o primeiro<sup>114</sup> foi elaborado, o presente estudo se encontrava, ainda, numa fase exploratória, pelo que foram, nessa fase inicial, testados usos de preposições em diferentes estruturas, quer nominais quer verbais. Tratou-se de um exercício de escolha múltipla para preenchimento de espaços, pois aos formandos foi solicitado o preenchimento de espaços vazios em sintagmas nominais e verbais fornecidos com as preposições que referimos em cima.

Só depois de feita a primeira análise às respostas apuradas neste exercício e após a tomada de decisão de nos dedicarmos apenas às preposições argumentais em sintagmas verbais é que foi então proposto um segundo exercício do mesmo género<sup>115</sup>.

Do primeiro exercício proposto aos aprendentes, usámos apenas 12 frases declarativas, com a forma afirmativa e cujo núcleo é um predicador verbal com argumento interno oblíquo, nomeadamente *ir* (*a*), *ir* (*para*), *vir* (*a*), *vir* (*para*), *voltar* (*para*), *chegar* (*a*), *gostar* (*de*) e *sair* (*de*)<sup>116</sup>.

O segundo exercício de eliciação também foi realizado em aula. O referido exercício apresenta 31 frases declarativas simples, sendo que 29 têm forma afirmativa e 2 são negativas. Relativamente ao primeiro exercício, foram incluídos verbos como *precisar* (*de*), *lembrar-se* (*de*), *esquecer-se* (*de*) e *morar* (*em*).

---

<sup>113</sup>Ver os anexos IV e V.

<sup>114</sup> Ver o anexo IV. Deste exercício só retirámos, para o presente trabalho, as alíneas em que constam preposições argumentais selecionadas por predicador verbal. Os restantes poderão vir a ser usados em trabalhos posteriores.

<sup>115</sup> Ver o anexo V.

<sup>116</sup> As frases selecionadas encontram-se destacadas no anexo IV.



O objetivo destes exercícios, como dissemos anteriormente, é possibilitar a comparação entre os padrões de desvios e de acertos registados com os que se verificam nos exercícios de escrita orientada e identificar tendências preferenciais de escolha perante as várias opções de preposições apresentadas, nomeadamente, *a, com, de, em, para e por*.

Numa fase mais avançada de recolha de dados para o presente trabalho foi pedido mais um exercício de escrita<sup>117</sup>. Agora, em vez de um tema relacionado com um texto trabalhado em aula, fornecemos uma lista de verbos, designadamente alguns dos verbos que mais recorrentemente surgiram nos exercícios anteriormente recolhidos, para que cada formando escrevesse pelo menos uma frase para cada verbo. Nenhuma das preposições argumentais foi colocada junto ao respetivo verbo e foram colocados também alguns verbos distratores, que não selecionam complemento oblíquo.

Contrariamente aos primeiros exercícios de escrita solicitados, que pressupunham a produção de um texto, este foi um exercício prontamente aceite e realizado pelos formandos. No entanto, muito poucos foram os que escreveram mais do que uma frase para cada verbo. Consideramos, todavia, que o material recolhido é suficiente para proceder à reflexão exploratória que tínhamos em mente.

À medida que a recolha dos exercícios descritos nos parágrafos anteriores foi feita, procedeu-se à leitura e correção dos mesmos, para que fossem devolvidos aos formandos, e ao registo em tabela *excel* dos desvios e acertos encontrados. Todos os exercícios recolhidos foram fotocopiados<sup>118</sup> e arquivados, uma vez que são a matéria-prima deste trabalho e, possivelmente, de trabalhos futuros. Não houve condições para proceder à sua digitalização, mas desta forma acautelou-se a sua manutenção com a docente.

### **3.3.2. Procedimentos de tratamento dos dados**

Tendo em conta que foram pedidos três tipos de exercícios diferentes aos formandos, passaremos agora a descrever de que forma procedemos ao tratamento dos dados recolhidos em cada um deles.

A leitura cuidada dos textos recolhidos permitiu-nos identificar as ocorrências divergentes e as ocorrências convergentes em relação à norma do PE que tomamos como

---

<sup>117</sup> Ver o anexo VIII.

<sup>118</sup> Após a identificação de todos os exercícios, foi atribuído um código a cada informante de forma a preservar o anonimato. Recorreu-se, para isso, às letras do alfabeto.

referência, sendo que a reflexão sobre os desvios e os acertos registados contribui para percebermos em que estágio se encontra a construção das interlínguas dos aprendentes.

Após o primeiro contacto com os materiais recolhidos, e estando identificadas as estruturas em que surgiam os predicadores verbais em estudo, passou-se ao registo de todas as frases em que as preposições argumentais surgiam ou deveriam surgir em documento *excel*, classificando-se os desvios registados conforme a tipologia estabelecida em Peres e Mória (1995) a que fizemos referência na secção 2.5. do presente trabalho<sup>119</sup>.

Por uma questão de organização, optámos por fazer o registo em tabela *excel* das frases retiradas dos textos produzidos pelos informantes a partir de estímulo apresentado pela docente, de acordo com os verbos principais em construções na voz ativa e em orações declarativas, tanto afirmativas, como negativas, e respetivas preposições argumentais, como se pode ver no exemplo 1, identificando o tipo de ocorrência (subtipo de desvio ou uso convergente com a variedade europeia do português) e o informante em causa.

Exemplo (1):

Verbo	Prep. alvo	Frase	Omis.	Subst.	Ocorrência convergente	Infor.
Precisar	de	Quando <b>chega em</b> Ainaro, no hotel Hatubilico deles <b>precisam um pouco tempo</b> para descansa ou dormir.	x			F
		Ela <b>precisa muito tempo</b> para chega o monte Ramelau.	x			F
		Foi um trabalho muito cansativo e que <b>precisa de</b> um esforço muito grande por parte do protocolo do PN.			X	L
		Qual maneira que nos <b>preciso para</b> fazer?		X (PARA)		H
		Por isso, eu quero preciso de ajuda o marido para colaboração.			X	C

Em nosso entender, este tipo de registo permite ter uma visão clara das ocorrências da preposição argumental com cada verbo e, simultaneamente, do tipo de desvio registado e/ou do seu uso convergente com a norma europeia.

Em relação aos exercícios de escrita de frases a partir de verbos apresentados pela docente, usámos a mesma metodologia, registando em tabela *excel* as frases produzidas pelos

<sup>119</sup> Os dados recolhidos não nos permitiram incluir neste trabalho uma reflexão sobre a adição de preposição indevida.

formandos, indicando os desvios e acertos registados, com o foco no núcleo verbal e na preposição selecionada. Tratou-se de um levantamento mais simples, na medida em que as frases já estavam isoladas e separadas de acordo com os verbos apresentados, tendo nós apenas que escolher, do total, as estruturas verbais que selecionam preposições argumentais<sup>120</sup>.

No exemplo (2) poder-se-á verificar o aspeto do registo que fomos fazendo para cada frase produzida pelos formandos/aprendentes.

Exemplo (2).

<b>Frase (<i>gostar de</i>)</b>	<b>Omiss.</b>	<b>Subs.</b>	<b>Ocorrência convergente</b>	<b>Infor .</b>
Eu gostar para cozinhar da minha fila.		DE por PARA		P
Eu não gosto vir a tarde.	X			Q
Ela gosta cozinhar muito.	X			Q
Eu gosto ler um livro história sobre Timor-Leste.	X			BH
Ela gosta muito participa os actividades da escola.	X			BH
Eu gosto beber café.	X			O
Eu gosto muito de como leitão assado.			X	R
Eu gostar comer frutas.	X			BM

Para concluir este ponto em que descrevemos de forma abreviada os dados que fomos registando, resta fazer referência aos exercícios de elicitación que pedimos aos formandos, sendo que aproveitámos para o presente estudo empírico apenas as frases em que as preposições *a, com, de, em, para* e *por* são preposições argumentais em sintagmas verbais.

Neste tipo de exercício, a primeira observação que se impõe prende-se com a quase ausência de desvios por omissão, na medida em que aos formandos se pedia para usarem as preposições em alternativa para preenchimento dos espaços vazios. O registo foi feito em tabela *excel* como se pode no exemplo 3 que apresentamos em seguida.

Exemplo (3).

<b>Frase</b>	<b>Verbo</b>	<b>Prep.</b>	<b>Omiss.</b>	<b>Subst.</b>	<b>Ocorrência convergente.</b>	<b>Informantes</b>
A Tatiana gosta muito de bolos.	Gostar	de			x	AA, K, AE, AB, AM, F, D, E, BB, AP, G, AH, O,

<sup>120</sup> Note-se que neste exercício foram incluídos alguns verbos distratores que não selecionam argumento interno oblíquo, mas que não serão tidos em conta neste trabalho.

						N, AX, BA, BC, H
				de por COM		I,D
Eles gostam de comer peixe e arroz.	Gostar	de			x	L, B, A,H, E
				de por COM		AG
				de por PARA		BA, D

Para efetuar este registo em tabela excel, optámos por colocar as frases dos exercícios na primeira coluna, indicando em seguida o verbo principal e a preposição selecionada, colocando nas colunas seguintes as ocorrências divergentes, as ocorrências convergentes e a identificação dos informantes. Tratando-se de um exercício de elicitación, na coluna dos informantes fomos registando todos os que foram usando as preposições de forma convergente ou desviante. Nos exercícios de escrita, porque cada frase foi produzida por um informante, a respetiva identificação foi feita de forma individualizada.

#### 4. Resultados e discussão

A partir dos dados recolhidos nos três tipos de exercícios que integram o protocolo, e que descrevemos no capítulo 3, foi possível obter um total de 1296 exemplos que servem de base para a discussão que agora faremos.

O presente capítulo tem como objetivo descrever as estratégias adotadas por aprendentes timorenses de PLS no uso de complementos oblíquos preposicionados e proceder à caracterização destes últimos, tendo em conta o esquema relacional dos verbos que os selecionam e os dois níveis de proficiência dos sujeitos, aprendentes timorenses de PLS. Com este objetivo geral, e como atrás se esclareceu, foram contabilizadas as ocorrências convergentes e as ocorrências divergentes ao nível da seleção da preposição pelo predicador verbal, tendo em conta a norma do PE que tomamos como referência. Procedeu-se à classificação dos desvios registados, de acordo com a tipologia de desvios apresentada por Peres e Móia (1995), sendo que, para a presente dissertação, só identificámos desvios relativos à supressão e à substituição de preposição argumental. Com a análise dos usos convergentes e dos usos divergentes pretende-se identificar regularidades ao nível da seleção das preposições, de forma a contribuir para o conhecimento das estratégias de complementação destes aprendentes no que a este tipo de verbos diz respeito.

O presente capítulo organiza-se em três subcapítulos. No subcapítulo 4.1, apresentar-se-ão os resultados globais, de modo a termos uma visão geral da forma como os aprendentes

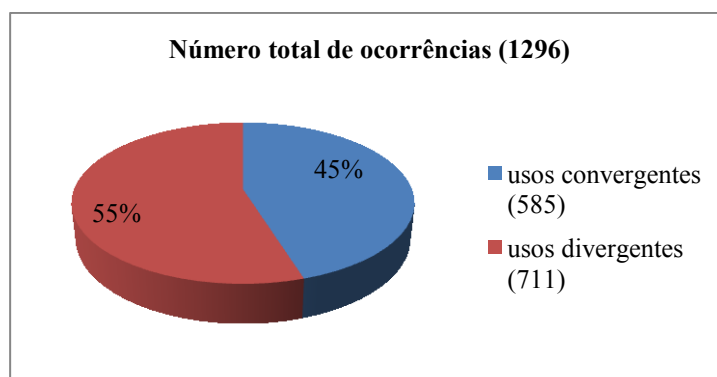
timorenses usam as preposições argumentais selecionadas pelos verbos que decidimos incluir na presente investigação.

Em seguida, no subcapítulo 4.2, far-se-á uma análise mais detalhada das categorias de desvios identificadas nos dados recolhidos. Os desvios registados serão apresentados em função da preposição afetada, relacionando-a com os verbos que a selecionam. Os padrões de ocorrências não convergentes com a norma do PE serão, ainda, observados à luz dos níveis de proficiência dos aprendentes participantes no estudo.

Por fim, no subcapítulo 4.3, apresentar-se-á uma síntese dos padrões de seleção da categoria preposição observados na nossa análise.

#### 4.1. Resultados globais

A primeira observação a fazer prende-se com o volume geral de ocorrências registadas nos três tipos de exercício que integraram o protocolo (1296). Foram consideradas todas as ocorrências dos predicadores verbais em estudo, presentes em frases ativas, declarativas e/ou interrogativas, tanto na forma afirmativa, como negativa. Como se pode verificar no gráfico 4.1, não há uma diferença muito relevante entre os usos convergentes e os usos divergentes relativamente à norma do PE, sendo que é superior o número destes últimos.



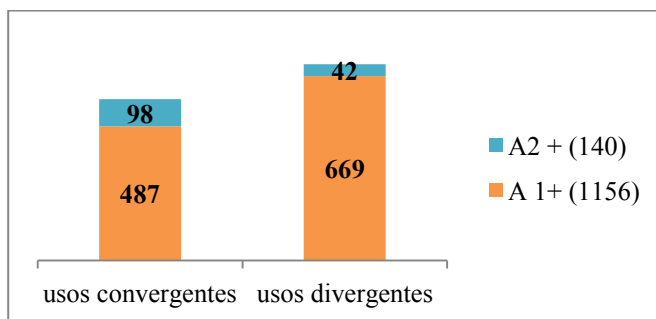
**Gráfico 4.1:** Número total de ocorrências: percentagem de usos convergentes/divergentes.

Efetivamente, os usos convergentes com a norma europeia perfazem apenas 45% do total de ocorrências apuradas, o que revela um elevado índice de não reconhecimento da estrutura argumental dos predicadores em estudo por parte dos aprendentes timorenses. Assim, a percentagem maior verifica-se ao nível dos usos divergentes e é neles que concentraremos a nossa atenção nos subcapítulos seguintes. Antes, porém, convém perceber

de que forma é que os usos convergentes e divergentes se distribuem pelos dois níveis de ensino-aprendizagem.

Começamos por referir a disparidade existente entre o volume de dados recolhidos nos dois níveis de ensino-aprendizagem com que trabalhámos. Uma vez que o número de informantes do nível A2+ foi muito inferior ao dos informantes no nível A1+, o material recolhido também foi substancialmente menor junto deste nível de aprendizagem.

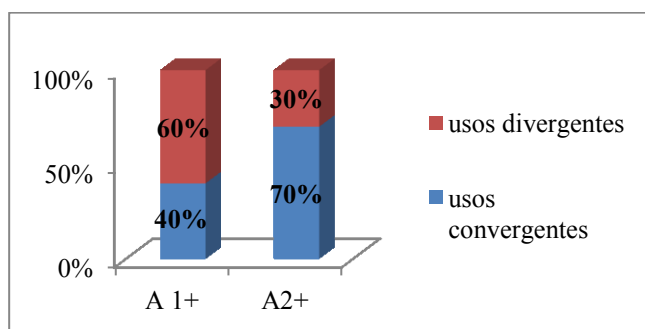
No gráfico 4.2, espelha-se precisamente a diferença relativa ao volume dos dados recolhidos em cada um dos níveis, tendo-se já procedido à separação de usos convergentes e divergentes. Como se pode verificar, a soma dos usos convergentes e divergentes relativos ao nível A2+ é de apenas 140, sendo que no nível A1+ o valor registado é de 1156.



**Gráfico 4.2:** Usos convergentes/ usos divergentes de preposições argumentais em cada nível de ensino-aprendizagem.

Não obstante a diferença numérica que referimos, é possível verificar que no nível A1+, em termos gerais, os usos desviantes (669) são mais recorrentes do que os usos convergentes (487), ainda que estes atinjam um número bastante elevado, e que no nível mais avançado (A2+) a tendência é contrária, ou seja, os usos convergentes (98) são mais recorrentes do que os usos desviantes (42).

No gráfico 4.3. indicam-se as percentagens relativas aos usos convergentes e divergentes em cada nível de ensino-aprendizagem com que trabalhámos.



**Gráfico 4.3:** Percentagem de usos convergentes/ divergentes por nível de ensino-aprendizagem.

Com este gráfico torna-se mais claro que no nível A1+, são os usos divergentes que predominam, enquanto no nível A2+ a percentagem maior é de usos convergentes com a norma europeia do português.

Efetivamente, é nos níveis de iniciação da aquisição/aprendizagem<sup>121</sup> de uma língua que se regista o maior número de desvios relativamente à língua-alvo. À medida que o aprendiz vai avançando no processo de aquisição/aprendizagem da língua-alvo, verifica-se normalmente o aumento dos usos convergentes e, conseqüentemente, a diminuição dos usos desviantes<sup>122</sup>. Parece-nos ser esta uma situação que revela a progressão feita pelos aprendentes timorenses ao nível da aquisição/aprendizagem da língua-alvo.

Ainda no âmbito de uma análise geral dos resultados, relacionar-se-ão os desvios registados com o tipo de exercício em que o desvio ocorre.

	Textos orientados		Frases livres		Exercícios de Elicitação		Total Total	% total de OC	% total OD
	OC	OD	OC	OD	OC	OD			
<b>Prep</b>									
<b>A</b>	31	27	72	114	30	53	327	41%	59%
<b>Com</b>	2	1	26	29	15	6	79	54%	46%
<b>De</b>	27	27	44	128	172	156	554	44%	56%

<sup>121</sup> A distinção entre aquisição e aprendizagem de uma língua está longe de ser consensual. Martins (2008) realizou uma reflexão sobre os dois conceitos, partindo da indiferenciação conceptual encontrada na bibliografia. Assim, e com base nos pressupostos do modelo declarativo/procedimental (DP), (Ullman, 2001<sup>a</sup>, 2001b e 2004; Paradis, 1997 e 2004) apresenta argumentos para a distinção conceptual entre os dois termos, na medida em que o modelo fundado sobre dados neuroanatômicos e neurofuncionais permite sustentar que o processo de aquisição de uma L2 (ou LB) é, desse ponto de vista, substancialmente diverso do de aprendizagem de uma L2 (ou LNM). (Martins, 2008:16). No estudo recente de Linjun Wu (2014: 5), por exemplo, acrescenta-se ainda que é «comum usar-se o termo ‘aprendizagem’ quando se fala da LE; o termo ‘aquisição’ aplica-se mais naturalmente à língua materna ou à língua segunda (adquirida em contexto natural)». No caso particular timorense, essa aquisição/aprendizagem ainda é feita essencialmente em contexto formal, daí que a distinção efetuada não possa ser tão taxativa, tendo nós optado por manter os dois termos.

<sup>122</sup> No entanto, nem todas as estruturas linguísticas evidenciam o mesmo padrão e ritmo de desenvolvimento: algumas têm propensão para serem alvo de processos de fossilização mais precocemente e outras têm características que as tornam efetivamente domináveis nas fases mais avançadas. Martins (2015: 26-51), por exemplo, estudou o caso do número e género nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes de português europeu como língua estrangeira e chegou precisamente a essa conclusão: «a atribuição de género nominal/concordância de género (AGN/CNG) é sempre mais difícil do que a concordância nominal em número (CNN), independentemente da LM do aprendiz ou, até, do seu nível de aprendizagem. Diminuindo, embora, e tendencialmente, o número de desvios de uma e de outra categoria à medida que os aprendentes progredem na construção das respetivas interlínguas, esses desvios são mais difíceis de erradicar no caso da categoria AGN/CNG do que no da CNN.» (Martins, 2008:45)

<b>Em</b>	5	0	53	1	26	0	85	99%	1%
<b>Para</b>	17	25	5	10	73	64	194	49%	51%
<b>Por</b>	0	3	7	47	0	0	57	12%	88%
<b>Total</b>	82	83	207	329	316	279	1296	47%	53%

**Tabela 9:** Ocorrências convergentes e divergentes registradas com cada preposição atendendo ao tipo de exercício (OC – Ocorrência Convergente; OD – Ocorrência Divergente).

Na tabela 9, são cruzados os resultados gerais de cada preposição apurados nos vários exercícios que integram o protocolo.

Os exercícios que mais exemplos forneceram para o presente estudo, i.e., 595 ocorrências, foram os de elicitación, com preposições em alternativa. Seguiu-se o exercício de escrita de frases a partir de lista de verbos, sem preposição expressa, com 536 casos, e, finalmente, o exercício de produção de texto a partir de estímulo apresentado pela docente, com 185 exemplos.

Esta diferença deve-se precisamente ao caráter mais ou menos espontâneo ou direcionado dos exercícios. Como explicámos no capítulo 3, os aprendentes com que trabalhamos manifestaram sempre alguma relutância em realizar exercícios de escrita, na medida em que, por norma, não gostam de expor as suas debilidades linguísticas<sup>123</sup>. Pelo contrário, os exercícios de elicitación que apresentam preposições em alternativa foram mais rapidamente aceites e resolvidos.

Da leitura atenta dos dados apresentados na tabela 9, verificamos que, no geral, a preposição *em* é a que menos vezes é usada de forma desviante (1%), sendo a preposição *por* a que apresenta uma maior percentagem de usos divergentes (88%)<sup>124</sup>.

No que diz respeito à preposição *a*, a percentagem de usos desviantes (59%) é ligeiramente superior à dos usos convergentes (41%)<sup>125</sup>, sendo que o número total de ocorrências desta preposição (327) é inferior ao das preposições *de* (554), que é a mais

<sup>123</sup> Por debilidades linguísticas entendemos tanto as lacunas ao nível do léxico, como as falhas ao nível morfossintático e semântico, tendo em conta a norma do PE que tomamos como referência.

<sup>124</sup> Tais números podem justificar-se pela frequência de uso dos verbos que selecionam as referidas preposições, nomeadamente *morar (em)* e *apaixonar(-se) (por)*. Se, por um lado, o verbo *morar* pertence ao primeiro grupo de verbos que os aprendentes de PLE e PLS adquirem, por outro, o verbo *apaixonar(-se)* possui uma estrutura mais complexa que só é trabalhada em níveis mais avançados da aprendizagem.

<sup>125</sup> É ao nível do exercício de produção de frases a partir de lista apresentada pela docente que se encontra o maior número de desvios, sendo que nos textos produzidos a partir de estímulo o número de acertos é ligeiramente superior ao número de desvios. Nos exercícios de elicitación, com preposição em alternativa, o número de desvios é ligeiramente superior ao número de usos convergentes.



recorrentemente usada nos exercícios que constituem o *corpus* da presente dissertação<sup>126</sup>, e que regista 56% de usos divergentes, face a 44% de usos em conformidade com a norma europeia do português, e *para* (194), cuja percentagem de acertos (49%) e de desvios é praticamente idêntica (51%)<sup>127</sup>.

Concluída a apresentação geral dos resultados apurados nos vários exercícios, a partir dos quais constituímos o *corpus* com que trabalhamos, olharemos atentamente para os desvios registados em cada preposição<sup>128</sup>.

## 4.2. Análise dos desvios

### 4.2.1. Desvios no uso da preposição *a*

Começaremos por analisar, na tabela 10, os dados relativos à preposição *a*, considerada uma das que desencadeia o maior número de desvios noutras variedades de PLS (Cabral: 2005: 174).

Prep	Nível	OC	OD		Percentagem OC/nível	Percentagem OD/nível
			Omissão	Substituição		
A (327)	A1+	130	72	96	44%	56%
	A2+	21	0	8	72%	28%

**Tabela 10:** Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes por nível de ensino-aprendizagem: preposição *a*.

A preposição *a*, selecionada, neste estudo, por verbos como *chegar*, *ir*, *vir*, e *assistir*, é a que apresenta uma das maiores percentagens de usos divergentes. Como seria de esperar, o maior número de ocorrências desviantes verifica-se em informantes pertencentes ao nível A1+, sendo que, nesse grupo, a percentagem de desvios é de 56%, por oposição aos 44% de usos convergentes com a norma de referência. Olhando para as colunas relativas aos desvios propriamente ditos, rapidamente se conclui que, ao nível desta preposição, o desvio mais frequente é o da substituição.

Começaremos por analisar os resultados obtidos com o verbo *chegar*, que é um verbo de 2 (ou 3) lugares<sup>129</sup>, pertencente ao grupo dos verbos de movimento, que seleciona

<sup>126</sup> Relativamente à preposição *de*, é interessante perceber que nos dois exercícios de escrita, em que os aprendentes tinham de seguir ou o estímulo ou a lista de verbos apresentados pela docente, o número de desvios é superior ao número de acertos. No entanto, nos exercícios de elicitación, com preposição em alternativa, é o número de usos convergentes que se destaca.

<sup>127</sup> O que dissemos na nota anterior para a preposição *de* aplica-se também no caso da preposição *para*.

<sup>128</sup> A análise dos resultados particulares de cada preposição será feita por ordem alfabética das preposições, ou seja, *a*, *com*, *de*, *em*, *para* e *por*.

complemento oblíquo preposicionado, com papel temático de meta ou alvo, e que obedece ao esquema relacional mínimo S-V-Obl.

No gráfico 4.4. estão patentes os resultados da preposição *a* quando selecionada pelo verbo *chegar*.

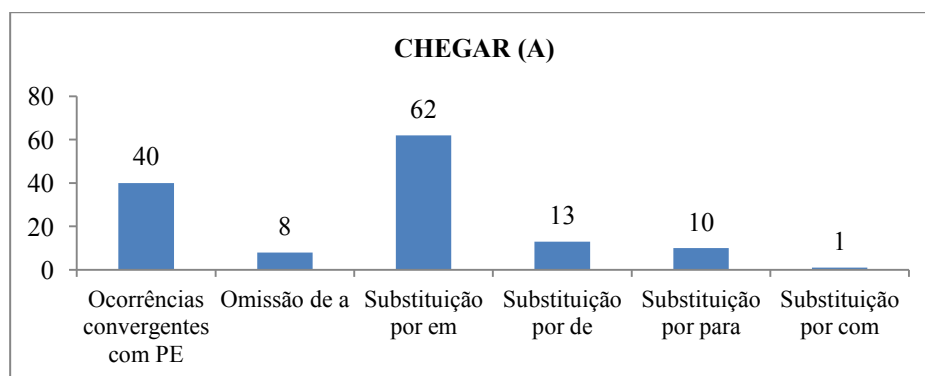


Gráfico 4.4.: Resultados relativos a *chegar* (A1+ e A2+).

O número total de usos desviantes (94) é bastante superior ao dos usos convergentes (40), sendo que, dentro dos usos divergentes identificados, é ao nível da substituição que se regista o maior número de ocorrências. A preposição *em* ocupa lugar de destaque no âmbito do desvio por substituição, como aliás se verifica noutras variedades do português, nomeadamente no PB, PA, PM, PST e também ao nível do PLE<sup>130</sup>.

Considerem-se os seguintes exemplos ilustrativos de cada tipo de desvio identificado, selecionados aleatoriamente nos exercícios de escrita (textos a partir de estímulo e/ou frases a partir de lista de verbos)<sup>131</sup>.

Exemplos de omissão da preposição argumental:

(1)

- a) *Ela **chega o** monte Ramelau. [F, A1+]*
- b) *Eu **chego o** Parlamento muito cedo. [Q, A1+].*
- c) ***Chega o** topo de monte Ramelau as 6 horas de manhã (...). [BM, A1+]*

Apesar de menos frequentes, os desvios causados por omissão<sup>132</sup> merecem um breve comentário. Nos dados recolhidos, apenas um exemplo foi identificado nos exercícios de

<sup>129</sup> Na presente dissertação, este verbo é apenas usado com dois argumentos (S-V-Obl.), no entanto como vimos, poderia admitir um segundo complemento oblíquo com papel temático de origem (*chegar a... de...*).

<sup>130</sup> Vejam-se os trabalhos de Cabral (2005), P. Gonçalves (1989, 1990, 2010), R. Gonçalves (2010) e Wanlan (2015).

<sup>131</sup> Preferimos apresentar exemplos retirados dos exercícios de produção escrita, uma vez que os exercícios de elicitación, por fornecerem preposições em alternativa, condicionam à partida a interpretação dos resultados. Recorreremos a eles apenas se se verificar a ausência de exemplos nos restantes exercícios.

elicitação, os restantes foram registados nos dois exercícios de escrita a partir de estímulo apresentado pela docente. São essencialmente aprendentes de nível A1+ que omitem a preposição, havendo a registar apenas um caso nos aprendentes de nível A2+ em que se verifica a omissão do argumento e não só da preposição (*Ontem cheguei muito cedo mas agora chego muito tarde [I, A2+]*)<sup>133</sup>. Na frase seguinte, o mesmo aprendente selecionou a preposição *em* em vez de *a*.

Exemplos de uso da preposição *em* em vez de *a*:

(2)

- d) *Eu cheguei em Dili as 4h30 a tarde. (AM, A1+)*
- e) *Nos chegamos no TP [Timor Plaza] as 17h45. [AJ, A2+]*
- f) *Eu chego na casa e sempre faz cuzino. [P, A1+]*
- g) *A Sandra chegou em Portugal no dia 22 de maio. [I, A2+]*

Nestes exemplos, vemos que os aprendentes de ambos os níveis de ensino-aprendizagem selecionam a preposição *em*, contraída ou não com artigo definido. Efetivamente, a preposição *em* é, com este verbo, a que mais vezes é escolhida pelos aprendentes timorenses de PLS, como, aliás, acontece nas VNN de Angola e de São Tomé e Príncipe a que fizemos referência no capítulo anterior. Parece haver, aqui também, uma reorganização ao nível da estrutura argumental do verbo *chegar*, que passa a reger uma preposição de sentido locativo, mais estático do que direcional<sup>134</sup>.

Exemplos de uso da preposição *de* em vez de *a*:

(3)

- h) *Quando chegam do monte Ramelau a Agostinha com toda a familia dela muito contente. [F, A 1+]*

Relativamente a este tipo de substituição, salientamos que, nos dados recolhidos nos exercícios de escrita a partir de estímulo proposto pela docente (textos ou frases), este foi o único exemplo registado. Todos os outros casos que compõem o número final apresentado no

---

<sup>132</sup> Relativamente ao marcador regido por verbos de movimento, Leiria (2001: 286) refere que parece haver «uma ordem de aquisição, de que o primeiro estádio será  $\emptyset$ , o segundo será a preposição *em*, e a preposição *a* o terceiro».

<sup>133</sup> É comum a omissão do complemento oblíquo em verbos de movimento como *chegar* e/ou *sair*. Gonçalves e Raposo (2013: 1208) colocam-nos como exemplo na secção relativa aos verbos de uso absoluto, ou seja, que admitem a omissão de argumentos.

<sup>134</sup> R. Gonçalves (2010:117) refere que esta opção, com o verbo *chegar*, se deve ao facto de a preposição introduzir um papel temático locativo e de o verbo, sendo télico, selecionar uma preposição mais estática do que *a*.

gráfico foram identificados nos exercícios de elicitación com preposição em alternativa. No ato de escrita livre e (mais) espontâneo, o aprendiz timorense de PLS não escolhe tão frequentemente esta preposição, optando muito mais claramente por *em*. Note-se que este verbo também pode reger a preposição *de*, introduzindo um constituinte com papel temático de origem/fonte, o que, neste caso, não nos parece ser o adequado.

No gráfico n.º 4.4., ainda é possível verificar que os aprendentes timorenses de PLS selecionaram a preposição *para* e a preposição *com*, em vez da preposição *a*, encontrando-se todos os exemplos destas substituições nos exercícios de elicitación.

(4)

i) ***Chega com*** trabalho molhado. [T, A 1+]

j) ***Nós chegamos para*** trabalho muito cedo. [K, E, T, (...), A1 +]

Repare-se que nestes dois exemplos, o mesmo informante [T] escolhe duas preposições diferentes, tendo também selecionado a preposição *em*, no exercício de produção de frases a partir da lista de verbos apresentada pela docente, revelando, em nosso entender, insegurança linguística relativamente à seleção da preposição argumental deste verbo.

Relativamente ao verbo *ir*, verbo de movimento de 2 (ou 3) lugares<sup>135</sup>, com o esquema relacional mínimo S-V-Obl, salienta-se o número superior de usos convergentes com a norma europeia de referência em relação aos usos desviantes.

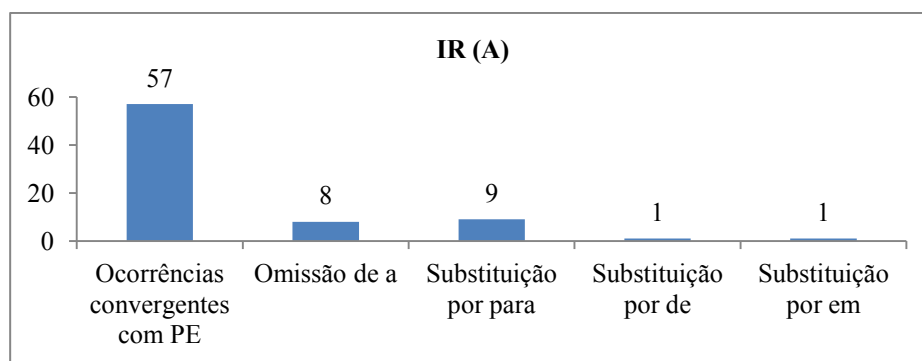


Gráfico 4.5: Resultados relativos a *ir* (a) (A1+ e A2+)

Neste caso, os poucos casos de desvios registados dividem-se essencialmente pela omissão da preposição (8) e pela sua substituição por *para* (9). Esta substituição não surpreende, na medida em que o verbo em causa seleciona ambas as preposições e que a

<sup>135</sup> Veja-se o que dissemos em cima relativamente à estrutura argumental do verbo *chegar*.

distinção aspetual das duas (*a* e *para*) parece só se concretizar numa fase mais avançada do processo de aquisição/aprendizagem de uma língua<sup>136</sup>.

Apresentamos, em seguida, alguns exemplos ilustrativos dos desvios identificados.

Exemplos de omissão da preposição argumental:

(5)

- a) *No ano passado fomos o casamento do meu primo que se realizou em Atsabe.* [AF, A1+]
- b) *Delegação do PN vão o Portugal.* [BT, A1+]
- c) *Eu vou Maliana fim de semana.* [BM, A1+]

É interessante sublinhar que todos os casos de omissão registados com este verbo foram produzidos por aprendentes de nível A1+ e todos ocorreram nos dois exercícios de escrita (textos ou frases)<sup>137</sup>.

Exemplo de uso de *para* em vez de *a*:

(6)

- a) *Vou para casa de banho para tomar banho*<sup>138</sup>. [E, A1+]
- b) *Eu vou para supermercado.* [D, A1+]

No caso particular desta substituição, estes são os únicos exemplos produzidos no âmbito dos exercícios de escrita propostos pela docente. Todos os outros se encontram nos exercícios de elicitación com preposição em alternativa. Relativamente à substituição da preposição *a* por *para*, não podemos considerar que o resultado seja completamente agramatical, na medida em que o verbo *ir* também seleciona a preposição *para*, tendo, no entanto, ligeiras diferenças semânticas, sobretudo no que diz respeito à duração da permanência no local expresso pelo SP.

Exemplos de uso de *de*, *em* em vez de *a*:

(7)

- a) *Vou de máquina do tempo*<sup>139</sup> para picar o ponto. [F, A1+]

---

<sup>136</sup> Leiria (2006: 317) afirma que «a distinção entre *a* (*ir a casa*) e *para* (*ir para casa*) é, certamente, adquirida depois e constituirá um quarto estágio.»

<sup>137</sup> Veja-se o que escrevemos na nota anterior relativamente aos vários estádios identificados por Leiria (2006:286) no que diz respeito à aquisição/aprendizagem da preposição com verbos de movimento.

<sup>138</sup> Trata-se de um exemplo que poderá ser aceite na norma do PE, nomeadamente quando o sentido é o de tomar um banho longo. Consideramo-lo aqui um uso desviante, na medida em que o conhecimento da realidade timorense nos leva a crer que o banho é sempre rápido e com o simples propósito higiénico. Note-se que nem todas as habitações timorenses dispõem de casa de banho.

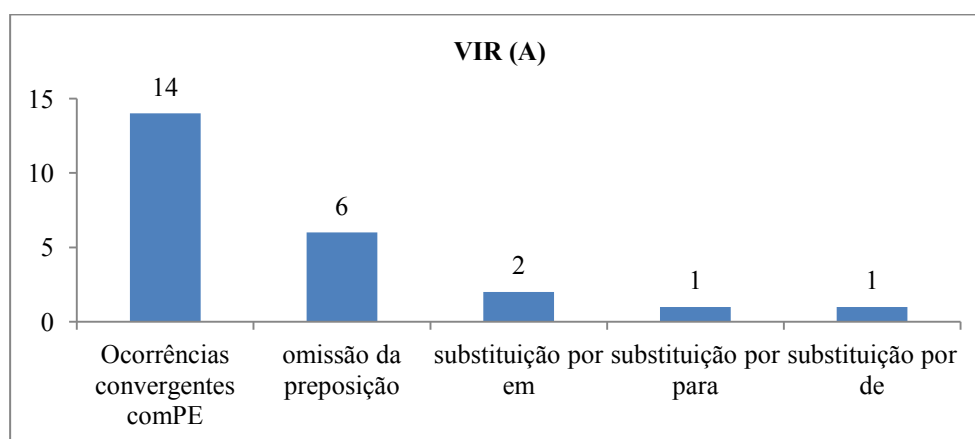
<sup>139</sup> “Máquina de tempo” significa aqui o mecanismo que controla as entradas e saídas dos funcionários do Parlamento Nacional, daí que a preposição selecionada não esteja em conformidade com a norma do PE, ainda que o verbo *ir* também possa selecionar *de*. Neste contexto, essa seleção não é aceitável.

b) *Vós ides na Igreja. (D, A1+)*

Estes são os dois únicos casos em que os aprendentes usam as preposições *de* e *em*, em vez da preposição selecionada pelo verbo *ir* no PE.

Sublinha-se, sobretudo, o segundo exemplo, na medida em que o aprendente selecionou a preposição *em*. Contrariamente ao que dissemos atrás relativamente ao verbo *chegar*, que também é um verbo de movimento, com o verbo *ir*, esta preposição não parece pertencer ao padrão de seleção dos aprendentes timorenses de PLS<sup>140</sup>.

Vejam os resultados obtidos com o verbo *vir*, também ele um verbo de movimento, de 2 (ou 3) lugares, com o esquema relacional mínimo S-V-Obl. No gráfico 4.6, verificamos como se distribuem os usos convergentes e divergentes tendo em conta a preposição argumental.



**Gráfico 4.6:** Resultados relativos a *vir (a)* (A1+, A2+).

Também neste caso os usos convergentes apresentam um número superior ao número de usos divergentes em relação à norma europeia. Todas as ocorrências registadas pertencem aos exercícios de escrita a partir de lista de verbos apresentada pela docente, sendo que apenas dois casos são da autoria de aprendentes de nível A2+.

Seguem-se alguns exemplos ilustrativos dos desvios registados.

Exemplos de omissão da preposição argumental:

(8)

<sup>140</sup>R. Gonçalves (2010: 117), relativamente ao português oral de São Tomé, conclui precisamente o mesmo, referindo-se às diferenças semânticas existentes entre os verbos *ir* (de movimento, que seleciona argumento com papel temático de meta, alvo, mas dinâmico) e *chegar* (de movimento, que seleciona argumento com papel temático de meta, alvo, mas estático.)

- a) *Eu viu<sup>141</sup> aula portuguesa.*[BM, A1+]
- b) *Eu não venho curso da língua português.* [Q, A1+]

Exemplos de uso de *em* em vez de *a*:

- (9)
- a) *Eles vêm no Parlamento com os colegas.*[D, A1+]
  - b) *Ontem ela viu na minha gabinete.*[AX, A1+]

Apesar de este ser também um verbo de movimento, como os dois anteriores, a situação encontrada é mais próxima da que verificámos com o verbo *ir* do que com o verbo *chegar*, ou seja, também com este verbo os aprendentes não selecionam tão facilmente a preposição *em*, optando, quando não usam a preposição argumental selecionada em PE, pela preposição mais próxima, em termos semânticos, que é *para*, não resultando sempre em construções agramaticais, como se poderá verificar no exemplo.

Exemplos de uso de *para* em vez de *a*:

- (10)
- a) *Nos viemos para praia.* [BE, A1+]

Este tipo de substituição só se registou uma vez nos exercícios de escrita, num aprendente de nível A1+. O uso da preposição *para* em vez da preposição *a* não afeta grandemente a gramaticalidade do enunciado, como dissemos antes, na medida em que se trata de uma preposição também regida pelo predicador e que partilha com *a* traços semânticos de direção e de meta ou alvo.

Para terminar, registámos também apenas um caso em que a preposição usada pelo aprendente de nível A1+ foi *de*, nomeadamente em *Eu venho de aluas portugues.*[R, A1+]. Trata-se de uma preposição também selecionada por este verbo e que introduz também um complemento oblíquo, com papel temático de origem ou fonte. No entanto, e apesar de não termos elementos contextuais que nos permitam ter a certeza desta interpretação, cremos que o aprendente teria o objetivo de identificar um complemento oblíquo com papel temático de meta/alvo, tendo, para isso, de selecionar a preposição *a* e não *de*.

Relativamente à preposição argumental *a*, resta-nos analisar os resultados obtidos com o verbo *assistir*, que, contrariamente aos três anteriores, não é um verbo de movimento, mas que seleciona um complemento oblíquo introduzido com papel temático de alvo, sem um

---

<sup>141</sup> Ainda que a grafia usada pelo aprendente nos leve a pensar que se trata do verbo *ver*, pensamos que, na realidade, é o verbo *vir* que está aqui em causa.

caráter dinâmico. Trata-se, também, de um verbo de 2 lugares, com esquema relacional S-V-Obl.

Vejamos os resultados identificados no gráfico 4.7.

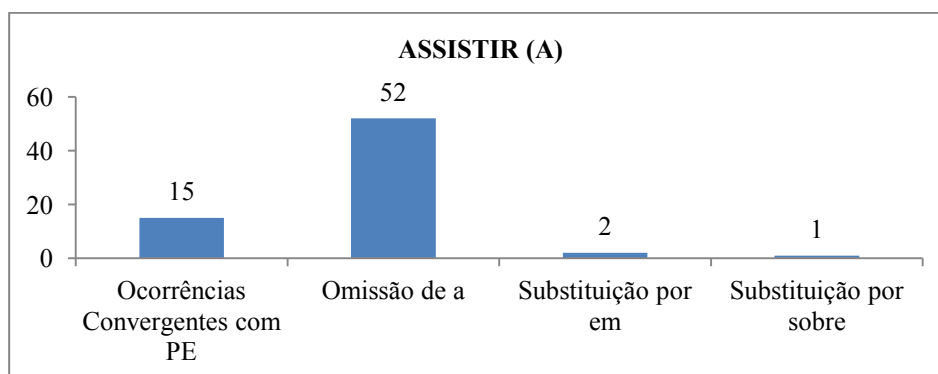


Gráfico 4.7: Resultados relativos a *assistir* (a) (A1+ e A2+).

Com este verbo, o número de desvios é, de longe, superior ao número de casos em que a preposição é usada em conformidade com a norma do PE, sendo o desvio por omissão da preposição o que mais se destaca.

Este facto pode dever-se ao facto de *a* ser efetivamente uma preposição menos robusta semanticamente e, como tal, mais permeável a usos desviantes ou pelo facto de este verbo na língua tétum não ser usado com qualquer preposição, tratando-se, a ser esse o motivo, de um caso de *transfer*, em que o aprendiz usa uma estrutura da sua LM ou de outra língua conhecida no seu sistema interlinguístico.

Vejamos alguns exemplos ilustrativos dos desvios encontrados com este predicador verbal.

Exemplos de omissão da preposição argumental.

(11)

- a) *A Maria **assistiu o** casamento do um colega na igreja Motael.* [AR, A1+]
- b) *Hoje eu **não assistiu o** Plenário, porque tem continuação do treinamento.* [V, A1+]
- c) ***Asistei graduação** do meu filho mais velho na escola da portuguesa.* [As, A1+]
- d) *Eu e o Jaime **assistimos o** debate da AP-CPLP.* [I, A2+]
- e) ***Assistiremos o** jogo entre Portugal e Alemanha na copa mundial na próxima semana.* [A, A2+]



Dos exemplos apresentados, todos retirados do conjunto de exercícios de escrita a partir de lista de verbos apresentada pela docente, repare-se que os dois últimos foram produzidos por aprendentes de nível A2+<sup>142</sup>.

Exemplos de uso de *em*, *sobre* em vez de *a*:

(12)

a) *Eles assistir sobre discutir o orçamento. [BT, A1+]*

b) *Nós assitir no debate no Timor Plaza. [AB, A1+]*

Relativamente ao primeiro exemplo (12a) deste grupo, são vários os problemas encontrados, a começar pela forma não flexionada do predicador e pelo uso indevido da preposição *sobre*, que se justificará, cremos, pelo facto de se fazer referência ao tópico sobre o qual se vai falar (a discussão do orçamento). Note-se que o aprendente usou o infinitivo do verbo *discutir*, quando deveria usar o nome *discussão* que, por sua vez, rege a preposição *de* que selecciona *orçamento*.

No segundo exemplo (12b), o aprendente, além de não ter conjugado o verbo principal, seleccionou a preposição *em* em vez da preposição *a*. Esta opção poderá dever-se ao facto de ambas comportarem traços semânticos que permitem identificar lugares, sendo que o aprendente opta claramente pela preposição que mais claramente apresenta esses traços.

#### 4.2.2. Desvios no uso da preposição *com*

Relativamente à preposição *com*, que, para efeitos do presente estudo, é regida unicamente pelo verbo *concordar*<sup>143</sup> (verbo de 2 lugares, com esquema relacional S-V-Obl.), e que funciona como marcador de caso oblíquo, na tabela 11 e no gráfico 4.8, sintetizamos os resultados obtidos.

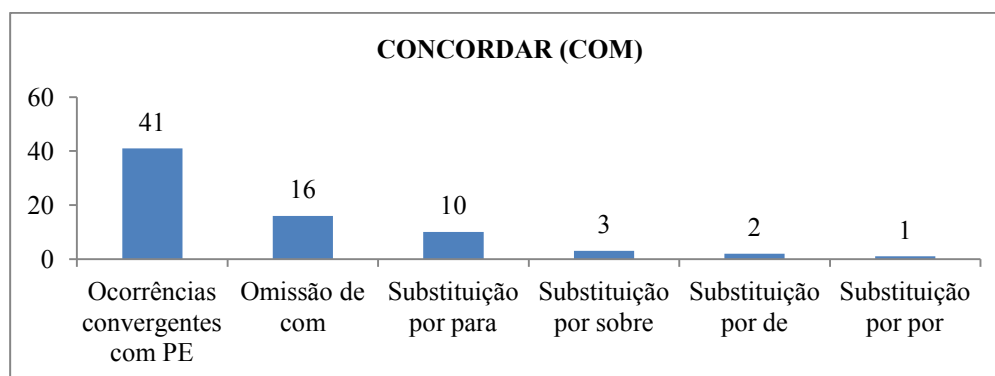
Prep	Nível	OC	OD		Percentagem OC/nível	Percentagem OD/nível
			Omissão	Substituição		
Com	A1+	33	18	16	49%	51%

<sup>142</sup> No total foram 6 as ocorrências deste tipo de desvio produzidas por aprendentes de nível A2+, sendo as restantes do nível A1+.

<sup>143</sup> Este verbo também rege SP introduzidos pela preposição *em*, quando o argumento apresenta um verbo no modo infinitivo (*concordar em assinar / fazer / sair...*). Tendo sido registados alguns casos em que a preposição usada foi outra diferente de *com*, seguida de verbo no infinitivo, gostaríamos de esclarecer que, para o presente trabalho, só interessaram as ocorrências em que *com* seria inequivocamente a preposição argumental visada.

(77)	A2+	8	0	2	80%	20%
------	-----	---	---	---	-----	-----

**Tabela 11:** Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes por nível de ensino-aprendizagem: preposição *com*.



**Gráfico 4.8.:** Resultados relativos a *concordar (com)* (A1+ e A2+).

No que a esta preposição diz respeito, salienta-se, em primeiro lugar, o número de usos convergentes (41) relativamente à norma de referência, sendo o desvio mais frequente causado pela omissão da preposição.

Mais uma vez, a percentagem dos usos divergentes é ligeiramente superior (51%) à dos usos convergentes no nível A1+ (49%), registando-se a tendência inversa no nível A2+, sendo que a percentagem de usos convergentes é claramente superior (80%) à dos usos divergentes (20%). É de salientar que o desvio por omissão da preposição parece ter desaparecido no nível A2+, mas tal hipótese precisa de ser confirmada com a análise de um *corpus* mais extenso.

Seguem-se alguns exemplos elucidativos retirados dos exercícios de escrita.

(13)

- a) Nós não **concordamos a** opinião do senhor deputado Augusto Marques. [AR, A1+]
- b) Todos os funcionários do Parlamento Nacional **concordam o** curso de língua português. [AS, A1+]
- c) Os meus pais **concordam o** barlake. [I, A2+]
- d) A Comissão não **concorda a** modificação da plenária. [AJ, A2+]

O desvio por omissão da preposição *com* foi registado em duas frases produzidas por aprendentes de nível A2+, que transcrevemos em (13c) e (13d); todos os outros casos foram identificados em trabalhos de aprendentes do nível A1+.

Além do desvio por omissão, há a registar o desvio por substituição da preposição argumental *com* por outra.

Exemplos de uso de *para* em vez de *com*:

(14)

- a) *Eu e mana Izilda concordamos para chefe. [AF, A1+]*
- b) *Os meus colegas concordam para ele. [H, A1+]*

Nos dois exemplos, os dois aprendentes pertencentes ao nível A1+ optaram pela preposição *para*. É interessante observar que no tétum a preposição *ba* (para) é a que parece usar-se com o verbo *konkorda*, podendo tratar-se de um desvio por transferência. Não registámos qualquer uso deste tipo por aprendentes do nível mais avançado.

Exemplos de uso de *de* em vez de *com*:

(15)

- a) *Eu concordou do decisão do parlamento sobre resolução que contra grupo ilegais que ujo farda militar. [BT, A1+]*

Este tipo de substituição surgiu apenas na frase que transcrevemos em (15a), sendo que o outro exemplo se encontrou nos exercícios de elicitación.

Exemplos de uso de *sobre* em vez de *com*:

(16)

- a) *Eu concordo sobre o assunto. [Q, A1+]*
- b) *Ela não concordou sobre o assunto [O, A1+]*
- c) *Os deputados não concordam sobre lei de pensão vitalicia. [B, A1+]*

Neste caso, os três exemplos foram recolhidos nos exercícios de escrita a partir da lista de verbos apresentada pela docente, sendo todos de aprendentes de nível A1+. Acreditamos que o facto de se usar o nome “assunto” pode ter influenciado o aprendente a seleccionar a preposição *sobre*.

O único caso em que se verifica o uso da preposição *por* em vez de *com* encontra-se nos exercícios de elicitación.

### 4.2.3. Desvios no uso da preposição *de*

No que diz respeito à preposição *de*, selecionada por verbos como *gostar*, *precisar*, *esquecer(-se)*, *lembrar(-se)*, por um lado, e *sair*, por outro, começamos por registrar que foi a preposição mais frequentemente usada nos exercícios produzidos pelos aprendentes timorenses de PLS em análise neste estudo, com 546 ocorrências num universo total de 1296 ocorrências.

Prep.	Nível	OC	OD		Percentagem OC/nível	Percentagem OD/nível
			Omissão	Substituição		
De (546)	A1+	202	158	112	43%	57%
	A2+	59	2	13	80%	20%

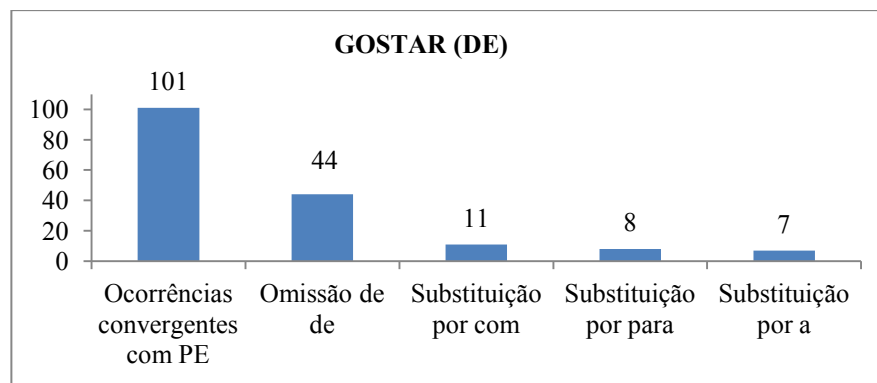
**Tabela 12:** Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes por nível de ensino-aprendizagem, preposição *de*.

Esta preposição, selecionada pelos verbos que identificámos anteriormente, introduz complementos oblíquos com papéis temáticos distintos. No primeiro grupo de verbos de 2 lugares, com esquema relacional S-V-Obl., a preposição funciona como marcador de caso oblíquo. Com o verbo *sair*, verbo de movimento, com 2 (ou 3) lugares, a preposição introduz complemento oblíquo com papel temático de origem ou fonte.

No nível A1+, o número de desvios é superior (57%) ao número de usos convergentes (43%), registando-se, como tem sido comum na descrição que temos feito dos restantes predicadores verbais, no nível A2+, a tendência contrária, ou seja, o número de ocorrências convergentes é efetivamente superior ao número de ocorrências divergentes.

Olhando para os desvios identificados neste caso concreto, o desvio por omissão encontra-se em clara vantagem relativamente aos desvios por substituição no nível A1+, mas no nível mais avançado é o processo de substituição que é mais recorrente, ainda que o número total seja bastante mais baixo do que no nível de iniciação.

Vejamos agora concretamente os resultados obtidos ao nível do uso da preposição com o verbo *gostar*.



**Gráfico 4.9:** Resultados relativos a *gostar (de)* (A1+ e A2+).

Em relação a este predicador verbal, começamos por registar que o maior número de ocorrências revela convergência em relação à norma europeia. Ao nível dos desvios, como se pode ver no gráfico 4.9, o mais recorrente é o desvio por omissão da preposição argumental (44), seguindo-se o desvio por substituição por *com* (11), *para* (8) e *a* (7).

Vejamos alguns exemplos elucidativos de cada um dos desvios mencionados.

Exemplos de omissão de preposição:

(17)

- a) *Eu gosto como bolo.* [AM, A1+<sup>144</sup>]
- b) *O meu filho gosta ver o filme crianças.* [G, A1+]
- c) *Eu não gosta comer a banana* [BB, A1+]
- d) *Eu gosto muito toca piano.* [F, A1+]
- e) *A minha filha gosta muito brincar com as suas colegas* [A, A2+]
- f) *Eu gosto banana.* [T, A1+]
- g) *Ela gosta a viagem ao distrito.* [N, A1+]

Neste conjunto de exemplos, retirados dos exercícios de produção de texto/frases a partir de estímulo apresentado pela docente, há a salientar que a preposição omissa tanto introduz um constituinte oracional não finito nas alíneas, *a)*, *b)*, *c)*, *d)* e *e)*, como introduz um SP que integra um SN simples, nas alíneas *f)* e *g)*<sup>145</sup>. Em todos os exemplos apresentados se mantém a estrutura frásica típica do PE, sendo a omissão da preposição o único desvio identificado, com exceção da frase da alínea *a)*, uma vez que o aprendente parece conjugar os

<sup>144</sup> Ainda que se pudesse pensar que se trataria de um caso em que o aprendente usa dois verbos, verificando-se a ausência do conector (e), cremos que o aprendente queria dizer *Eu gosto de comer bolo*, uma vez que esta foi uma estrutura trabalhada em aula.

<sup>145</sup> São, no entanto, menos as ocorrências deste tipo (apenas 5).

dois verbos *gosta, como*<sup>146</sup>. Este tipo de desvio é muito mais comum nos exercícios produzidos pelos aprendentes de nível A1+, havendo a registar um único caso produzido por aprendente de nível A2+ (17-e).

No que se refere ao desvio por substituição da preposição argumental por *para*, a única frase produzida pelos aprendentes foi a seguinte:

(18)

a) *Eu gostar para cuzinar da mina fila. [P, A1+]*

Trata-se do único caso identificado nos exercícios de escrita a partir da lista de verbos apresentada pela docente. Parece haver uma troca entre ambas as preposições presentes na frase, *para* e *de*. A primeira, que introduz um SP com papel de alvo, deveria anteceder *a mina fila*, e a preposição *de* deveria encontrar-se imediatamente a seguir a *gostar*, que deveria estar conjugado, uma vez que é o predicador verbal. Todos os outros exemplos de substituição de *de* por *para* foram registados nos exercícios de elicitación com preposição em alternativa.

O único caso em que a preposição argumental é trocada pela preposição *a* nos exercícios de escrita foi o seguinte:

(19)

b) *Tem uma pessoa ou o senhor coronel Alfredo que não gostam aos militares que contra rezime Salazar. [F, A1+]*

Esta frase, com duas orações relativas, é uma das mais complexas recolhidas nos exercícios solicitados aos aprendentes. Apesar de serem vários os desvios identificados, sublinhamos a troca da preposição *de* por *a* e a ausência de verbo copulativo na subordinada relativa mais encaixada.

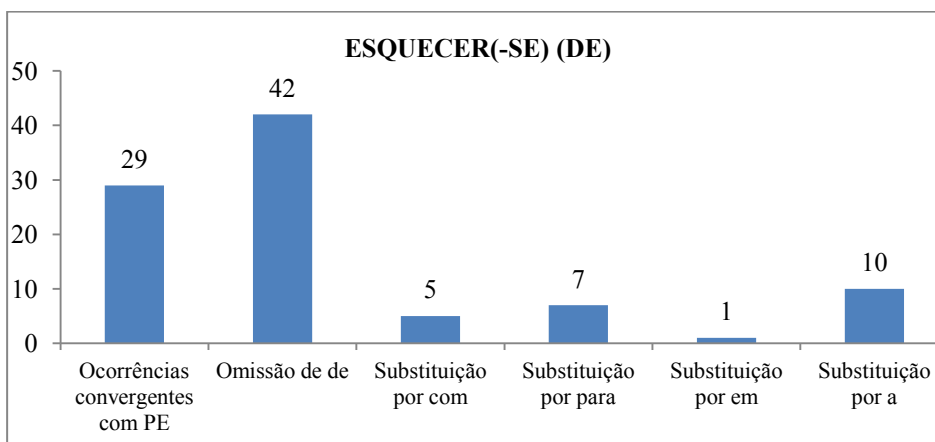
Como dissemos anteriormente, com este predicador verbal, os restantes casos de desvio por substituição registaram-se nos exercícios de elicitación com preposição em alternativa.

Em seguida, centraremos a nossa atenção num segundo verbo, *esquecer(-se)*, também, de 2 lugares, com esquema relacional, S-V-Obl. Com este verbo, a preposição também funciona como marcador de caso oblíquo, não sendo muito fácil a identificação de um significado claro, ainda que seja possível falar de traços semânticos relacionados com a fonte ou a origem.

---

<sup>146</sup> Note-se que a flexão verbal é uma das áreas mais problemáticas no processo de aquisição/aprendizagem de PLS por aprendentes timorenses, uma vez que tanto no tétum, como no bahasa-indonésio ou nas restantes línguas nacionais de Timor-Leste, a flexão verbal não existe de todo, ou reveste-se de uma maior simplicidade, como no caso do tétum terik.

No gráfico 4.10, encontram-se os resultados obtidos no uso da preposição com este predicador verbal.



**Gráfico 4.10:** Resultados relativos a *esquecer(-se) (de)* (A1+, A2+).

Contrariamente ao que verificámos com o verbo anteriormente descrito, com o verbo *esquecer(-se)* o número de desvios no uso da preposição argumental é claramente superior ao número de ocorrências convergentes com o PE. De facto, no gráfico podemos atestar que o número de casos em que a preposição se encontra omissa é superior ao número total de ocorrências de desvios por substituição.

Seguem-se alguns exemplos ilustrativos do desvio por supressão da preposição:

(20)

- a) *Esqueço-me um livro interessante do Jovinal.* [T, A1+]
- b) *Eu esquece-me a passado.* [BE, A1+]
- c) *O João esquecer a minha pasta no aula portuguesa.* [BB, A1+]
- d) *Ela esquece trabalho de casa.* [BT, A1+]

Relativamente a este verbo, assim como para o que descreveremos a seguir, importa referir que a forma pedida pela docente para a resolução do exercício era a forma reflexa, uma vez que só esta tem na sua estrutura argumental a preposição *de*. O mesmo verbo, sem o pronome pessoal reflexo, pode ser usado sem a preposição no PE, sem que isso resulte em enunciados agramaticais<sup>147</sup>.

Nas frases que transcrevemos em (20), os aprendentes de nível A1+ usam, nas duas primeiras, as formas pronominais omitindo a preposição. Nas duas últimas, além de omitirem a preposição, optam por não usar a forma pronominal do verbo. A conjugação pronominal

<sup>147</sup> A propósito de verbos como *esquecer-se* e *lembrar-se*, vejam-se Peres e Mória (1995:116), Gonçalves e Raposo (2013:1191).

reveste-se sempre de um grau maior de dificuldade, o que, tratando-se de um nível de iniciação de aquisição/aprendizagem, pode justificar este uso. É de salientar que no nível A2+ só foi identificado um caso de omissão da preposição, sendo que foi usado um pronome pessoal dativo em vez do reflexo (*Os deputados esqueceram-lhe a reunião do plenária ontem de manhã [I, A2+]*).

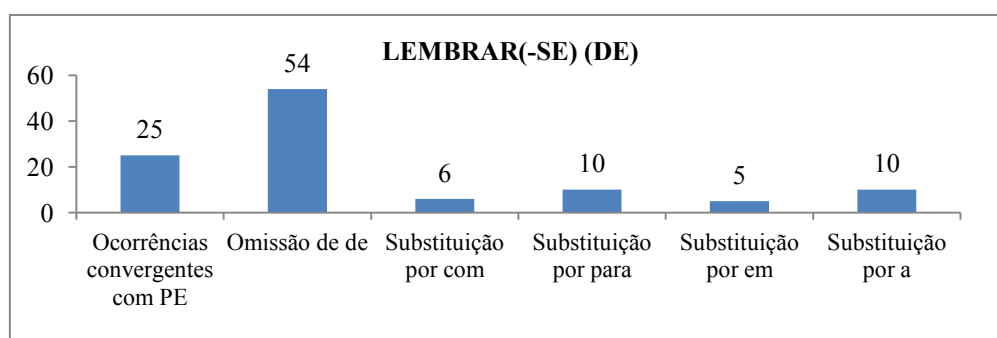
Em relação aos desvios por substituição da preposição argumental, é interessante verificar que a preposição *a* foi a que mais frequentemente foi escolhida (10), seguindo-se a preposição *para* (7). Curiosamente, a substituição pela preposição *a* só se verificou nos exercícios de elicitación. Nos exercícios de produção de frases, encontramos 4 casos em que os aprendentes usam a preposição *para* em vez de *de*.

(21)

- a) Não **esquece para** comprar leite com café amanhã. [AS, A1+]
- b) Eles nunca mais **esquecem para** tirar a agenda cada sexta-feira. [BA, A1+]
- c) Ontem **esqueci-me para** levar o meu caderno. [J, A1+]
- d) Ela **esquece-se para** cantar com vós. [D, A1+]

Em todos os exemplos produzidos com este predicador verbal pelos aprendentes timorenses de PLS a preposição seleccionada é *para*, quando introduz um constituinte oracional não finito<sup>148</sup>. Assim é mesmo nos exercícios de elicitación, com preposição em alternativa, apesar de, nesses, haver frases com constituintes em que não se encontram verbos no infinitivo, nomeadamente, *A Teresa nunca se esquece do telemóvel; Eu esqueço-me sempre do guarda-chuva*, sendo que, nestes, só se registou a opção pelas preposições *com* e *em*.

Em relação ao predicador verbal *lembrar(-se)*, que apresenta a mesma estrutura argumental e o mesmo esquema relacional, S-V-Obl., que os dois predicadores anteriormente descritos, os resultados obtidos são muito semelhantes aos resultados de *esquecer(-se)*.



<sup>148</sup> Já tínhamos observado o mesmo relativamente ao verbo *gostar*.



**Gráfico 4.11:** Resultados relativos a *lembrar-se (de)* a (A1+, A2+).

O número de desvios registados é claramente superior ao número de usos convergentes com a norma europeia de referência, sendo que o desvio mais frequente é o desvio por omissão da preposição.

Vejam alguns exemplos ilustrativos retirados dos exercícios de escrita:

(22)

- a) *Ele **lembrou-se a** data da viagem da comissão E para o Japão. [BF, A1+<sup>149</sup>]*
- b) *Eu não **lembrar-se uma** agenda na plenário. [AA, A1+]*
- c) *Tu **lembras-te o** acontecimento na semana passada. [Z, A1+]*
- d) *João, ainda te **lembras a** tua promessa? [A, A2+]*

São também mais recorrentes os desvios por omissão da preposição em aprendentes de nível A1+, ainda que também tenhamos encontrado alguns exemplos produzidos por aprendentes do nível mais avançado (4).

Relativamente aos desvios por substituição da preposição, são menos numerosos e são várias as preposições escolhidas pelos aprendentes: *para*, *em*, *com* (nos exercícios de escrita apenas) e *a* (também nos exercícios de elicitación).

(23)

- a) *O meu pão sempre **lembrar-me para** faz um oração (...) [F, A1+]*
- b) *A Joana não **lembrar-me para** fazer trabalho de casa. [H, A1+]*
- c) *Manuel **lembrar-se para** fazer trabalho de casa. [H, A1+]*
- d) *O chefe DIRAT **lembrar-se para** fazer transcrição o dia 9/06/2014. [E, A1+]*

Como vimos também relativamente aos verbos *gostar* e *esquecer(-se)*, parece haver uma certa regularidade na escolha da preposição *para*, quando esta rege um constituinte oracional que tem um verbo no infinitivo. Quando tal não é o caso, as preposições selecionadas são outras, sobretudo se nos encontramos perante discurso escrito pelos aprendentes e não em presença de exercícios de elicitación com preposição em alternativa. Nos dois exemplos que transcrevemos em seguida, as preposições *com* e *em* foram as escolhidas para substituir *de*.

(24)

- e) ***Lembro-se com** este fotografia mas não **lembrei com** aqueles. [J, A1+]*
- f) *Quando olhar **para** a tua fotografia **lembrar-se no** passado. [AN, A1+]*

---

<sup>149</sup> Exemplo recolhido nos materiais de aprendentes que não fazem parte da amostra descrita.

Todos os outros casos de desvio por substituição da preposição argumental *de* registaram-se nos exercícios de elicitación.

No que diz respeito ao verbo *precisar*, que obedece igualmente ao esquema relacional S-V-Obl, no gráfico 4.12 estão representados os resultados obtidos relativamente ao uso da preposição argumental.

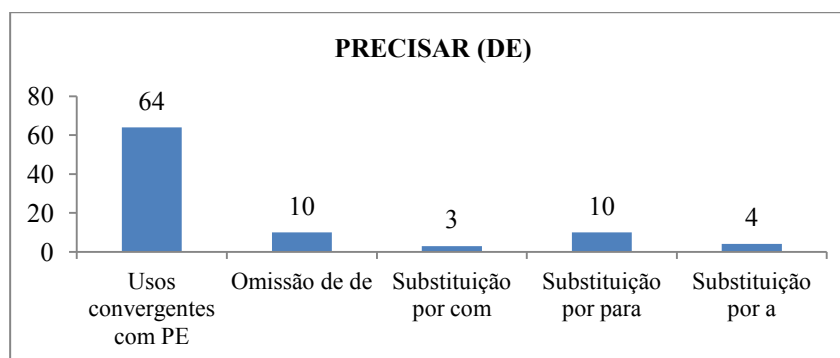


Gráfico 4.12: Resultados relativos a *precisar (de)* (A1+, A2+).

O número de usos convergentes com a norma europeia é claramente superior (64) ao número de usos desviantes (27), sendo que os desvios mais recorrentes são o desvio por omissão da preposição (10) e o da substituição da preposição *de* por *para* (10). O uso de preposição *com* (3) e *a* (4) também foram identificados. É ao nível dos exercícios de elicitación que estes desvios por substituição ocorrem mais frequentemente.

Vejam os o único exemplo de desvio por substituição de preposição registado ao nível dos exercícios de escrita:

(25)

a) *Qual maneira que nos preciso para fazer?* [H, A1+]

Sublinhamos, mais uma vez, que a preposição *para* parece ser a preferida quando o complemento do verbo é uma oração não finita.

O desvio por omissão da preposição ocorre também um número razoável de vezes e todas elas nos exercícios de escrita a partir de estímulo apresentado pela docente nos aprendentes de nível A1+. Efetivamente, o facto de não termos incluído, por lapso, este verbo na lista que deu origem ao exercício de escrita de frases pode estar na origem deste menor número de casos de desvio por omissão, na medida em que, como vimos nos casos dos verbos anteriormente apresentados, parece ser, tendencialmente, essa a opção preferencial nestes aprendentes de PLS, no que a esta preposição diz respeito.

Vejam alguns exemplos ilustrativos deste tipo de desvio, todos produzidos por aprendentes de nível A1+.

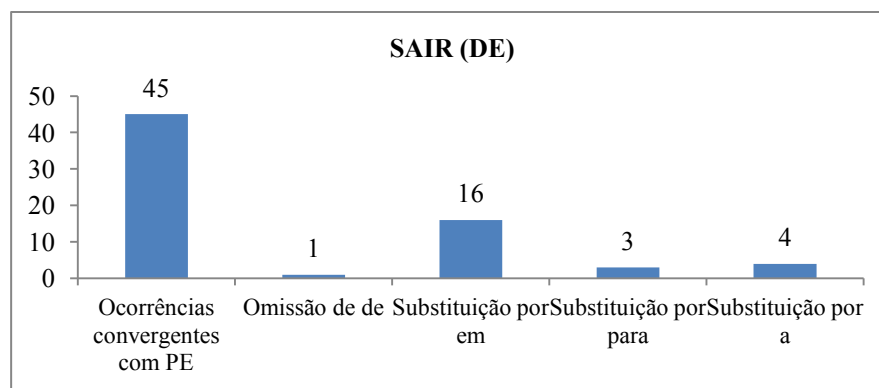
(26)

a) *Quando chega em Ainaro, no hotel Hatubilico deles **precisam um pouco** tempo para descansa ou dormir. [F, A1+]*

b) *Eles **precisa atenção** de pai e mãe. [H, A1+]*

c) *Eu **preciso descansa**. [E, A1+]*

Finalmente, resta observar de que forma é que a preposição *de*, quando introduz complemento oblíquo com papel temático locativo, de origem ou fonte, é usada com o verbo *sair*, que é um verbo de 2 (ou 3) lugares, com esquema relacional S-V-Obl (ou S-V-Obl-Obl). No gráfico 4.13 estão plasmados os resultados obtidos no *corpus*.



**Gráfico 4.13:** Resultados relativos a *sair (de)*(A1+, A2+).

Com este verbo, o número de usos convergentes com a norma do PE é claramente superior ao número de desvios registrados, sendo os desvios por substituição da preposição os mais frequentes. Como aconteceu com o verbo *precisar*, o verbo *sair* também não constava da lista que foi apresentada aos aprendentes para produção de frases, daí que não possamos afirmar perentoriamente que o desvio por omissão quase desapareceu no que a esta estrutura diz respeito, uma vez que o grande acervo de dados foi retirado dos exercícios de elicitación com preposições em alternativa, o que, por si só, condiciona o aprendente a usar uma preposição.

Vejamos o único exemplo de omissão da preposição na frase retirada dos textos produzidos pelos aprendentes.

(27)

a) ***Sai Hatobilico** as 9h45. [O, A1+]*

Em relação aos desvios por substituição da preposição, a preposição mais vezes selecionada em vez de *de* foi *em* (16), logo seguida de *a* (4) e *para* (3). Curiosamente, todas

as preposições selecionadas possuem traços semânticos de locativo, ainda que se distingam pelo seu caráter mais dinâmico ou estático, assumindo, por isso, papéis temáticos diferentes.

Em seguida, apresentamos os exemplos ilustrativos identificados nos exercícios de escrita a partir de estímulo apresentado pela docente.

(28)

- a) *Nós **saímos em** Dili começa seis horas da tarde. [F, A1+]*  
 b) *A Agostinha **sairam em** casa para viagem de Ramelau. [BK, A1+].*

(29)

- c) *Eles **saíram a** Dili começa 9h de manhã. [E, A1+]*  
 d) ***Saímos a** Dili às 4horas e chegaram lá às 11h da noite. [I, A2+]*

A substituição de *de* por *com* ou *para* só se verifica nos exercícios de elicitación, assim como os restantes casos de troca por *em* e *a*.

#### 4.2.4. Desvios ao nível da preposição *em*

A preposição *em*, no presente trabalho, é selecionada pelo verbo *morar*, com esquema relacional S-V-Obl., e introduz um complemento oblíquo com papel temático de locativo.

Na tabela 13 estão representados os resultados obtidos por esta preposição de acordo com o nível em que se inserem os aprendentes com que trabalhámos.

Prep	Nível	OC	OD		Percentagem OC/nível	Percentagem OD/nível
			Omissão	Substituição		
Em (85)	A1+	77	0	0	100%	0%
	A2+	7	1	0	87%	13%

**Tabela 13:** Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes por nível de ensino-aprendizagem: preposição *em*.

Como podemos verificar, a percentagem de acertos é claramente superior à percentagem de usos divergentes, sendo que no nível A1+ não se verificou qualquer ocorrência divergente. Efetivamente, o único desvio, por omissão, encontra-se num exercício produzido por um aprendente de nível A2+. Como foi o único caso, poder-se-á pensar que se trata de um lapso, sendo necessário verificar de que forma é que a mesma preposição é usada com outros verbos que também a tenham na sua estrutura argumental.

Em virtude da clareza dos resultados obtidos, que revelam um evidente domínio da estrutura argumental do verbo e da respetiva preposição, transcrevemos o único exemplo desviante registado, a título ilustrativo.

(30)

a) *A Rita mora Terra Santa. [AR, A1+]*

#### 4.2.5. Desvios ao nível da preposição *para*

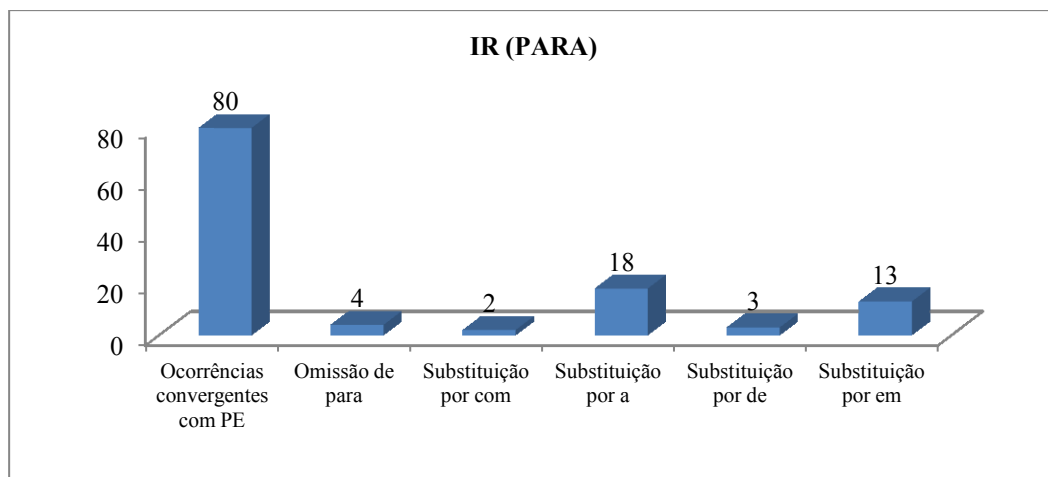
Vejam agora o que acontece com a preposição *para*, que introduz um complemento oblíquo com papel temático de meta ou alvo e que, no caso particular do nosso trabalho, é seleccionada pelos verbos *ir*, *vir* e *voltar* (verbos de 2 (ou 3) lugares, que possuem em todos os exemplos que constituem o nosso *corpus* o esquema relacional S-V-Obl.).

Prep	Nível	OC	OD		Percentagem	Percentagem
			Omissão	Substituição	OC/nível	OD/nível
Para (185)	A1+	76	3	76	49%	51%
	A2+	22	1	7	73%	27%

**Tabela 14:** Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes por nível de ensino-aprendizagem: preposição *para*.

Na tabela 14, verificamos que no nível A1+, a percentagem de usos desviantes em relação a esta preposição é ligeiramente superior à percentagem de usos convergentes com a norma europeia que tomamos como referência. Pelo contrário, no nível mais avançado, a tendência é a inversa, como aliás, temos verificado relativamente a todos os casos que temos vindo a descrever.

É ao nível da substituição da preposição que se encontra o maior número de desvios. Vejam, então, o que acontece concretamente com cada predicador verbal. No gráfico 4.14 estão patentes os resultados identificados no *corpus*, no que diz respeito ao verbo *ir*.



**Gráfico 4.14:** Resultados relativos a *ir (para)* (A1+, A2+).

No que concerne a este verbo, quando seleciona a preposição *para*, o número de usos convergentes com a norma europeia do português é claramente superior. Os casos de omissão da preposição são residuais (4) e todos identificados no primeiro exercício de produção escrita por aprendentes do nível A1+.

Exemplos de omissão da preposição argumental:

(31)

- a) *Eu vou o trabalho começa segunda até sexta-feira.* [F, A1+]
- b) *Eu vou o trabalho durante às 5 dias.* [BH, A1+]
- c) *Vou o trabalho.* [E, A1+]
- d) *Ele vai Ermera para feriado.* [BQ, A1+]

Como se pode verificar nos exemplos anteriores, quando se regista a omissão da preposição, esta rege um constituinte de natureza nominal, estando normalmente presente o artigo definido.

Exemplos de uso de *a* em vez de *para*:

(32)

- a) *Eu vou ao estrada para procurar microlete 02.* [BG, A1+] <sup>150</sup>
- b) *Eu e a minha colega fomos ao Parlamento de táxi.* [BB, A1+]

A preposição *a* é usada menos frequentemente em contextos em que nós esperaríamos que se usasse *para*, do que vice-versa, mas, ainda que esses usos possam não resultar em

<sup>150</sup> O uso da preposição *a* nas duas frases que apresentamos como exemplos de usos divergentes pode ser considerado aceitável e gramatical no PE. No entanto, recorreremos ao fator [+permanência] para justificar o uso de *para* e considerar as duas frases como podendo ser agramaticais. Na primeira frase, porque esperar por uma microlete (transporte público) normalmente implica algum tempo e, na segunda, tratando-se de funcionários do Parlamento a vinda para o local de trabalho também implica uma maior permanência no local.

construções agramaticais, esses casos são de registrar. Talvez a tradução da preposição *ba* (*para*) esteja na origem desta diferença, ou seja, na preferência por *para*, mas a partilha de traços semânticos entre ambas as preposições regidas pelo mesmo predicador verbal também pode explicar a escolha dos aprendentes. É de salientar que todos os casos em que se dá a substituição da preposição *para* por *a* foram produzidos por aprendentes de nível A1+.

Exemplos de uso de *em* em vez de *para*:

(33)

a) ***Vou na*** minha gabinete. [BG, A 1+]

b) *Na semana passada eles foram na* praia de Cristo-Rei. [AB, A1+]

Relativamente a este uso indevido da preposição *em*, é nos exercícios de elicitación que se registam a maioria dos casos, tanto em aprendentes de nível A1+, como de nível A2+. Os exemplos que aqui transcrevemos são os únicos que identificámos nos exercícios de escrita.

Exemplos de uso de *de* em vez de *para*:

(34)

a) ***Eu vou do*** trabalho de carro do Parlamento. [E, A1+]

Neste caso particular, foram apenas três os casos de uso de *de* em vez de *para*, sendo este o único registado nos exercícios de escrita; os restantes encontram-se ao nível dos exercícios de elicitación e ambos pertencem a aprendentes de nível A1+.

No que diz respeito ao verbo *vir*, no gráfico 4.14 estão representados os resultados obtidos.

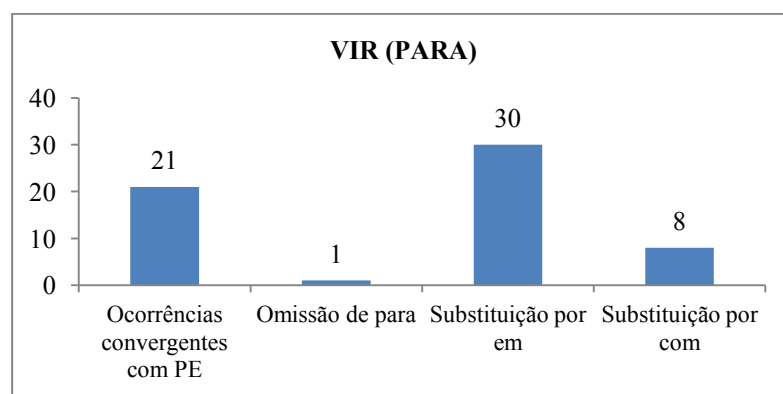


Gráfico 4.15: Resultados relativos a *vir* (*para*) (A1+, A2+).

A primeira observação a fazer prende-se com o número superior de desvios relativamente ao número de casos convergentes com a norma europeia de referência. São os desvios por substituição da preposição que surgem de forma mais recorrente, sendo a preposição preferida, neste caso, a preposição *em*, seguida pela preposição *com*. O único caso

de desvio por omissão é de um aprendente de nível A2+ (*Eu venho trabalho normalmente às 7h30 [I, A2+]*).

Os exemplos de desvios por substituição da preposição registados em frases produzidas pelos aprendentes são os que se transcrevem em seguida. Os restantes casos encontram-se no âmbito dos exercícios de elicitación. Todos os desvios deste tipo foram registados por aprendentes de nível A1+.

(35)

- a) *Eu venho de mota em Parlamento. [AD, A1+]*
- b) *Eu venho em Parlamento nacional com mota do meu marido. [O, A1+]*
- c) *Os portugueses vem aqui em Timor para colonia Timor. [G, A1+]*

Para finalizar este subcapítulo, resta-nos verificar se também com o verbo *voltar* se usam os mesmos padrões de seleção relativamente à preposição argumental. No gráfico 4.16 estão plasmados os resultados obtidos no *corpus*.

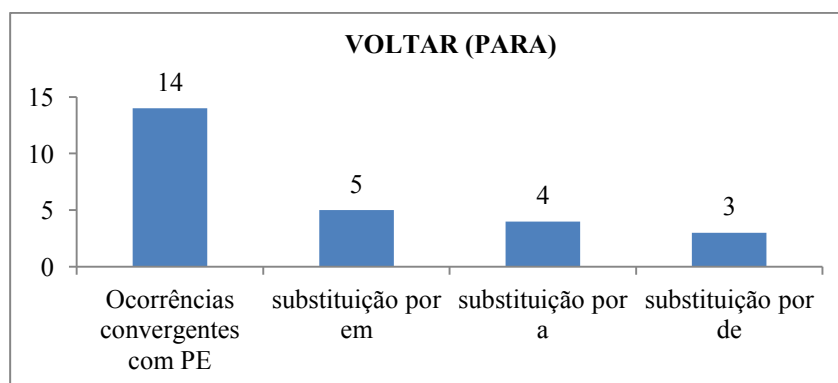


Gráfico 4.16: Resultados relativos a *voltar (para)* (A1+, A2+).

O número de usos convergentes é claramente maior do que o número de usos divergentes, contrariamente ao que verificámos com o verbo anteriormente descrito. Não foi identificado qualquer caso de omissão da preposição, sendo que a preposição mais vezes selecionada para substituir *para* foi, também, *em*, seguindo-se *a*. Convém referir aqui que também este verbo não foi incluído, por lapso, na lista de verbos para produção de frases, o que poderá justificar estes resultados, nomeadamente no que diz respeito à ausência de desvios por omissão da preposição. No entanto, sublinhamos que nas frases retiradas dos textos produzidos pelos aprendentes perante estímulo da docente também não se registou qualquer desvio desse tipo.

Vejamos alguns exemplos elucidativos dos desvios por substituição da preposição:



(36)

- a) Quando **voltar na** casa vou tomar banho e começa preparar a jantar. [D, A1+]  
b) **Volto em** casa às 08 da noite. [C, A1+]

A preposição *em* é a que surge mais vezes em vez da preposição *para*, no entanto, a diferença numérica não é muito significativa. Será interessante observar, em trabalhos futuros, se, com este verbo, *em* é, de facto, a preposição selecionada preferencialmente pelos aprendentes timorenses de PLS, como parece ser com o verbo *chegar*.

(37)

- c) Quando **volta a** casa eu tem que ser arrumar a loiça em casa, lava roupa. [F, A1+]  
d) E neste momento **voltei a** Dili. [BH, A1+]

Relativamente à troca de *para* por *a*, já sublinhámos relativamente aos verbos *ir* e *vir* que, até certo ponto, a gramaticalidade não é grandemente afetada, na medida em que ambas as preposições são regidas por estes verbos e partilham traços semânticos. Todos os desvios registados pertencem a aprendentes de nível A1+.

A substituição de *para* por *de* regista-se apenas nos exercícios de elicitção.

#### 4.2.6. Desvios ao nível da preposição *por*

A preposição *por* introduz um complemento oblíquo selecionado pelo verbo *apaixonar-se* (verbo de 2 lugares com esquema relacional S-V-Obl) e funciona como marcador de caso oblíquo.

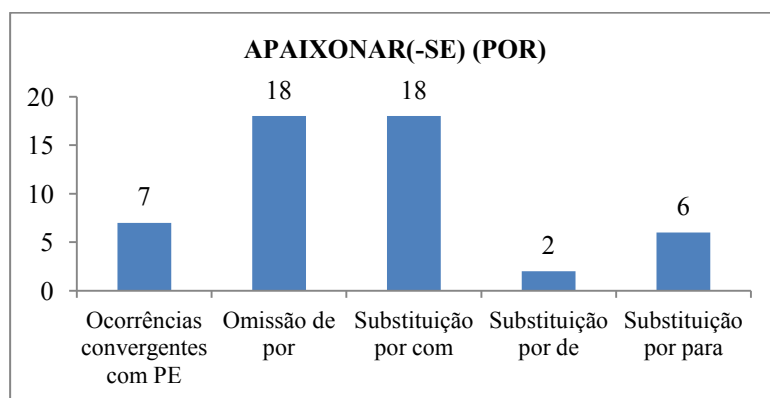
Na tabela 15, apresentamos os resultados encontrados no *corpus* que constitui a base da presente dissertação.

Prep	Nível	OC	OD		Percentagem	Percentagem
			Omissão	Substituição	OC/nível	OD/nível
Por (58)	A1+	4	21	26	8%	92%
	A2+	2	1	3	33%	67%

**Tabela 15:** Distribuição do número de ocorrências convergentes e divergentes por nível de ensino-aprendizagem: preposição *por*.

Relativamente a esta preposição, como se pode verificar na tabela, a percentagem de desvios é muito superior à percentagem de usos em conformidade com a norma do português que usamos como referência, tanto no nível A1+ (92%), como no nível A2+ (67%). Sugerimos, anteriormente, que tal facto pode dever-se à complexidade inerente à estrutura do verbo que selecciona esta preposição.

No gráfico 4.17, veremos de que forma é que os desvios registados se distribuem.



**Gráfico 4.17:** Resultados relativos a *apaixonar(-se) (por)* (A1+, A2+).

O total de desvios por substituição da preposição é superior ao número de desvios por omissão e ao número de usos convergentes relativamente à norma de referência.

Os desvios por omissão (18) acontecem essencialmente nos exercícios de escrita a partir de lista de verbos fornecida pela docente e em aprendentes do nível A1+. Eis alguns exemplos:

(38)

- a) *O professor José **apaixona-se** uma menina timorense.* [AR, A1+]
- b) *Eles **apaixonam-se** as famílias.* [V, A1+]
- c) *O João **apaixona-se** seu namorada.* [Z, A1+]

Relativamente aos desvios por substituição da preposição, eles encontram-se nos dois exercícios de escrita, uma vez que este verbo não foi incluído nos exercícios de elicitación com preposição em alternativa.

A preposição mais vezes seleccionada pelos aprendentes timorenses de PLS é a preposição *com*, também por aprendentes de nível A2+ (3), seguindo-se, em número muito menor de vezes, a preposição *para* e *de* (apenas por aprendentes de nível A1+).

(39)

- a) *Nunca me **apaixonar com** você.* [AS, A1+]

- b) *Quando namoro com meu marido apaixonar-se com ele todo o dia. [BP, A1+]*  
 c) *O António apaixonou-se com a Maria. [I, A2+]*  
 d) *Eu apaixono-me com o meu marido. [I, A1+]*

(40)

- a) *A menina apaixonou-se para o meu colega. [AM, A1+]*  
 b) *Eu apaixonado para você. [G, A1+]*

(41)

- a) *Ela sempre apaixonou-se de me. [Q, A1+]*

#### 4.2. Síntese relativa aos desvios no uso de preposições argumentais

Analisados os resultados obtidos no *corpus* que serve de base à presente dissertação, é possível delinear algumas regularidades ao nível dos desvios registados no uso das preposições argumentais regidas por verbos de 2 (ou 3) lugares que selecionam complemento oblíquo.

Esquema relacional/verbo S-V-OBL	PE	Omissão	Substituição por							Total
			<i>a</i>	<i>com</i>	<i>de</i>	<i>em</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>sobre</i>	
<i>Chegar</i>	a	8	-	1	13	62	10	-	-	94
<i>Ir</i>	a	8	-	-	1	1	9	-	-	19
<i>Vir</i>	a	6	-	-	1	2	3	-	-	12
<i>Assistir</i>	a	52	-	-	-	2	-	-	1	55
<b>Concordar</b>	<b>com</b>	<b>16</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>32</b>
Gostar	de	44	7	11	-	-	8	-	-	70
Esquecer-se	de	42	10	5	-	1	7	-	-	65
Lembrar-se	de	54	10	6	-	5	10	-	-	85
Precisar	de	10	4	3	-	-	10	-	-	27
Sair	de	1	4	-	-	16	3	-	-	24
Morar	em	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Ir	para	4	18	2	3	13	-	-	-	40
Vir	para	1	-	8	-	30	-	-	-	39
Voltar	para	-	4	-	3	5	-	-	-	12
Apaixonar-se	por	18	-	18	2	-	6	-	-	44
Total		265	57	54	25	137	76	1	4	619
Total omissão										265
Total substituição										354

**Tabela 16:** Quadro-síntese dos desvios.

Relativamente aos desvios relacionados com a seleção da preposição *a*, distinguem-se genericamente dois tipos de escolha por parte dos aprendentes timorenses de PLS. A distinção entre as opções tomadas pelos aprendentes com que trabalhamos deverá ter em consideração o papel temático do complemento oblíquo que a preposição introduz e o verbo que a rege.

Quando a preposição introduz um constituinte com papel temático locativo, não dinâmico, nomeadamente com o verbo *assistir*, e é menos robusta semanticamente, a opção mais recorrente é a da omissão da preposição (52). Há efetivamente, também, alguns desvios por substituição da preposição (3), mas em número muito menos significativo.

Nos casos em que a mesma preposição é mais robusta semanticamente e introduz complemento oblíquo com papel temático de meta ou alvo, nomeadamente com verbos de movimento, e ainda que alguns aprendentes também omitam a preposição, é ao nível da substituição que os desvios mais se destacam.

No que ao verbo *chegar* diz respeito (cf. tabela 13), verificam-se ainda alguns casos de omissão (8) da preposição. Ainda assim, a opção preferencial recai sobre a preposição *em* (62), à semelhança do que acontece noutras variedades do português (PB, PA, PM, PST), mesmo que as preposições *para* (10) e *de* (13) sejam igualmente selecionadas algumas vezes.

Em relação aos verbos *ir* e *vir*, a opção pela preposição *em* é menos recorrente (1 e 2, respetivamente), sendo de sublinhar que a opção pela preposição *para*, em proporção, parece ser a preferida pelos aprendentes timorenses com ambos os predicadores (9 e 3, respetivamente). A preposição *de* é selecionada apenas uma vez por cada predicador.

No que diz respeito à preposição *com*, será interessante verificar como é usada com outros predicadores verbais, porquanto só a observámos com o verbo *concordar*. Com este predicador, funcionando como marcador de caso oblíquo, o desvio mais frequente é o da omissão da preposição (16), ainda que se verifiquem também casos de substituição, nomeadamente por *para* (10), *sobre* (3), *de* (2) e *por* (1).

A preposição *de* foi a mais usada nos exercícios que deram origem ao nosso *corpus*. É marcador de caso oblíquo quando selecionada pelos verbos *gostar*, *lembrar(-se)*, *esquecer(-se)* e *precisar* e, nesses casos, o desvio mais recorrente é o da omissão da preposição. Relativamente ao verbo *gostar* e *precisar*, devemos registar que, quando o desvio por substituição de preposição foi identificado, as escolhas dos aprendentes variaram entre a preposição *com*, *para* e *a*. Com os verbos *esquecer(-se)* e *lembrar(-se)*, além das já referidas, os aprendentes também selecionaram a preposição *em*.

A preposição *de* parece ser substituída por *para* sempre que rege um constituinte oracional cujo verbo está no infinitivo.

Quando a preposição *de* introduz complemento oblíquo com papel temático de fonte ou origem, selecionado pelo verbo *sair*, os desvios por substituição da preposição são os mais numerosos, com as preposições *em*, *a* e *para* a surgirem como as preferidas destes aprendentes. Note-se que todas as preposições escolhidas pelos aprendentes carregam traços semânticos de locativo, distinguindo-se pelo caráter dinâmico ou estático, mas assumindo papéis temáticos bem diferentes. São praticamente inexistentes os casos de omissão da preposição, com este verbo.

A preposição *em* é a que apresenta uma maior percentagem de usos convergentes com a norma europeia do português que usamos como referência, sendo a única ocorrência desviante devida à omissão da preposição. Tratando-se de um exemplo único podemos, inclusivamente, pensar que se deveu a um lapso pontual do aprendente. Será interessante verificar, em trabalhos futuros, como é que esta preposição é usada quando selecionada por outros predicadores verbais.

Em relação à preposição *para*, que introduz complemento oblíquo com papel temático de meta/alvo, quando selecionada pelo verbo *ir*, e ainda que se registem alguns casos de omissão da preposição, é a substituição que regista o maior número de casos desviantes. A preposição *a* surge como a que mais vezes é selecionada (18), seguindo-se a preposição *em* (13). *Com* e *de* também entram no leque das preposições escolhidas, mas em número significativamente menor. Com o verbo *vir*, a preposição mais vezes escolhida é *em*, seguindo-se *com*. Identificámos apenas um caso de omissão da preposição. Relativamente ao verbo *voltar*, apesar do menor número de ocorrências, os desvios identificados devem-se todos ao uso indevido de preposição, sendo que a mais vezes escolhida foi a preposição *em*, seguida de *a* e *de*.

Para terminar esta síntese, referimo-nos à preposição *por*. Os desvios por omissão da preposição são tão frequentes (18) como os desvios por uso da preposição *com*. Em número muito menos significativo surge a sua substituição por *para* e *de*.

## **5. Observações finais**

Ao longo da presente dissertação, foi nosso objetivo descrever as estratégias de complementação de verbos de 2 (ou 3) lugares que selecionam complemento oblíquo adotadas por aprendentes timorenses de PLS. Pretendíamos, deste modo, contribuir para o

conhecimento de um aspeto sintático-semântico do português em Timor-Leste, identificando as ocorrências convergentes e divergentes relativamente à norma europeia que usámos como referência.

Tratando-se de uma das áreas críticas no âmbito do ensino-aprendizagem do Português Língua Não Materna (PLNM), interessava-nos comparar os desvios identificados nas interlínguas dos nossos aprendentes com as descrições já efetuadas sobre as VNN em mais adiantado estado de desenvolvimento histórico e também sobre dados de aprendentes de PLE.

No primeiro capítulo, apresentámos os objetivos gerais do nosso trabalho e tentámos traçar o perfil atual do falante de português em Timor-Leste. Seguiu-se um capítulo de cariz teórico-descritivo em que apresentámos os principais conceitos a ter em consideração na apresentação e discussão dos dados empíricos. No capítulo 3 foram descritas as metodologias que serviram para a recolha e o tratamento dos dados que descrevemos de forma quantitativa e qualitativa no capítulo 4. A descrição dos dados começou por uma apresentação geral dos usos convergentes e divergentes registados de acordo com o nível de ensino dos aprendentes, passando depois a uma descrição/discussão dos resultados relativamente a cada uma das preposições e a cada verbo regente. Comparou-se, sempre que possível, os dados obtidos junto dos aprendentes timorenses com dados conhecidos de VNN e de PLE.

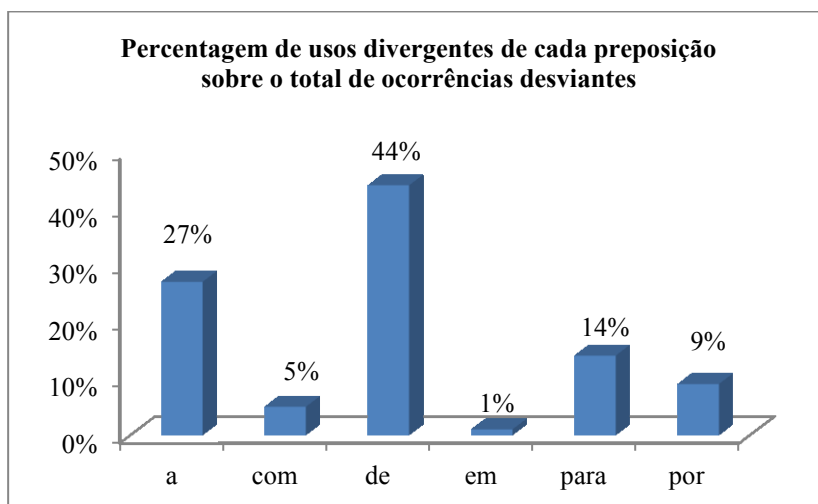
Na introdução ao presente trabalho foram colocadas algumas questões às quais, com base na descrição e discussão dos resultados que fizemos no capítulo anterior, podemos agora responder de forma sistematizada. Recordaremos cada uma dessas questões, sintetizando, de seguida, os contributos que colhemos, neste estudo, para as respetivas respostas:

1. Quais as preposições que sofrem mais/menos desvios?
2. Que tipos de desvios (omissão, substituição ou adição) atingem preferencialmente cada preposição?
3. Será que o perfil sintático-semântico das preposições, bem como o do predicador que as seleciona podem justificar os desvios encontrados?
4. Que semelhanças/diferenças existem entre as interlínguas dos aprendentes timorenses de PLS e as variedades não nativas do português (VNN), por um lado, e as interlínguas dos aprendentes de PLE, por outro?

Pretendíamos verificar, em primeiro lugar, qual é, neste contexto particular de ensino-aprendizagem, a preposição argumental mais problemática, ou seja, aquela que é mais recorrentemente usada de forma divergente. Nesta fase do percurso da nossa investigação,

podemos responder de duas formas diferentes, conforme a perspectiva adotada face aos resultados.

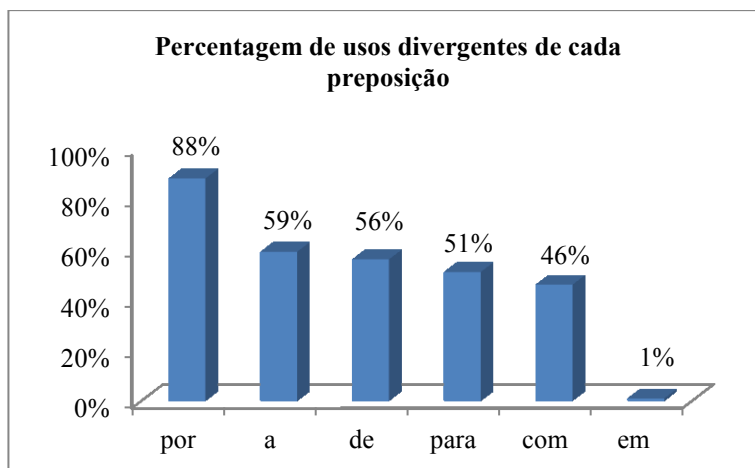
Em primeiro lugar, e se contabilizarmos todos os usos divergentes de todas as preposições, verificamos que a preposição com maior percentagem de usos desviantes é *de* como se pode depreender da observação do gráfico 5.1.



**Gráfico 5.1:** Percentagem de usos divergentes de cada preposição sobre o total de ocorrências desviantes

Efetivamente, *de* é a preposição que mais se destaca, com 44% de ocorrências divergentes, sendo também a mais usada pelos aprendentes com quem trabalhamos. Seguem-se as preposições *a*, com 27%, *para*, com 14%, *por*, com 9%, e *com*, com 5% de usos divergentes. A preposição *em* é claramente a que menos problemas coloca a estes aprendentes de PLS, nomeadamente com o verbo *morar*. Será interessante, em investigações futuras, verificar de que forma esta preposição é usada com outros predicadores verbais, introduzindo constituintes com o mesmo papel temático ou outros.

No entanto, se olharmos para os resultados de cada preposição, individualmente, ou seja, se calcularmos a percentagem de usos divergentes sobre o total de usos de cada preposição, verificamos que a preposição *por* é, na realidade, a que mais dificuldades causou aos aprendentes timorenses de PLS (88%). No gráfico 5.2. constam as percentagens de usos divergentes de cada preposição.



**Gráfico 5.2:** Percentagem de usos divergentes de cada preposição.

Nesta perspetiva, seguem-se as preposições *a*, com 59%, *de*, com 56%, *para*, com 51% e *com*, com 46% de usos divergentes em relação ao PE.

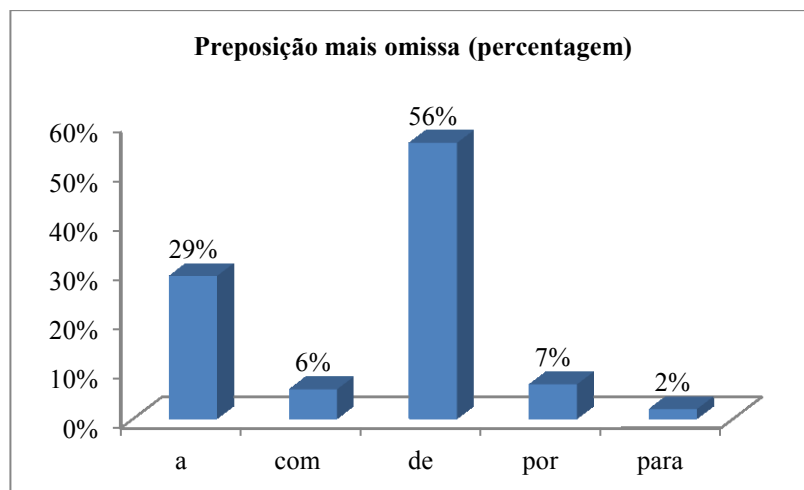
Estamos em crer, como avançámos no capítulo 4, que a elevada percentagem de usos divergentes da preposição *por* se deve aqui ao facto de ser regida por um único verbo que tem uma estrutura complexa e que costuma ser trabalhado apenas em níveis mais avançados de ensino-aprendizagem. Uma investigação mais ampla que abranja outros predicadores verbais e em que a preposição introduza constituintes com outros papéis temáticos poderá ajudar a perceber se, de facto, esta é uma preposição cujo uso pelos aprendentes timorenses de PLS se afasta efetivamente da norma europeia e em que moldes.

As preposições *a*, *de* e *para* são, também no contexto timorense, preposições que surgem muito recorrentemente em usos divergentes, como acontece nas VNN e em PLE, tal como referimos nos capítulos 2 e 4.

No que concerne aos tipos de desvios (omissão, substituição ou adição) que atingem preferencialmente cada preposição, a primeira observação relevante é o facto de não se ter verificado qualquer registo de adição indevida de preposições. Aliás, registou-se, isso sim e inversamente, uma tendência para a sua omissão e mais expressivamente para a sua substituição.

No gráfico 5.3 estão patentes as percentagens relativas à totalidade de desvios por omissão de cada preposição.





**Gráfico 5.3.:**Preposição mais omissa (percentagem).

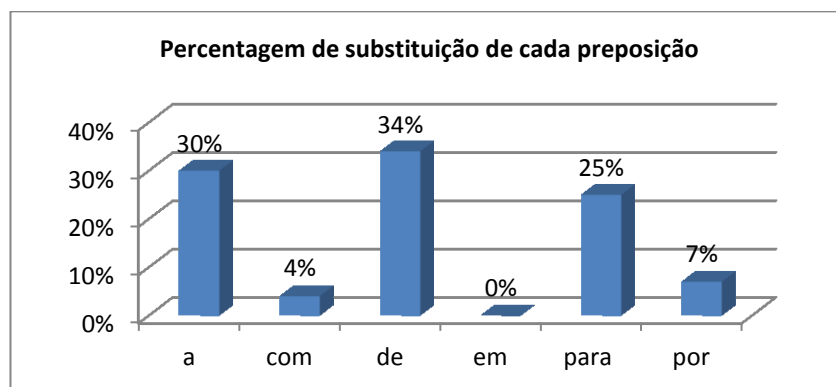
É visível que a preposição que mais vezes surge em desvios por omissão é a preposição *de*, seguindo-se *a* e, com percentagens bastante menores, *por*, *com* e *para*.

Este desvio parece afetar preferencialmente preposições pouco robustas semanticamente que desempenham a função gramatical de marcador de caso oblíquo, no caso concreto do presente estudo.

A preposição *em*, por ter sido suprimida apenas uma vez por um aprendente de nível mais avançado, não foi aqui colocada uma vez que temos alguma dificuldade em afirmar se se trata, de facto, de um desvio ou se não teria sido apenas um lapso de escrita.

No que diz respeito aos usos divergentes por substituição, quisemos perceber sobre que preposições recaíam as escolhas dos aprendentes timorenses de PLS de forma a identificar possíveis padrões de seleção.

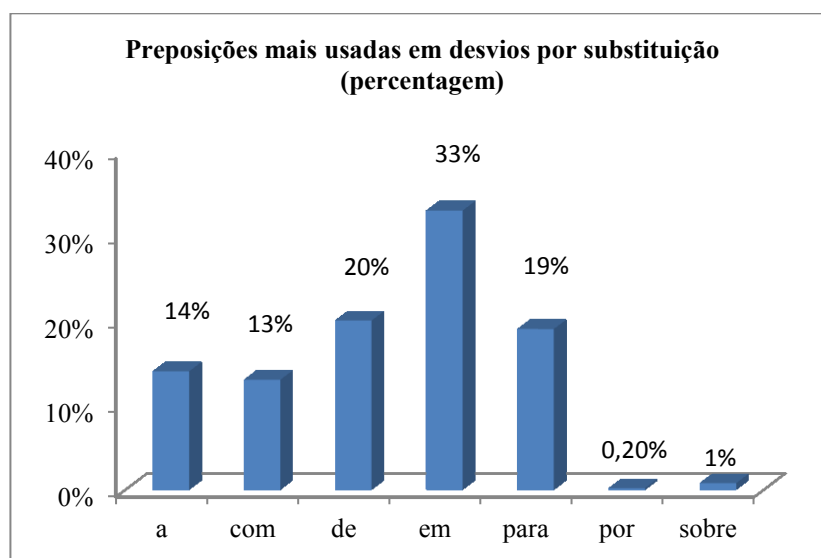
Em primeiro lugar, e como podemos constatar no gráfico seguinte, a preposição mais frequentemente substituída foi *de*, com 34% de casos, seguindo-se as preposições *a* (30%), *para* (25%), *por* (7%) e *com* (4%). A preposição *em* nunca foi substituída por nenhuma outra.



**Gráfico 5.4:** Percentagem de substituição de cada preposição argumental

Pelos dados apurados, parece-nos que os aprendentes timorenses de PLS tendem a substituir com mais regularidade as preposições menos robustas semanticamente, como é o caso de *de*, *por*, *com*, ao mesmo tempo que também substituem *a* e *para*, quando selecionadas por verbos de movimento, resultando, então, em enunciados aceitáveis gramaticalmente.

No gráfico 5.5 podemos verificar que a preposição *em* é a preposição mais frequentemente usada para substituir preposições argumentais neste estudo. Menos recorrente é o uso de *de*, *para*, *a* e *com*. *Por* e *sobre* apresentam uma percentagem de uso muito pouco significativa.



**Gráfico 5.5.:**Preposições mais usadas em desvios por substituição (percentagem).

Nos dados que analisámos, ao nível dos desvios registados por substituição de preposição, sublinhamos duas grandes tendências.

Em primeiro lugar, a preposição *em* parece ser a escolhida para introduzir argumentos locativos com verbos de movimento, como *chegar*, *vir*, *voltar* e, de forma menos expressiva, *ir* precisamente como parece verificar-se nas VNN em que este aspeto já se encontra descrito.

*Para*, além de, por vezes, ser usada para substituir a preposição *a*, quando ambas são selecionadas por verbos como *ir*, *vir*, *voltar*, não resultando sempre em construções agramaticais, é também a preposição preferida a outras para a introdução de argumentos oracionais não finitos, nomeadamente com os verbos *gostar* e *precisar*.

Além destas duas grandes tendências, é importante registar que a preposição *de* é usada em argumentos locativos, normalmente com verbos de movimento que também

admitem a sua seleção, além de poder surgir em vez de *para* com verbos de movimento, parece ser uma das opções dos aprendentes timorenses de PLS para substituir preposições que funcionam como marcadores de caso, o mesmo acontecendo com as preposições *com* e *por*.

Parece confirmar-se a hipótese avançada por Cabral (2005), nomeadamente a de que a robustez semântica de uma preposição, ou seja, a facilidade que existe em identificar o(s) respetivo(s) traço(s) semântico(s) está intimamente relacionada com o seu uso convergente ou divergente em relação a uma determinada norma de referência.

Como seria de esperar, o maior número de usos divergentes em relação ao PE que registámos ocorre nos exercícios produzidos por aprendentes de nível A1+, ainda que seja muito significativa, também neste segmento da amostra, a percentagem de usos em conformidade com a norma de referência. Nos exercícios produzidos por aprendentes de nível A2+, o número de usos divergentes é inferior ao número de usos convergentes com a norma europeia, sendo que os desvios por omissão parecem estar a desaparecer. O volume de dados recolhidos junto de aprendentes com este nível de ensino-aprendizagem não nos permite, no entanto, fazer outro tipo de observação em relação à hipótese do desaparecimento de desvios por omissão da preposição, mas em trabalhos futuros esta poderá ser uma hipótese a testar.

Temos consciência de que a base empírica reduzida, as dificuldades metodológicas assinaladas ao longo do trabalho e o nosso desconhecimento das LM dos aprendentes timorenses com quem trabalhamos são algumas das limitações que condicionam à partida as conclusões que retiramos na presente investigação. Contudo, a descrição e a reflexão que agora apresentamos servirão de base para análises comparativas futuras, contribuirão para o conhecimento de um aspeto sintático-semântico da variedade do português que começa a usar-se em Timor-Leste, bem como poderão auxiliar os docentes que trabalham com aprendentes timorenses destes ou de outros níveis de ensino-aprendizagem.

## Bibliografia

ALBUQUERQUE, Davi Borges (2011) O Português de Timor-Leste: contribuições para o estudo de uma variedade emergente. *PAPIA 21 (1)*: 65-82.

ALBUQUERQUE, Davi Borges (2012) Esboço morfossintático do português falado em Timor-Leste. *Moderna Sprak*, 106, (1): 1-10. Obtido de <http://ojs.ub.gu.se/ojs/index.php/modernasprak/article/view/1180/1020>.

ALBUQUERQUE, Davi Borges (2014) Influências da L1 nativas no português de Timor-Leste: um estudo dos marcadores verbais. *Signótica*, Jan./Jul.:111-121.

ANÇÃ, Maria Helena (1999) Da língua materna à língua segunda. *NOESIS*, 51. Obtido de <http://area.dgidec.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier1.htm>

BATORÉO, Hanna Jakobowicz (2009) A Língua Portuguesa em Timor: De que forma deve o ensino de português adaptar-se às diferentes realidades nacionais? *Estudos Lingísticos/Linguistic Studies*, 4: 51-62.

BATORÉO, Hanna Jakobowicz (2010a) Ensinar Português no Enquadramento Poliglóstico de Timor-Leste. *Palavras*, 37: 55-65.

BATORÉO, Hanna Jakobowicz (2010b) Funções do marcador polissémico 'já' no Português de Timor-Leste: Importância do conhecimento da(s) língua(s) materna(s) dos aprendentes do Português L2 no processo da aquisição/aprendizagem da língua não-materna. In *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL: 211-224.

BATORÉO, Hanna Jakobowicz (2011a) Funções da construção 'é que' no Português de Timor: Para conhecimento das características linguísticas da(s) língua(s) materna(s) (L1) dos aprendentes do Português LNM. In *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CD-ROM, ISBN-13:978-9899744004. Obtido de [http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/bib\\_timor/Batoreo\\_2011\\_APL.pdf](http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/bib_timor/Batoreo_2011_APL.pdf).

BATORÉO, Hanna Jakobowicz (2011b) What do we know of Portuguese as a pluricentric language? Portuguese language usage in East Timor: The case of the polysemous marker 'já' and evidence of language contact in East Timorese written L2 texts. In Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (eds.), *Línguas Pluricêntricas: Variação*

*Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociognitive Dimensions*. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa: 127-136.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2012) Plurilinguismo timorense e a língua portuguesa dez anos depois da independência. In Roberval Teixeira e Silva,; Qiarong Yan, Maria Antónia Espadinha e Ana Varani Leal (eds.), *III SIMELP: A formação de novas gerações de falantes de português no mundo*. China, Macau: Universidade de Macau.

BECHARA, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.<sup>a</sup> edição, revista e ampliada, Rio de Janeiro: Lucerna.

BRITO, Ana Maria (2003) O sintagma preposicional. In Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho: 391-403.

BUSQUETES, Vera (2007) «*Eu Queria muito aprender português mais*» – *aspectos da Língua Portuguesa em uso em Timor-Leste pós-independência*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

CABRAL, Lisender Augusto Vicente (2005) *Complementos verbais preposicionados do português em Angola*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CANÇADO, Márcia (2009) Argumentos: complementos e adjuntos. *Alfa*, 53 (1): 35-59.

CARVALHO, Maria José (1988) Empregos de V PREP N em deriva no português oral de Maputo. *Limani, Linguística e Literatura* (4): 9-28.

CARVALHO, Maria José Albarran (2003) O Português em Timor Lorosa'e. *Palavras*, 23: 49-69.

COSTA, Luís (1995) O Português em Timor e o Português de Timor. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14: 51-52.

COSTA, Luís (2000) *Dicionário de Tétum-Português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1997) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 13.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Sá da Costa.

DUARTE, Inês., *et al.*. (2004) Predicados complexos e ensino do português europeu como língua não-materna. *Palavras*, 26: 39-44.

DUARTE, Inês e BRITO, Ana Maria (2003) Predicação e classes de predicadores verbais. In Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho: 179-204.

FREITAS, António Rafael da Silva Fernandes de (2013) *Uma abordagem da regência preposicional na aula de PLE*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto:. Obtido de <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72333>.

GONÇALVES, Anabela e RAPOSO, Eduardo Paiva Buzaglo (2013) Verbo e sintagma verbal. In Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et al.*, *Gramática do Português*, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 1155-1217.

GONÇALVES, Liliana Maria do Vale Cerqueira Faria (2011) *A formação da interlíngua dos aprendentes chineses: aprendizagem do uso do pretérito imperfeito versus pretérito perfeito simples do indicativo*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GONÇALVES, Rita (2010 a) *Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, Rita (2010 b) A preposição *a* no português de S. Tomé. In Ana Maria Brito; Fátima Silva, João Veloso e Alexandra Fiéis (org.) *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri:475-486.

GONÇALVES, Perpétua (1989a) A fixação do sistema de marcação casual do português em Moçambique. Direção da Associação Portuguesa de Linguística (org.) *Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística: 73-90.

GONÇALVES, Perpétua (1989b) A variação do português dentro do português. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1: 15-20.

GONÇALVES, Perpétua (1989c) Situação linguística em Moçambique – Opções de escrita. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 2: 26-30.

GONÇALVES, Perpétua (1990) *A construção de uma gramática do português em Moçambique: Aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, Perpétua (1996a) Aspectos da sintaxe do português de Moçambique. In Isabel Faria, Emília Pedro, Inês Duarte e Carlos Gouveia (orgs.) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho: 313-322.

GONÇALVES, Perpétua (1996b) *Português em Moçambique: Uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da UEM.

GONÇALVES, Perpétua (1997) Tipologia de “erros” do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In Christopher Stroud e Perpétua Gonçalves (orgs.) *Panorama do Português Oral de Maputo*. Vol. II: *A construção de um banco de “erros”*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação: 37-70.

GONÇALVES, Perpétua (org.) (1998) *Mudanças do português em Moçambique: Aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo: Livraria Universitária/Universidade Eduardo Mondlane.

GONÇALVES, Perpétua (1999) A génese de línguas formadas em contextos multilingues: Uma abordagem paramétrica. In Ernesto d’Andrade, Dulce Pereira e Maria Antónia Mota (orgs.) *Crioulos de base portuguesa – Actas do Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa..* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística: 247-257.

GONÇALVES, Perpétua (2010) *A génese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM.

HULL, Geoffrey (2004) *The Languages of Timor, Some Basic Facts*. Obtido de [http://www.catedraportugues.uem.mz/?\\_\\_target\\_\\_=lista-bibliografia-timor-leste](http://www.catedraportugues.uem.mz/?__target__=lista-bibliografia-timor-leste)

HULL, Geoffrey (2005) *Gramática da Língua Tétum*. Lisboa: Lidel.

KOMKOVA, INNA (2014) *Localização temporal de adjuntos de natureza não oracional introduzidos por conetores do tipo preposicional: elementos para uma gramática de PLE*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Obtido de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/18107>.

LEIRIA, Isabel (2004) Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. Idiomático. *Revista Digital de Didáctica de PLN*, 3. Centro Virtual Camões.

LEIRIA, Isabel (2006) *Léxico, aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*. Lisboa: FCG/ FCT.

LEIRIA, Isabel (2007) Português em África/Português de África? *Roma* (3): 1-11, Obtido de [http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/ROMA\\_Portugues\\_de\\_Africa.pdf](http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/ROMA_Portugues_de_Africa.pdf)

LEÓN ACOSTA, J. e LEIRIA, Isabel (1997) O papel dos conhecimentos prévios na aquisição de uma língua não materna. *Polifonia* (1): 57-80.

MARTINS, Cristina (2008) O papel diferenciado de subsistemas de memória de longo prazo nos processos de aquisição e de aprendizagem de uma L2 - O modelo declarativo/procedimental e as suas consequências para o ensino de línguas não maternas. *A Linguagem na Pólis*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos: 1-19.

MARTINS, Cristina e Isabel Pereira (2011) Metodologias de ensino de PL2 à medida dos aprendentes. In Cristina Flores (org.) *Múltiplos Olhares Sobre o Bilinguismo*. Braga: Edições Húmus: 45-65.

MARTINS, Cristina (2015) Número e género nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes de português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Série Letras e Ciências Sociais*, 1: 26-51.

MATIAS, Carla Sofia Andrade Vicente (2014) *Os usos espaciais das construções com preposições em português língua não materna*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta. Obtido de <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3319>

MILETIC, Radovan (2008) *Aquisição de preposições em português língua segunda/língua estrangeira: o caso dos falantes nativos de língua sérvia*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Obtido de <http://run.unl.pt/bitstream/10362/9819/1/radovan.pdf>

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do (2008) Aspectos da unidade e diversidade do Português: as variedades africanas face à variedade europeia. *Veredas*, 9: 35-60.

PERES, João Andrade e MÓIA, Telmo (1995) *Áreas críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (2013) Estrutura da frase. In Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et al.*, *Gramática do português*. vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 303-390.



RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva, XAVIER, Maria Francisca (2013) Preposição e sintagma preposicional. In. Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et al.*, *Gramática do português*. vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 1497-1568.

WANLAN, Liang (2015) *Estratégias de complementação verbal na(s) interlíngua(s) de aprendentes chineses de PLE*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

WU, Linjun (2014) *A aquisição das preposições em português por estudantes de língua materna chinesa*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

**Sítios consultados na internet:**

Dicionário Terminológico para consulta em linha: <http://dt.dge.mec.pt/>

*Português Fundamental*: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/84-spoken-corpus-qportugues-fundamental-pfq-r>

<http://catedraportugues.uem.mz>

## **ANEXOS**

## Anexo I: Inquérito sociolinguístico

### Inquérito

1. Sexo:

Masculino	
Feminino	

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Naturalidade:

---

4. Língua/s materna/s:

---

---

---

5. Línguas faladas:

Tétum: \_\_\_\_\_ Português: \_\_\_\_\_ Bahasa-indonésio:  
\_\_\_\_\_ Inglês: \_\_\_\_\_

Outra/s:

---

6. Escolaridade:

Escola primária (até 4.ª classe)	
Ensino pré-secundário	
Ensino secundário	
Bacharelato	
Licenciatura	
Mestrado	

Doutoramento	
--------------	--

7. Em que língua fez o ensino primário/secundário/universitário?

Ensino primário	Ensino secundário	Ensino Universitário

8. Viveu fora de Timor? SIM \_\_\_\_\_ NÃO \_\_\_\_\_

8.1. Onde? Durante quanto tempo?

País	Durante



### **Anexo III: Texto escrito a partir de estímulo fornecido pela docente**

Leia o seguinte texto

#### **Regresso ao Ramelau**

Muitos anos depois de ter partido para Cuba, onde estudou Medicina, Agostinha voltou a Timor, já licenciada como médica. As saudades que tinha da sua terra eram tantas que queria voltar a conhecer todo o seu país.

Agostinha regressou a Timor-Leste no dia 16 de agosto de 2013. Toda a sua família estava à sua espera no aeroporto internacional Nicolau Lobato. Os seus pais tinham lágrimas de felicidade nos olhos. Tinham passado oito anos sem a sua querida Agostinha que agora voltava para a sua terra já como médica. Os seus irmãos também lá estavam à espera, junto com os primos e com os amigos de escola de Agostinha.

Ao ver toda a gente, também Agostinha ficou com lágrimas de felicidade nos olhos. É tão bom estar de volta, pensou! Deu um abraço forte a toda a gente e beijou os seus pais como não fazia há oito anos. Depois, foram no carro dos pais de Agostinha para a sua casa e lá, tinha um almoço tradicional à sua espera.

Depois de almoçar, em conversa com os seus pais e irmãos, disse-lhes que queria voltar a ver os lugares mais bonitos do seu país. Eles ficaram muito contentes e começaram a preparar a viagem pelos distritos. Ficou decidido que o primeiro lugar a visitar seria o Monte Ramelau, onde podia ver todo o país e o nascer do sol. Assim, no dia 27 de agosto desse mesmo ano, começou a sua partida até ao topo de Timor-Leste.

A. Responda às seguintes perguntas.

1. Como se chama a menina da história?

---

2. Para onde foi estudar?

---

---

3. O que estudou?

---

---

1. Em que data regressou a Timor-Leste?

---

---

2. Quantos anos passou fora de Timor-Leste?

---

---

3. Quem esperava por Agostinha no aeroporto?

---

---

4. O que quer fazer Agostinha agora que regressou a Timor-Leste?

---

---

5. Qual foi o primeiro sítio que Agostinha decidiu visitar?

B. O texto que lhe apresentámos não terminou. Agora começa a aventura de Agostinha até ao Ramelau. Termine a história contando como foi a viagem de Agostinha até ao Ramelau. Fale sobre o caminho que fizeram, o tempo que demoraram, onde dormiram, como subiram até ao topo do monte e o que viram quando estavam lá em cima.

## Anexo IV: Exercícios de elicitación, com preposições em alternativa<sup>151</sup>.

### 1. Coloque as preposições A/ COM/ DE/EM e PARA no lugar certo.

Eu moro \_\_\_ Dili \_\_\_ a minha família. Nós somos \_\_\_ Same, mas viemos \_\_\_\_\_ Dili há 2 anos. Eu trabalho \_\_\_\_\_ Parlamento, mas também estudo \_\_\_\_\_ UNTL. Todos os dias eu acordo cedo \_\_\_\_\_ preparar o pequeno almoço e preparar os meus filhos \_\_\_\_\_ a escola.

Eles têm 6 e 10 anos e andam \_\_\_\_\_ escola primária. Quando acabam a escola eles vão \_\_\_\_\_ casa \_\_\_ minha mãe até eu sair das aulas. A minha mãe não trabalha e por isso fica \_\_\_\_\_ os netos quando saem \_\_\_\_\_ escola.

O meu marido trabalha \_\_\_\_\_ EDTL. Ele vai \_\_\_\_\_ o trabalho às 9h e sai às 18h. Quando há avarias ao fim de semana ele sai \_\_\_\_\_ casa \_\_\_\_\_ ir buscar os colegas e só volta quando o problema fica resolvido.

Eu saio \_\_\_ casa às 8h30 e trabalho \_\_\_ Parlamento até ao meio dia. Depois vou \_\_\_\_\_ a Universidade. Eu vou almoçar \_\_\_\_\_ os meus colegas \_\_\_ restaurante. Normalmente, eu vou \_\_\_\_\_ casa a pé às 17h30, mas às vezes vou \_\_\_ microlete. A casa \_\_\_ minha mãe é perto \_\_\_\_\_ minha casa, por isso eu passo sempre lá \_\_\_\_\_ visitar e \_\_\_\_\_ levar os meus filhos.

Depois de chegar a casa, preparo o banho \_\_\_\_\_ os meus filhos e depois faço o jantar. Eles gostam \_\_\_\_\_ comer peixe e arroz.

O meu marido volta \_\_\_\_\_ casa às 19h e quando ele chega nós jantamos. Depois, eu vou arrumar a cozinha e o meu marido \_\_\_\_\_ os meus filhos ficam a ver televisão. Nós vemos sempre as notícias na RTTL, \_\_\_ tétum e \_\_\_ português.

---

<sup>151</sup> Este exercício surgiu numa fase embrionária do presente trabalho, daí que tenham sido contemplados vários usos de preposições que não apenas as preposições argumentais regidas por predicadores verbais. Só depois de este exercício ter sido realizado pelos aprendentes é que foi definido o nosso objeto de estudo e, conseqüentemente, foi apenas nos exercícios seguintes que se reduziu o espectro para os contextos em que a preposição é argumental. Dadas as dificuldades em ter em aula sempre os mesmos formandos, decidimos incluir no *corpus* que serve de base a este estudo todos os exemplos em que a preposição é argumental, encontrando-se destacados a negrito.



## Anexo V: Exercícios de elicitación, com preposições em alternativa

Preencha os espaços em branco com as preposições: a, com, de, em, para e por.

1. A Maria vai \_\_\_\_\_ o Parlamento Nacional de manhã muito cedo.
2. Os funcionários vêm \_\_\_\_\_ o trabalho de carro.
3. A tua prima gosta muito \_\_\_\_\_ dançar.
4. Ela precisa \_\_\_\_\_ comprar um vestido para o casamento do irmão.
5. Eu lembro-me \_\_\_\_\_ carro amarelo.
6. Eu esqueço-me sempre \_\_\_\_\_ guarda-chuva.
7. O Presidente precisa \_\_\_\_\_ documento hoje de manhã.
8. Ele vem \_\_\_\_\_ mota, por isso chega \_\_\_\_\_ trabalho molhado.
9. A Teresa nunca se esquece \_\_\_\_\_ telemóvel.
10. Ele não gosta nada \_\_\_\_\_ receber mensagens da Timor Telecom.
11. Nós vamos \_\_\_\_\_ a praia no próximo domingo de manhã.
12. O motorista vai \_\_\_\_\_ a casa do Presidente às 7h.
13. Nós gostamos \_\_\_\_\_ ouvir música romântica.
14. A Inês lembra-se \_\_\_\_\_ acidente.
15. Eu venho \_\_\_\_\_ carro até aqui.
16. Eles precisam \_\_\_\_\_ fazer exercício para melhorar a saúde.
17. O deputado precisa \_\_\_\_\_ entregar os documentos para viajar.
18. A Maria vai \_\_\_\_\_ carro \_\_\_\_\_ o Parlamento.
19. Nós chegamos \_\_\_\_\_ trabalho muito cedo.
20. Eu e a minha prima vamos \_\_\_\_\_ microlete \_\_\_\_\_ casa.
21. A Teresa sai \_\_\_\_\_ casa às 7h45.
22. Eu chego \_\_\_\_\_ restaurante às 12h para almoçar com a minha amiga.
23. Nós precisamos \_\_\_\_\_ fazer uma carta.
24. A Tatiana gosta muito \_\_\_\_\_ bolos.
25. Ele esquece-se sempre \_\_\_\_\_ usar o cartão de identificação.
26. A menina lembra-se \_\_\_\_\_ ver o filme.
27. No domingo eu e a minha irmã vamos \_\_\_\_\_ Timor Plaza.
28. A Carolina gosta \_\_\_\_\_ dormir ao colo.
29. Os deputados concordam \_\_\_\_\_ as alterações propostas.
30. Nós vimos \_\_\_\_\_ biscota para Díli.
31. Eu sou de Bobonaro, mas moro \_\_\_\_\_ Taibessi.

**Anexo VI: Exercício de produção de texto a partir de estímulo fornecido pela docente:**

Num texto breve, e partindo da notícia que acabou de ler, reflita sobre a V Assembleia Parlamentar da CPLP, realizada aqui no Parlamento Nacional. Tente apontar questões positivas e negativas da organização deste evento e refira-se à sua própria experiência, enquanto funcionário do Parlamento Nacional.

---

---

---

---

## **Anexo VII: Exercício de produção de texto a partir de estímulo fornecido pela docente.**

Leia o texto com atenção e resolva os exercícios propostos.

### **Rotina diária**

O Manuel é timorense. Ele trabalha no Parlamento Nacional, na Divisão de Recursos Humanos. Ele é Funcionário Público. Normalmente ele chega ao Parlamento Nacional às 8h, mas começa a trabalhar às 8h30. De manhã, ele recebe cartas e as listas de presença dos funcionários e dos deputados. Ao meio dia ele vai almoçar com a família a casa.

Ele é de Viqueque, mas mora em Díli, em Comoro. Ele tem 35 anos, é casado e tem 2 filhos, um menino e uma menina. A mulher dele chama-se Luísa, tem 32 anos e trabalha no Ministério das Finanças. Ela é contabilista. O primeiro filho deles tem 5 anos e chama-se Paulo e a menina chama-se Carlota e tem 3 anos.

O Manuel e a Luísa acabam o trabalho às 17h30 e vão juntos para casa.

### **Responda às perguntas com frases completas:**

1. Qual é a nacionalidade do Manuel?

---

1. Onde trabalha o Manuel? E a mulher?

---

---

2. Qual é a profissão do Manuel? E da Luísa?

---

---

3. A que horas é que ele chega ao Parlamento Nacional?

---

4. A que horas começa a trabalhar?

---

5. O que é que ele faz de manhã?

---

---

6. Onde vai almoçar?

---

7. De onde é o Manuel?

---

8. Quantos anos tem a Luísa?

---

9. Quantos filhos têm?

---

10. Quantos anos tem a menina?

---

11. Como se chama o menino?

---

12. A que horas acabam o trabalho?

---

13. Ele vai sozinho para casa no fim do trabalho?

---

II.

**Escreva agora um texto semelhante ao que leu onde conte um dia normal da sua semana.**

**Anexo VIII. Exercício de produção de frases livres, a partir de lista de verbos fornecida pela docente.**

Construa frases com todos os verbos da lista que apresentamos.

Ver	Lembrar-se	Morar	Apaixonar-se	Falar
Gostar	Concordar	Chegar	Discutir	Escrever
Ir	Vir	Ouvir	Assistir	Esquecer-se

1. Deve escrever pelo menos uma frase para cada verbo;
2. Pode usar qualquer tempo verbal, assim como frases simples ou complexas.